



**Universidade Católica de Santos**

**Mestrado em Educação**

**O PERFIL DE UMA CIDADE: O ESPORTE FEMININO  
ESCOLAR NA DÉCADA DE 1950.**

**ELIANE GUIMARÃES DE CAMPOS PRATES**

**Santos**

**2008**

**Universidade Católica de Santos**

**Mestrado em Educação**

**O PERFIL DE UMA CIDADE: O ESPORTE FEMININO ESCOLAR NA  
DÉCADA DE 1950.**

**ELIANE GUIMARÃES DE CAMPOS PRATES**

Dissertação apresentada ao programa de Mestrado em Educação da Universidade Católica de Santos, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Área de concentração: Instituições, História e Processos de Gestão.

Orientador: Profa. Dra. Maria Aparecida Franco Pereira

**Santos**

**2008**

Dados Internacionais de Catalogação  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Católica de Santos - UNISANTOS  
*SibiU*

---

P912p Prates, Eliane Guimarães de Campos

O PERFIL DE UMA CIDADE: O ESPORTE FEMININO ESCOLAR NA  
DÉCADA DE 1950. / Eliane Guimarães de Campos Prates – Santos:  
[s.n.] 2008.

205f. ; 30 cm. (Dissertação de Mestrado – Universidade Católica de  
Santos, Programa em Educação)

I. Prates, Eliane Guimarães de Campos. II. Título.

CDU 37(043.3)

---

Esta pesquisa contou com o apoio financeiro da Secretária da Educação do Estado de São Paulo.

COMISSÃO JULGADORA

---

---

---

A meu querido pai Lair Guimarães de Campos (in memoriam), meu símbolo de retidão, amor e dedicação incondicional. Tudo o que conquisei até hoje devo a você.

## AGRADECIMENTOS

À minha família, por ser a base concreta onde fui buscar forças revigorantes para realização desta tarefa:

à minha filha Mariana, pela cooperação sempre solícita e aceitação dos meus anseios, com sua meiguice no compartilhamento;

à minha mãe pelo carinho e compreensão.

À professora Maria Aparecida Franco Pereira, que além da orientação segura e atenta, revelou-se uma amiga, sempre me acolhendo, apoiando e encorajando nos mais variados momentos de angústias e incertezas.

Aos parentes, em especial minha prima Claudinha minha fonte de inspiração e aos amigos, na pessoa de Maria Júlia, que incentivaram esta minha caminhada, tornando-a possível.

Aos grandes amigos de caminhada Melissa, Marcio e Agmar que, através da força, fé e esperança compartilhadas, me forneceram o amparo necessário para transformar mais um desejo em realidade.

Aos professores Dr. José Gonçalves Gondra e Dra. Wilma Therezinha Fernandes de Andrade, componentes de minha banca, que me auxiliaram a mergulhar com precisão neste instigante mundo de pesquisa em história da educação. Muito obrigado pelos esclarecimentos.

Ao professor José Roberto Musa que gentilmente me cedeu material de seu pai; e à professora Yolanda Baldia, que além de seu testemunho pelas inúmeras experiências relatadas nos depoimentos, disponibilizou-me algumas imagens que lhe são muito caras.

Por fim, mas não por último, a todos que me receberam com fidalguia e presteza em todas as instituições de pesquisa, funcionários que se mostraram companheiros nas longas manhãs e tardes de pesquisa.

Prates, Eliane Guimarães de Campos. **O perfil de uma cidade: o esporte feminino escolar na década de 1950**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação). Maria Aparecida Franco Pereira. (Orientadora). Santos: Universidade Católica de Santos, 2008.

## RESUMO

Esta pesquisa pretende analisar a importância do esporte e reconstruir parte significativa da trajetória histórica do esporte escolar que contribuiu na formação de cidadãos e atletas. Busca refletir sobre a vocação esportiva da cidade de Santos e o contexto em que emergem os jogos colegiais a partir da década de 1940 quando há uma hegemonização do esporte no contexto escolar brasileiro com projeção na educação santista nos anos de 1950, ressaltando o papel dos sujeitos que notadamente atuaram neste campo, os professores Oscar da Silva Musa e Yolanda Elias Miguel Baldia, resgatando instituições escolares que permanecem até hoje com seu nome estreitamente vinculado ao da história da cidade. Assim, abordando as equipes femininas do colégio Canadá em 1954, esta pesquisa tenta contribuir para o entendimento do processo e configuração do esporte escolar feminino. A metodologia utilizada parte do recolhimento de fontes de caráter bibliográfico e documental e utiliza também a história oral, contribuindo com a memória, ao recolher depoimentos de ex-professores e ex-alunos.

Palavras-chave: Santos - esporte – educação física – esporte colegial feminino.

## **ABSTRACT**

This study seeks to examine the importance of sport and rebuild significant part of the historical trajectory of the sport school that helped in the training of citizens and athletes. Search reflect on the vocation of sports city of Santos and the context in which the games collegial emerge from the decade of 1940 1950, when there is a soberany of sport in the brazillian's schools with projection in the 'santista' education highlighting the role of the subjects that notably acted in this field, teachers Oscar da Silva Musa and Yolanda Elias Miguel Baldia, rescuing educational establishments that remain today with his name closely linked to the history of the city. Thus, addressing the women's teams from Canada College in 1954, this research attempts to contribute to the understanding of the process and configuration of the sport school female. The methodology used in the collection of sources of bibliographic and documentary character and also uses the oral history, contributing to the memory, to collect testimony from former teachers and former students.

Keywords: Santos - sports - physical education - female collegiate sport

## LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 6 - Cabines para banhistas nas praias de Santos .....	54
Figura 7 - Boqueirão: Parque Indígena, Miramar, Av. Bartolomeu de Gusmão.....	57
Figura 8 – Praia do José Menino, década de 1930 .....	63
Figura 9 - Nas praias de Santos, na década de 1930.....	63
Figura 10 - Nas praias de Santos na década de 1930.....	64
Figura 11 - Banhistas nas praias de Santos na década de 1930.....	64
Figura 12 - Banhistas nas praias de Santos na década de 1930.....	64
Figura 13 - Participantes de jogo de futebol na praia de Santos.....	64
Figura 14 - Edmundo Souza.....	67
Figura 15 - “Sportman”. Revista Sportiva e Literária .....	68
Figura 16 - Foto da regata de 1901, em Santos.....	69
Figura 17 - Grupo dos vermelhinhos.....	69
Figura 18 - Público assiste à regata na Ponta da Praia.....	71
Figura 19 - Grupo de esportistas do Internacional.....	72
Figura 20 - Osmar Gonçalves surfa no Canal 3.....	73
Figura 21 - Parque Indígena(à esq.) e o Balneário Miramar.....	74
Figura 22 - Parque Indígena na praia do Boqueirão de Santos.....	74
Figura 23 - Cartaz de propaganda.....	76
Figura 24 - Vista externa do Miramar.....	77
Figura 25 - Vista interna do Miramar.....	77
Figura 26 - Arthur Porchat de Assis.....	86
Figura 28 - Alunos do Asilo de Órfãos de Santos em aula de ginástica.....	99
Figura 29 - Velódromo de Santos.....	107
Figura 30 - Monumento ao esportista, Ponta da Praia, Santos, década de 1950....	110
Figura 31 - Carro de abertura dos Jogos Abertos de 1951.....	112
Figura 32 – Boas vindas aos atletas dos Jogos Abertos Santos, 1951.....	112
Figura 33 - A equipe do revezamento 4X100.....	114
Figura 34 - Desfile da Juventude em 1942 em Santos.....	122
Figura 35 - 1942. Prof. Musa e demonstração de ginástica.....	123
Figura 36 - Na década de 1940 as Olimpíadas dos Colégios Religiosos.....	123
Figura 37 - Na década de 1940 os Campeonatos entre os Grupos Escolares.....	123
Figura 38 - Prof Oscar da Silva Musa recebe troféu.....	126
Figura 39 - Entrevista do prof. Musa em 1945.....	126
Figura 40 - Premiação recebida pela profa. Yolanda Baldia,1953.....	128
Figura 41 - Yolanda Baldia e alunas na Gazeta Esportiva.....	128

Figura 42 - Prof. Listello e o Curso de Aperfeiçoamento de Professores.....	129
Figura 43 - Madalena e Marlene Mazzei .....	137
Figura 44 - Alunas Nilza e Marlene Mazzei do Canadá.....	143
Figura 45 - Sob o comando de Yolanda Baldia, demonstração de ginástica.....	147
Figura 46 - Demonstração de Ginástica no Santos Futebol Clube.....	147
Figura 47 - Ruth, Cida, Eliane Muniz e Neide no Pacaembu.....	148
Figura 48 - Benedita de Oliveira, Yolanda Baldia e Lydia Federici.....	153
Figura 49 - Equipe do Canadá, 1951.....	155
Figura 50 - Equipe de natação do Canadá, 1952.....	156
Figura 51 - Equipe de voleibol do Canadá, 1953.....	156
Figura 52 - Equipe do Canadá no Pacaembu, 1953.....	156
Figura 53 - Chegada à cidade dos Tetra-campeões.....	157
Figura 54 - No trem a caminho com o troféu.....	157
Figura 55 - Nas escadarias do Paço Municipal na recepção aos "tetra-campeões".	157

## LISTA DE TABELAS

Figura 1- Quadro estatístico de prédios após recenseamento escolar de 1934.....	29
Figura 2- Quadro estatístico de prédios após recenseamento escolar de 1934.....	29
Figura 3 – Métodos de ginástica.....	43
Figura 4 – Quadro do pensamento da educação física escolar.....	45
Figura 5 - Campo de sport: projeto Saturnino de Brito.....	53
Figura 27 – Teses médicas sobre Educação Física da FMRJ (1845-1892).....	88

## SUMÁRIO

**RESUMO**

**ABSTRACT**

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>1. O PROJETO DA MODERNIDADE</b>	
1.1. O PENSAMENTO DA MODERNIDADE.....	23
1.2. O PENSAMENTO MÉDICO-HIGIENISTA.....	31
1.3. A MODERNIZAÇÃO E A EDUCAÇÃO.....	34
1.4. A PEDAGOGIZAÇÃO DO ESPORTE.....	38
<b>2. A SIGNIFICAÇÃO DO ESPORTE E A CIDADE</b>	
2.1. A CIDADE SE HIGIENIZA.....	47
2.2. O MAR OU A PRAIA NA VIDA DA CIDADE.....	56
2.3. OS CLUBES DE REGATAS.....	65
2.4. LOCAIS DE SOCIABILIDADE: O PARQUE INDÍGENA E O MIRAMAR.....	74
<b>3. O ESPORTE COMO PRÁTICA DE PRESTÍGIO E VISIBILIDADE DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR</b>	
3.1. O PENSAMENTO DE INTELLECTUAIS DA EDUCAÇÃO SOBRE A EDUCAÇÃO FÍSICA, UMA DISCIPLINA EM PROCESSO DE VALORIZAÇÃO: FERNANDO DE AZEVEDO E ARTHUR PORCHAT DE ASSIS.....	80
3.2. A EDUCAÇÃO FÍSICA E O ESPORTE.....	96
3.3. SANTOS, UM CAMPO NATURAL DE ESPORTES.....	103
3.4. OS RESPONSÁVEIS PELA DISCIPLINA	
3.4.1. OSCAR DA SILVA MUSA .....	119
3.4.2. YOLANDA MIGUEL ELIAS BALDIA.....	127
3.5. CAMPEONATOS COLEGIAIS.....	135
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>161</b>
<b>FONTES E BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>166</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>180</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>198</b>

## INTRODUÇÃO

O ponto de partida desta dissertação é repensar o corpo humano como um dos fundamentos para uma nova perspectiva que se faz necessária nos tempos atuais, principalmente no campo educacional. O interesse pelo corpo e tudo que lhe diz respeito, para muitos, é intrigante em uma atmosfera altamente racional com predomínio das atividades mentais. Repensá-lo e analisá-lo, porém, poderá fornecer alguma contribuição no esclarecimento do indivíduo e da sociedade de nossos dias. Ao lado da unidade da matéria, a unidade do espírito e a autonomia dos dois numa comunhão perene.

A auto-compreensão do homem implica em iniciar com o entendimento da sua condição corporal. Convém distinguir no homem “o corpo”, como substância material, a totalidade física, o organismo totalidade biológica; e “o corpo”, como auto-expressão do sujeito, totalidade intencional. Este último transcende o nível físico e biológico, pois sua presença não é simplesmente “estar aí”, porém intencional “ser aí”. O “estar aí” é uma presença passiva, enquanto o “ser aí” é uma situação fundamentalmente ativa. O homem está no mundo, no espaço físico e no espaço biológico, mas articula esse espaço-tempo do mundo com o espaço-tempo do sujeito psicológico, social e cultural.

A categoria “corporalidade” define-se como o pólo imediato da presença do homem no mundo. O corpo é o próprio sujeito (Eu), estruturando-se em formas expressivas que traduzem os diversos aspectos da sua presença exteriorizada ou espaço-temporal no mundo, e o corpo é também o sujeito, dando a

essas formas expressivas a natureza do “sinal” na relação intersubjetiva com o “outro” e a natureza de suporte das “significações” na relação objetiva com o mundo.

O presente trabalho tem como tema o esporte - que surgiu como nova forma de sociabilidade em Santos, uma cidade em processo de modernização - e suas repercussões na escola, até seu apogeu nos anos de 1950.

A escolha do tema surgiu como reflexo da minha formação acadêmica em História e, de forma pessoal, através do contato com o esporte, por ser minha filha uma praticante. Por esses motivos e por minha atuação como educadora me senti impelida a tentar compreender o elo de ligação entre o esporte, a cidade e a escola.

Percebo o perfil esportivo do santista, bastante visível nos espaços de lazer e divertimento, proporcionados pela cidade e suas características geográficas. Equipamentos de esporte, ciclovias, o banho de mar, as caminhadas estão presentes no seu cotidiano. A observação do grande número e das extensas áreas nobres da cidade ocupadas pelos clubes de regatas revela a importância social desses espaços de convivência.

A compreensão da estrutura social e cultural da cidade e sua estreita relação com a escola, através do esporte, permitiu desenvolver uma análise do esporte escolar nas suas permanências e/ou rupturas, uma vez que a interpretação de seus processos e caminhos no decorrer do tempo lança luzes para as discussões contemporâneas.

Este estudo tem a intenção de preencher uma lacuna nos trabalhos relevantes publicados sobre a cidade de Santos, contribuindo para a compreensão da prática do esporte na educação física escolar santista. Remeter ao passado - para o conhecimento de uma realidade presente no arcabouço sócio-cultural

santista, nos seus fazeres da vida cotidiana, na sua estrutura urbana típica de cidade litorânea e afeita às coisas do mar - parece dar materialidade a essa aproximação intencional.

Através da reconstrução da modernidade santista e das práticas esportivas, que foram modelando esse perfil esportivo da cidade e seu reflexo na educação física escolar, levamos em consideração algumas vertentes, que se delinearão ao longo do trabalho:

- a ligação entre o pensamento médico-higienista em fins do século XIX e início do século XX e a valorização da educação física e do esporte.
- o contexto social e urbano da cidade, nele implicados o fator geográfico e a importância do mar, assim como o surgimento, a partir das primeiras décadas do século XX, de novos locais de sociabilidade.
- a culminância da valorização da Educação Física nos anos do Estado Novo, quando de sua obrigatoriedade nos ensinos primário e secundário e no que se refere à formação de professores específicos, com a fundação de escolas de formação próprias e criação de departamentos e órgãos públicos para tratarem de questões pertinentes a esse campo de conhecimento.
- a verificação de uma hegemonização do esporte no conteúdo de ensino da Educação Física, a partir dos anos de 1940.
- a intensa relação na cidade entre os clubes esportivos e a escola nas décadas de 1940 e 1950.

Nesse sentido, temos um entendimento da prática do esporte na educação física escolar no seu apogeu, a década de 1950, privilegiando no âmbito dessa pesquisa o enfoque do esporte escolar feminino.

Para a sua execução, valemo-nos de uma busca documental e bibliográfica, além da história oral através de algumas entrevistas e depoimentos, bem como também de recursos iconográficos.

Na pesquisa documental foram visitados arquivos em instituições como o Museu Devaney (de esportes), o Arquivo do Santos Futebol Clube, a Fundação Arquivo e Memória de Santos. A Hemeroteca Municipal Roldão Mendes Rosa proporcionou a pesquisa nos jornais da década de 1950. Acervos particulares, como os das professoras Yolanda Miguel Elias Baldia e Maria Aparecida Franco Pereira foram úteis principalmente quanto à iconografia, além de informações e documentos importantes obtidos com o professor José Roberto Musa, filho de Oscar da Silva Musa, que nos esclareceu ter enviado parte de seu acervo para o Museu Devaney.

Foram utilizados depoimentos e entrevistas com a professora de Educação Física Yolanda Baldia, bem como com algumas de suas ex-alunas, como as professoras Marlene Mazzei, Maria Luisa Hernandez Tobar e Maria Aparecida Franco Pereira que tiveram participação ativa no esporte feminino escolar do Colégio Estadual “Canadá”. A disponibilidade e a relevância do material documental encontrado durante a pesquisa nos levaram a priorizar a abordagem do esporte “feminino” na década de 1950.

Ao fazer uso da iconografia, as imagens fotográficas nos revelam as maneiras de sentir e pensar desse grupo social; mostram como a memória coletiva vai sendo construída, e os propósitos e as motivações que basearam as escolhas desses atores sociais, que se tornaram nesse dado momento uma realidade. Essas imagens nos fizeram debruçar sobre a intenção dos seus produtores e na dinâmica social que interferiu nessa produção.

A fotografia é resultado de uma construção histórica, com o fim de perpetuar alguma memória de um grupo social. Como diz Boris Kossoy, a fotografia é documento histórico que é, ao mesmo tempo, artefato de épocas passadas (objeto museológico) e registro visual (meio de informação visual multidisciplinar, inclusive estética).

Nessa medida, podemos dizer que as fotografias analisadas foram utilizadas como um produtor de um parâmetro da importância das atividades físicas; visavam possivelmente influir na proposição de políticas públicas dada a sua visibilidade, além de evidenciar uma leitura das atividades físicas dentro da visão da modernidade e do perfil de progresso da cidade, da educação e da educação física.

Tivemos que lidar também com a fotografia anônima, sem identificação do local e data e, então, a tentativa de recomposição deu-se no interior da imagem, lugares e objetos que tornassem possível sua identificação (por exemplo, através do modelo de um automóvel). Neste caso, é fato que a insuficiência da fotografia como documento não é característica exclusiva dela, como no caso de documentos e da história oral que, tendo tendências específicas, apresentam limitações em relação à questão estudada. No tocante porém, à indumentária, aos hábitos urbanos, enfim aos mecanismos da difusão social já nos permitiram algumas identificações (por exemplo, o caso de banhistas nas praias).

Nas fotografias em álbuns de acervos particulares, pudemos notar o hábito de assinalar pessoas, identificando-as com seus prenomes. Outro fato importante é que na maioria delas, no caso das alunas/esportistas do Colégio “Canadá”, tem como cenário, quase invariavelmente, os clubes esportivos da cidade e o estádio do Pacaembu na capital paulista.

As fotos de arquivos pessoais foram contextualizadas com base nos depoimentos orais. Todas as fotografias foram aqui utilizadas como memória que permitiram um desdobramento a partir de associações em relação ao esporte escolar santista da década de 1950, construindo um sentido simultaneamente pessoal e histórico. Concluindo com Kossoy, uma incursão em profundidade na cena compreendida na foto:

Só será possível se o fragmento visual for compreendido em sua interioridade. Para tanto, é necessário, a par de conhecimentos sólidos acerca do momento histórico retratado, uma reflexão centrada no conteúdo, porém, num plano além daquele que é dado ver apenas pelo verismo iconográfico. (2001, p.96).

O jornal “A Tribuna” foi aqui utilizado como fonte documental de indiscutível valia e importância, pela fertilidade de dados e informações por ele contempladas e por sua penetração marcante na região.

Comporta aqui estabelecer a forte conexão entre memória e linguagem e, nesta sua função social, na ausência do acontecimento ou do objeto que constitui o seu motivo, a linguagem escrita aparece como grande possibilidade de armazenamento de nossa memória. Nesta análise foram consideradas as condições sociais e materiais da sua produção e, apropriadas essas informações tentando estabelecer relações, onde a necessidade do saber histórico na ação social é elemento essencial da identidade individual ou coletiva. Tomamos os jornais consultados como parte que, num primeiro momento foi isoladamente pesquisada, mas que, num segundo estágio, foi reagrupada e relacionada a outras fontes como a história oral e a iconografia.

No que diz respeito à pesquisa bibliográfica sobre o tema privilegiamos a análise de obras teóricas como “Da Educação Física” (1920) de Fernando de

Azevedo nome importante para a Educação Física na República Velha<sup>1</sup> e “Eduquemos” (1915) do Dr. Arthur Porchat de Assis, educador santense e professor do Liceu Feminino Santista, única escola à época em Santos, de formação de professoras. Foi também importante para dar o contexto do esporte, o opúsculo “A história do remo em Santos”, publicado pela Prefeitura Municipal local. Foram de relevante importância as obras de Inezil Penna Marinho, um dos maiores estudiosos da história da Educação Física, autor da “História da Educação Física e dos Desportos no Brasil” publicada em dois volumes em 1952/1953 e republicada em um em 1980.

Dentro do campo profissional a importância da educação física é abordada por muitos trabalhos produzidos recentemente como os de Carmen Lucia SOARES e Tarcísio Mauro VAGO, dos quais fizemos uso nesta pesquisa como referencial teórico e outros autores importantes como Amarílio FERREIRA NETO, Lino CASTELLANI FILHO, Mario Ribeiro CANTARINO FILHO, Silvana Vilodre GOELLNER, Paulo GHIRALDELLI JÚNIOR e Vitor Andrade de MELO.

Contudo, ainda existe uma lacuna quando se trata de privilegiar o esporte como objeto de estudo na cidade de Santos, capaz de revelar novas nuances de uma realidade social. Desta maneira, a reconstrução da modernidade santista, dos esportes prioritários, das associações esportivas, dos fenômenos urbanos típicos da modernidade pode contribuir para uma análise mais rica da educação física em nossas escolas através dos significados contidos na estreita relação entre higiene saúde e progresso. Com o fim de contribuir para a compreensão das práticas esportivas na educação física escolar, tentamos organizar esse conhecimento, através de significados embutidos por essas práticas, impelidas

---

<sup>1</sup> A importância de Fernando de Azevedo é abordada em autores como Ferreira Neto, Carmen Lúcia Soares, Castellani Filho e Ghiraldelli Júnior.

pela construção de um “corpo”, que foi objeto do passado e por isso faz sentido no presente.

Sobre a inserção do campo médico na educação, fizemos uso das obras de Carmem Lucia SOARES, José Gonçalves GONDRA, Maria STEPHANOU, Vera Regina Beltrão MARQUES e Heloísa Helena Pimenta ROCHA, explicativas da eugenia, higiene e suas práticas. Tomando para si o encargo científico da educação, o pensamento médico-higienista produz representações de si mesmo e de suas práticas. A partir desses trabalhos destacamos a utilização da educação física e da atividade esportiva como fatores condicionantes do aprimoramento da raça brasileira, caracterizando o darwinismo social e articulando o debate político da época e, nele, as políticas públicas para a educação. Partindo de BOURDIEU, utilizamos os conceitos de “campo esportivo” e “habitus” de classe. Conforme sugere o sociólogo francês, são concepções forjadas para inscrever simbolicamente a ascensão e o prestígio de grupos da elite urbana santista. Os espaços e tempos escolares articulados com os espaços e tempos sociais foram trabalhados a partir de Rosa Fátima de SOUZA, Luciano Mendes de FARIA FILHO, Tarcísio Mauro VAGO e Diana Gonçalves VIDAL. Em Norbert ELIAS, buscamos a ambivalência do jogo assumindo o caráter de instrumento analítico e de representação da sociedade. Tornou-se evidenciado em Ecléa BOSI que operamos pela verossimilhança e não pela veracidade e, no caso da memória, esta atinge a veracidade da evocação. CHARTIER justifica os relatos memorialísticos de professores e alunos na medida em que procuramos o registro de passagens do cotidiano escolar. Para a explicação dos intelectuais desempenhando a tarefa de mediadores simbólicos, buscamos em Renato ORTIZ os textos literários, encampando o projeto civilizatório, no esforço de impor um modelo único de comportamento e sociabilidade.

No primeiro capítulo abordamos o projeto da modernidade, o pensamento médico-higienista, a modernização e a educação e a pedagogização do esporte: a educação física. Como disciplina escolar, o saber da Educação Física não é algo neutro e independente, ao contrário é produto de disputas travadas no interior da sociedade, já que a escola, em cada momento histórico, expressa o que é valorizado: política, social, cultural e cientificamente.

No segundo capítulo, falamos sobre o esporte e a cidade, a significação do mar e da praia, e a constituição do perfil santista e os espaços públicos marcados pela nova sociabilidade, analisando o espaço como domínio simbólico e expressão de um imaginário. Aqui será relacionado, o espaço com o poder, que o engendra e nos quais está implicado, levando-se em conta o contexto da sua conformação e/ou reafirmação.

No terceiro capítulo, procuramos tratar do pensamento dos intelectuais sobre a educação física e a legislação escolar. Devido ao peso dos autores citados sua obra constitui-se referência obrigatória no campo da história da educação brasileira. Será dado destaque ao apogeu da educação física escolar, portanto, às transformações das práticas na cidade, situando-se a dimensão política que se desdobra na exigência ética do compromisso do historiador com sua época e na sensibilidade com a luta pelos esquecidos da história, resgatando as figuras do professor Oscar da Silva Musa e da professora Yolanda Miguel Elias Baldia.

Como todo conhecimento científico é auto-conhecimento, sujeito e objeto dessa pesquisa são únicos, e parte integrante dessa explicação. A intenção é aprofundar um campo de reflexões sobre algo importante no mundo contemporâneo: o corpo como objeto da educação. É fundamental alcançar a humanidade na consciência pessoal e assumir o destino humano em suas antinomias e plenitude.

Nessa investigação, retratamos a conseqüência de uma sociedade que incorporou mudanças; uma cultura burguesa, a valorização de padrões de vida saudável e as práticas escolares em correspondência com a legitimação da estrutura social. Estas foram instaladas implicitamente na ordem escolar, nos modos adequados de regulação e valorização de situações, implicando efeitos na construção da identidade dos sujeitos, explicitando as relações entre a ordem escolar e a ordem social.

## CAPÍTULO I

### O PROJETO DA MODERNIDADE

**[...] Poucos são os que consideram corpo uma palavra polissêmica, uma realidade multifacetada e sobretudo um objeto histórico; memória mutante das leis e dos códigos de cada cultura. (SOARES,1998).**

#### 1.1. O pensamento da modernidade

A sociedade ocidental da segunda metade do século XIX vivia os efeitos da Revolução Industrial e do amplo progresso científico e tecnológico que a acompanhava. Era um momento de vitória do liberalismo e de prosperidade para a burguesia industrial.

Ao lado da fermentação político-social, verifica-se uma verdadeira onda de ciência e materialismo, segunda etapa do iluminismo do século XVIII. Concretizando as ambições e esperanças da burguesia industrial emergente, o triunfo da ciência alimentava, ainda mais, os sonhos de um futuro próspero embalado pela fantasia de progresso e pelo controle da natureza. Três correntes ganham corpo: o positivismo de Augusto Comte, filosofia empírica baseada na observação e o controle do mundo físico, por isso mesmo rejeitando a metafísica; o determinismo de Taine, ou seja, o meio, a raça e o momento histórico, delineando o comportamento humano; e o darwinismo, dando continuidade ao evolucionismo de Lamarck, apresentando sua teoria da seleção natural.

Momento de euforia, ilusões e certezas, mas também de dúvidas, angústias e receios para a humanidade. Constrói-se o projeto da análise da hereditariedade e do meio sobre o comportamento humano. Os avanços ditados

pela revolução bacteriana, no campo da medicina, juntamente com o desenvolvimento da higiene e da profilaxia, proporcionam novas perspectivas para o controle das doenças. Novos atores e práticas sociais mudam o cenário das metrópoles urbanas. Um fluxo intenso de transformações, alterando hábitos cotidianos e modos de vida de sociedades tradicionais se instalam pelo aumento vertiginoso da produção industrial e pela demanda de matérias primas.

Impelida pela contínua exigência de novos mercados, vemos crescer a vocação capitalista do Ocidente, cosmopolita em relação à produção e ao consumo de todos os países. Desenvolvem-se o mercado de capitais e o aparelho bancário; é o crédito que permite a injeção maciça de capitais no circuito industrial e comercial. É o crescimento da empresa capitalista, sustentada não só pela expansão do crédito, como pela divisão do trabalho, intensificada pelos progressos técnicos e pelas necessidades da civilização ocidental.

Interpretando as transformações sociais associadas à modernidade, Giddens (1991) analisa seu dinamismo como resultante da separação e recombinação do tempo e espaço e o conseqüente desencaixe dos sistemas sociais, além da reordenação das relações sociais provocadas pelas contínuas entradas de conhecimento afetando as ações de indivíduos e grupos.

De um lado, a modernidade marca o progresso que alterava consideravelmente as antigas noções de tempo e de espaço e, ao mesmo tempo, o paradoxo que se evidencia na exclusão daqueles que são alijados das mudanças e sujeitados pela repressão e pelo autoritarismo.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Para o entendimento mais detalhado dessa conjuntura, ver SCHWARCZ, Lilia Moritz. **1890-1914. No tempo das certezas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000; SEVCENKO, Nicolau. (org.). Introdução. In: **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v.3, p.7-15.

Dentro do ritmo das inovações, a locomotiva, a eletricidade e o telégrafo, pelas descobertas da medicina, que proporcionavam perspectivas do controle das doenças e o aumento da produção industrial e da demanda de matérias-primas, esboçando um estilo de vida ditado pelas potências industriais. Nessa nova dinâmica do capitalismo internacional se insere a dependência colonial como condição fundamental dos países desenvolvidos e civilizados, onde as possessões territoriais se transformaram num vasto mercado lucrativo.

O darwinismo social, subvertendo a concepção monogenista de Darwin (origem unitária da humanidade), adotava a teoria poligenista, isto é, partia da crença de que existem espécies marcadas eternamente pela diferença, cujo potencial seria biologicamente diverso e, portanto, não compartilhavam da mesma linha evolutiva. Tal apropriação, vinculada a projetos de cunho nacionalista, acabou por legitimar um discurso racial que explicava, internamente, as hierarquias sociais e, externamente, a expansão imperialista.<sup>3</sup>

Com efeito, norteando o pensamento das teorias científicas ocidentais, a visão de mundo era retilínea e uniforme, parecendo estar em constante aceleração, marcando estágios únicos e obrigatórios de evolução de toda e qualquer nação primitiva e atrasada, rumo ao progresso e à civilização. O evolucionismo e darwinismo fundamentaram o etnocentrismo e a lógica expansionista das nações hegemônicas. A teoria da seleção natural aplicada às sociedades humanas condenava o cruzamento racial e, desta forma, legitimava a “missão civilizadora” dos países desenvolvidos frente aos demais.

A modernidade supõe a correspondência de uma cultura científica, de uma sociedade ordenada e de indivíduos livres sob o triunfo da razão. Nela não se

---

<sup>3</sup> Ver a respeito SCHWARCZ, Lília Moritz. **O Espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p.58-65.

pode abandonar a eficácia da razão instrumental, da força libertadora e do individualismo, formando uma sociedade com um campo de ação cultural e social fortemente constituído.

Esse pensamento ocidental chega ao Brasil durante seu período republicano. No Brasil do Segundo Reinado (1840-1889) as condições sócio-econômicas eram diferentes, pois o país modernizava sua economia e vivia um processo de mudanças que levaria ao fim da escravidão e à República.

Essa cultura científica pretendia uma sociedade ordenada de indivíduos livres. Em Santos a normatização está presente, muitas vezes em forma de dominação sobre a população; a demolição dos cortiços, expulsão dos mais pobres para áreas menos nobres. Razão, ciência e técnica formam o trinômio dessa modernidade. A modernidade é vista como um fluxo incessante de mudanças: o desenvolvimento do café, a inauguração da ferrovia, a abolição da escravatura, a imigração, a mudança do regime.

Essas transformações trouxeram a necessidade de reestruturar, de sanear, de higienizar a cidade, demandando profissionais a atuar sobre ela, implantando o ideário da modernidade: higiene, circulação, embelezamento, educação.

O crescimento populacional agravava os problemas de saneamento e moradia. Determinadas áreas das cidades brasileiras eram ocupadas principalmente pela população pobre, que sobrevivia sem ocupação definida. As principais cidades do país a começar pela capital eram acometidas pelas epidemias entre elas febre amarela, cólera, varíola e tuberculose.

Tornava-se imperioso transformar esses espaços urbanos de acordo com a arquitetura moderna, mais arejada e iluminada, segundo os padrões

higienistas, num esforço de sanear, embelezar e urbanizar; torná-las mais atraentes para o afluxo e circulação do capital financeiro. É declarada assim, na capital e em várias cidades brasileiras, incluindo Santos, guerra às habitações populares - onde se considerava a existência de atividades e práticas insalubres - principalmente nos “cortiços” que comprometiam o projeto civilizador.

Inserido nesse projeto civilizador, educar torna-se a grande preocupação do Estado republicano. A escola acrescentou novos saberes: fez-se cenário dos rituais de saúde, intervindo sobre o aluno e produzindo práticas escolares modelares.

O discurso educacional elaborado no interior do projeto republicano construiu a representação da “missão regeneradora da escola” que contribuiria para acabar com os males do país, principalmente o analfabetismo. Esse novo ordenamento faz da educação uma prática de ensino que deve traduzir novos postulados éticos e científicos em valores morais e normas de comportamento. No caso paulista, questões eram postas em discussão, com a finalidade de estruturar um sistema de ensino modelar para o Estado, a feitura de um programa e trabalhar a propaganda da escola pública pelo esforço em criar estabelecimentos de ensino e escolarizar a população infantil. Tratava-se de combater o analfabetismo através do alargamento da rede escolar primária e secundária do ensino público.

Nos grupos escolares, nas escolas normaes, nos Gymnasios, nas escolas profissionais, nas academias, por uma organização de sociedades internas, adequadas, espécies de república em miniatura, podem os moços adquirir hábitos de moral cívica, comprehendendo e praticando os mandamentos da Pátria... Ao deixarem a escola, encontrarão, na vida pública, uma ampliação daquillo a que se habituaram. Só por esta forma podem os moços preparar-se para a vida que os espera de cidadãos da democracia brasileira. (Anuário do Ensino do Estado de São Paulo, 1918, v.11, p.243).

Surgem assim, no final do século XIX, os primeiros grupos escolares no Estado de São Paulo, dentro de um projeto de educação popular, baseado em algumas concepções pedagógicas consideradas modernas e racionais.<sup>4</sup>

Tais práticas resultaram num ensino mais homogêneo, padronizado e uniforme. Surge uma nova concepção arquitetônica, o “edifício escola”, e impulsiona-se a formação de um corpo profissional especial, o “magistério profissional”. A criação do grupo escolar trazia em seu arcabouço todos os princípios fundamentais que mudariam o ensino primário, qual sejam: a racionalização e padronização, a divisão do trabalho docente, a classificação discente, o estabelecimento de programas, ou seja, uma nova cultura escolar. Essa cultura escolar e seus significados, essa história cotidiana do fazer escolar, nos leva à descoberta de códigos, símbolos, normas e valores que nos aproximam desse espaço do exercício profissional do magistério e faz constatar que estão ligados a tempos e espaços sociais mais amplos.

Em Santos, no início do século XX, as instituições educacionais se multiplicam, desde as iniciativas do poder do Estado (Grupos Escolares “Cesário Bastos”:1900; “Barnabé”:1902) e do Município (G.E. “Olavo Bilac”); das ordens religiosas (Irmãs do Coração de Maria e Irmãos Maristas: 1904) ou de instituições leigas (Escola Docas: 1907); de grupos filantrópicos (Auxiliadora da Instrução: 1878; Liceu Feminino Santista: 1902) ou de grupos da Maçonaria (Loja Brás Cubas). (PEREIRA,1996).

De acordo com o Anuário de Ensino do Estado de São Paulo de 1916, em Santos nos três estabelecimentos de ensino mantidos pelo Estado: o Grupo Escolar “Dr. Cesário Bastos”, o Grupo Escolar “Barnabé”, e o Grupo Escolar

---

<sup>4</sup> Criação dos Grupos Escolares: lei nº 169, de 07/08/1893 e Decreto nº 248, de 26/07/1894. Coleção de Leis e Decretos do Estado de São Paulo.

“Villa Macuco”, instalado no ano de 1915, constavam matriculados no ano de 1916 respectivamente: 926; 983 e 748 alunos. (1916, p. 400-401).

Duas décadas depois, em 1935, na região de Santos havia 24 grupos escolares com matrícula efetiva de 14.289 alunos; 38 cursos em escolas municipais com 2.250 matrículas efetivas e 103 cursos de ensino particular com 7.019 matrículas efetivas. (Anuario de Ensino do Estado de São Paulo 1935-1936). Em 1935 foram transferidos, também para o Estado, ginásios criados pelos municípios, entre eles o de Santos. Os prédios deveriam ser do tipo moderno, atendendo a todas as exigências higiênico-pedagógicas.

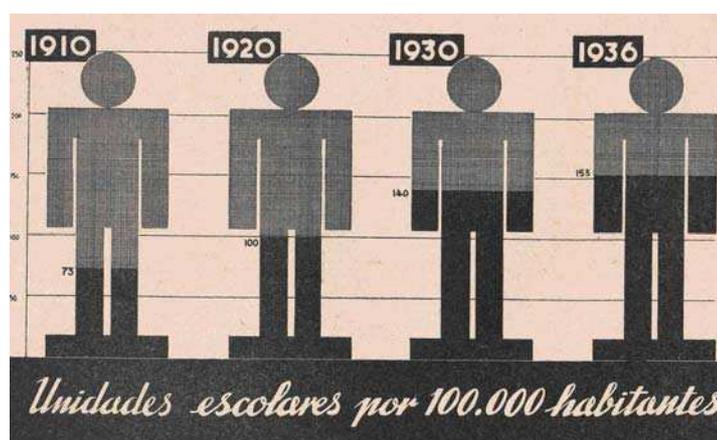


Figura 1- Quadro estatístico de prédios após recenseamento escolar de 1934.

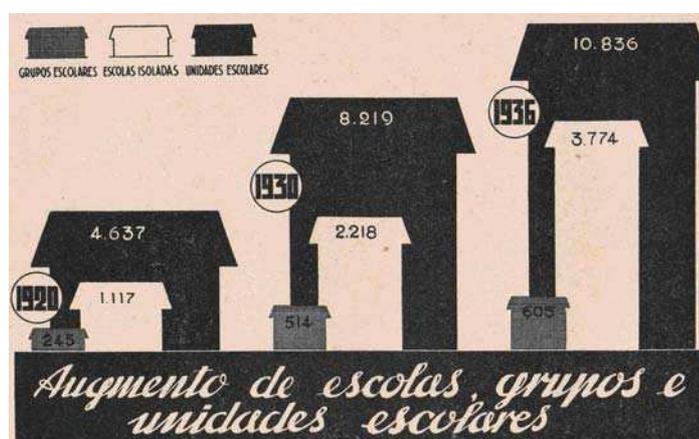


Figura 2 – Quadro estatístico de prédios após recenseamento de 1934.  
Fonte: Anuário de Ensino do Estado de São Paulo, 1935-1936 p.106 e 108.

A escola passa a ser o lócus legitimado e autorizado detentor do novo modelo que visava à formação dos cidadãos republicanos, civilizados, disciplinados, sadios e trabalhadores. O alvo principal era o corpo da criança que deveria ser belo, forte, saudável, higiênico e ativo. O corpo era o principal objeto das técnicas de disciplinamento que deveriam prevalecer nas escolas: deveria ser higienizado, moralizado, disciplinado.

Esta visão de escola modeladora, que não só aperfeiçoava o espírito como também conformava o corpo, fazia ver como indispensável a presença de novos saberes a compor o universo da escola. Higiene e eugenia seriam exemplares nesta tarefa. (MARQUES, 1994, p.101).

Surgem como parte importante as cadeiras de Hygiene e Exercícios Physicos.<sup>5</sup> As professoras eram encarregadas da cadeira de educação physica e era permitido que um instrutor militar<sup>6</sup> fosse solicitado pela direção dos grupos para a parte relativa às evoluções militares para os meninos; para as meninas exercícios de extensão e flexão. Desta maneira a nomenclatura Ginástica passa a designar um conjunto de exercícios sistematizados, com horário e professor próprios, com o fim de cuidar da educação física dos estudantes, tendo como objetivos principais a regeneração da raça, a promoção da saúde, o desenvolvimento da vontade, da força, da coragem e da moral.

---

<sup>5</sup> Por determinação do Governo de acordo com o decreto nº 1252 de 17/11/1904 estabeleceu-se o quadro de matérias da Escola Normal da Praça estabelecendo que o Curso Normal mantinha a sua estrutura de quatro anos, divididos em duas seções: a feminina e a masculina. Todas as matérias possuíam uma definição da carga horária, com exceção das cadeiras de Physiologia e Hygiene e Exercício na Escola Complementar Anexa, não sendo possível precisar o motivo desta ausência. (Anuário de Ensino do Estado de São Paulo, 1909 e 1910)

<sup>6</sup> Em 1913 foi iniciado o ensino de educação física e militar por instrutores do exército, passando para a força Pública em 1916, o que muito tem concorrido para o desenvolvimento físico dos alunos, visto como eles se exercitam na ginástica sueca, observando a escala gradativa do desenvolvimento muscular. (Anuário de Ensino do Estado de São Paulo, 1917, v.1 p.304)

## 1.2. O pensamento médico-higienista.

O pensamento médico-higienista foi o responsável pela concepção asséptica da cidade e dos corpos que nela habitavam. Papel relevante passa a desempenhar nesse ideário a saúde pública e sua ação saneadora diante das epidemias, isolando a pobreza e suas moléstias contagiosas. Era necessário um novo enquadramento, já que a mortalidade da mão de obra europeia inviabilizava o ideal burguês de branqueamento da população, tão desejado pelos higienistas, e diminuía o contingente de assalariados fundamentais para a reprodução do capital.

Ao mesmo tempo, surgem novos espaços nas cidades, refletindo o novo estilo burguês, espaços para novos grupos sociais em ascensão ligados a atividades tipicamente urbanas. Emerge o conceito de modernidade estreitamente associado às novas tecnologias e às novas idéias, o positivismo, o evolucionismo e o darwinismo. Uma nova moral burguesa se constituía em novos valores de comportamento, competitivo, persistente e audaz, buscando em atributos físicos e morais o que se fazia necessário ao sucesso do indivíduo, dentro da ordem capitalista que se estruturava.

Os médicos, pedagogos e intelectuais se dirigiam à sociedade da época, atribuindo a si a missão de promover os novos rumos da nação. No meio da elite letrada, de suas crenças e expectativas comuns, surge a esperança de construção do futuro na adesão ao seu sistema de valores, conduzindo os indivíduos a uma ação comum. Tratava-se de difundir e introduzir novos valores e regras de comportamento mais eficazes no controle da vida social.

Fundamentando amplamente as intenções e os anseios da comunidade científica brasileira, previa-se a modificação da opinião pública através

da sugestão lenta, progressiva e articulada dos educadores para provar que a educação física corresponderia a uma necessidade social. Legitimava-se toda uma produção acadêmica voltada para comprovar didaticamente a utilidade e a eficácia da educação física.

Entre a elite intelectual que comungava essas novas idéias, os literatos brasileiros Olavo Bilac, Coelho Neto, Raul Pompéia, Monteiro Lobato, em suas crônicas e produções procuram inspirar os exercícios físicos, esportes e suas práticas como uma forma de firmar propósito, educar a vontade, juntando sua visão num quadro unânime aos higienistas e pedagogos: a prática da ginástica proporcionava o aperfeiçoamento físico e moral da raça, podendo ser a solução para uma nação doente; a educação física como um fator eugênico.

Nas teses médicas e no pensamento expresso pelos intelectuais proporcionou-se uma identidade aos *sportsmen*, através da demonstração da utilidade e eficácia dos esportes e da ginástica como fatores condicionantes do aprimoramento físico e moral do país. A eles foi dada a responsabilidade da regeneração e salvação da nação. Assim se concretizava a atuação da elite científica e intelectual brasileira, na divulgação do ideário “mens sana in corpore sano”.

Citando Lilia Schwarcz, “o país podia ser dividido entre capazes e incapazes, entre perfectíveis e degenerados, em um esforço deliberado de esfumegar divisões econômicas e sociais enraizadas” (1993, p. 234).

Deste modo, a História resgata a preocupação com o caráter científico da busca da compreensão do real e reconhece, ao mesmo tempo, os limites dessa intenção. Novas categorias se tornam fundamentais como imaginário social e representação.

A respeito das representações dessa cultura burguesa, segundo Sandra Jatahy:

As representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. (PESAVENTO, 2005, p.39).

Os homens de ciência elaboram propostas políticas de intervenções urbanas com práticas para civilizar pela higienização e saneamento. Era preciso igualmente higienizar e disciplinar a população. A propagação da nação higiênica desloca o cuidado com o corpo do espaço familiar para a escola.

A atenção dos médicos assim como dos educadores se volta para a higienização da infância e das instituições, tendo por objetivo a criança física e moralmente saudável, meio de construção da identidade nacional, da regeneração da raça brasileira, tão enfraquecida pela mestiçagem, portanto configurando o binômio eugenia-higiene. Nas Portarias da Diretoria Geral da Instrução Pública durante o ano de 1916 constam 204 publicações sobre Higiene nas Escolas.

Dentre outros manuais utilizados na formação dos futuros doutores, foi apropriado o do professor da Faculdade de Medicina e médico do Hospital de Paris, A.Becquerel, autor de “*Traité elementaire d’hygiene privée et publique*”, considerado autoridade nas questões de higiene. Nele, assinalava que a higiene é uma parte da ciência médica assaz importante, um ramo da moral e, segundo Rousseau, uma virtude, acentuando que feliz era o povo que lhe prestava cultos e que cegamente obedecia as suas leis.<sup>7</sup>

Voltando-se para a sociedade brasileira, os profissionais médicos afirmavam sua identidade particular, na medida em que atribuíam para si uma

---

<sup>7</sup> Ver a respeito tese de Doutorado de José Gonçalves GONDRA. ARTES DE CIVILIZAR: medicina, higiene e educação escolar na corte imperial. 2000,USP.

missão salvadora capaz de construir novos rumos para a nação. Atuando na elaboração e divulgação dos valores preconizados pela nova ordem de poder, eles firmavam sua hegemonia no interior do campo intelectual, ocupando também uma posição de prestígio na sociedade. As metáforas médicas contaminaram os educadores na medida em que criticavam a falta de cientificidade do campo educacional, formulando um discurso que atestasse sua competência para tratar do pedagógico e do escolar, tornando-se necessário garantir espaço para a atuação educativa e saneadora da medicina.

### **1.3. A modernização e a educação**

O discurso da higiene se insere no campo escolar em várias seções: a escola, o aluno, as moléstias escolares, os prédios. A escola descrita então como palácio sagrado deveria ser ordenada pelos princípios, métodos e prescrições de higiene, para formar sujeitos fortes, saudáveis, inteligentes e moralizados. Era chegado o tempo de instituir, no país e no Estado, uma nova representação dos colégios, das políticas públicas e de novas práticas escolares, baseadas na tríade pedagógica: educação intelectual, física e moral.

Dentro das estratégias de intervenção social, a educação seria uma das principais responsáveis pela regeneração física, intelectual e moral, sendo a escola o espaço no qual se encenariam os rituais de saúde e suas práticas que serviriam à modelagem da infância resguardando-a da debilidade e das moléstias. Portanto, os médicos-higienistas deveriam recorrer a força e poder da escola primária, fator essencial na formação do povo brasileiro.

Como assinalou Rosa Fátima de Souza, o asseio e a decência se traduziram num conjunto de dispositivos, por meio dos quais a escola primária buscou intervir sobre os corpos infantis, tendo em vista produzir comportamentos civilizados.

Asseio e decência são aspectos expressivos de como o corpo era aprisionado numa rede de signos e representações culturais. A higiene produzia a concepção do corpo moral, por isso, por um lado, o asseio era associado à de ciência, enquanto apresentar-se andrajosamente ou com unhas mal cortadas e cabelos compridos era associado ao descuido, ao desmazelo, à incivilidade e às atitudes condenáveis. O espaço escolar determina, pois, modos de uso do corpo dentro e fora da escola. Submete o corpo a um conjunto de representações consubstanciadas nos padrões de “bom comportamento”, dos “bons costumes”, incluindo-se até mesmo a forma de referir-se a ele e a tudo que lhe diz respeito. (1998, p.143 - 144).

Dentro do papel de conformação de novos modos de vida, concebendo os problemas de higiene como resultado da falta de educação sanitária, à educação é atribuída a possibilidade de superação através de ações que visavam à consciência do indivíduo baseadas no binômio: educação-higiene. Heloisa Helena Rocha (2003) utilizando a tese do Dr. Almeida Junior, “O saneamento pela educação” (1922), destaca essa articulação, ressaltando a visão dos problemas sanitários como de ordem educativa.

Visando a difusão dos preceitos de higiene e principalmente dos ensinamentos de puericultura realizou-se um curso, entre agosto e setembro de 1918, para diretores de grupos escolares do interior e de cidades do litoral.

Illmo. Snr. Director do Grupo Escolar. O Exmo Snr. Dr. Secrettario do Interior, com o intuito de orientar o professor paulista para bem executar os novos programmas de ensino, na parte que se refere à hygiene publica elementar, principalmente à Hygiene rural, e de auxiliar o Serviço Sanitário do Estado, na campanha, já iniciada, em prol do saneamento do interior, resolveu abrir, no Instituto Serumtherapico do butantan, sob a direcção do illustre cientista dr, Vital Brazil, um curso de hygiene elementar”. (Anuario de Ensino do Estado de São Paulo, 1918, p.211-212).

As reformas da década de 1920, cujo objetivo era ampliar os estudos pedagógicos, incluíram ciências consideradas fundamentos da educação como Psicologia, Biologia Educacional ou Higiene, História da Educação, Sociologia; fato que se verifica com a Reforma Sampaio Dória (1920) que inclui dentre as cadeiras que deveriam compor a formação dos futuros professores, a de Anatomia e Fisiologia Humana, Biologia e Higiene.

A respeito do projeto do Instituto de Hygiene de São Paulo, verifica-se a transformação das normalistas em educadoras sanitárias, realizando-se a entrega de diplomas à primeira turma em 1927.

Eis o tripé sobre o qual se deveria alicerçar a atuação das novas mensageiras da saúde, incumbidas do sublime apostolado de levar a todos os cantos a boa nova da regeneração da raça brasileira[...] as educadoras sanitárias, estariam cumprindo a missão para a qual foram convocadas: de contribuir, pela formação de homens fortes, cultos e virtuosos, para o engrandecimento do Brasil e o seu nivelamento com a “vanguarda da Civilização”. (ROCHA, 2003, p. 140 – 141).

Entre os alunos do Curso de Educadores Sanitários de 1925 a 1930 constam as seguintes professoras de Santos: no ano de 1927, Maria Ruth Fontes Campos, Adjunta do G.E. “Barnabé”; em 1928, Hebe Faria Corso, Adjunta do G.E. “Barnabé” e Sebastiana Sampaio do G.E. “Cesário Bastos”. Em 1929, Alaíde de Melo Sá, Professora da 1ª Escola Mista Urbana de Cubatão, formada pela Escola Normal da Capital e Maria Mont Serrat Carneiro, Professora da 1ª Escola Mista Urbana do Macuco, formada pela Escola Normal do Brás.

Esse grupo de profissionais no seu todo não foi aproveitado até 1930, já que até então não haviam recebido título de nomeação oficial sendo consideradas auxiliares do ensino e devendo cooperar, dentro da Escola, nas atividades de enfermagem, educação e ação social. A partir de então aparece a recomendação de que exerçam suas atividades, nos estabelecimentos em que se

achem as referidas educadoras, tendo presente o entendimento com a Inspeção de Educação Sanitária e Centros de Saúde (na capital) e, no interior, com as autoridades sanitárias locais. No “Fundo Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo” foram encontradas as seguintes circulares: Circular 34 de 22/08/1928 – “A Diretoria Geral de Instrução Pública recomenda que sejam facilitadas, o desempenho dos funcionários de higiene pública, dentro e fora do estabelecimento escolar”; Circular 756 de 18/06/1928 – “A Inspeção de Educação Sanitária e Centros de Saúde encaminha cartazes educativos e pede fixação em lugares convenientes para que sirvam de lição permanente de higiene às crianças”.

Em 1933, o aparelho de educação sanitária foi regularmente instituído: o art. 50 do Código de Educação confere as atribuições ao Serviço de Higiene e Educação Sanitária Escolar, criando trinta lugares a serem ocupados pelas educadoras sanitárias, comprometendo-se a elevar esse número progressivamente. Tal educadora sanitária não substituirá o professor, mas fará outras intervenções, nas quais este se encontra limitado por questões de tempo e de organização.

Como atribuições da educadora sanitária, o Código de Educação estabeleceu no art.60:

1. inspeccionar rigorosamente as instalações escolares e os alunos, segundo o horário estabelecido e instruções que lhe forem dadas pelo médico-chefe, directamente ou por intermédio da educadora chefe;
2. realizar palestras para professores e alunos;
3. coadjuvar o médico em seus serviços e os professores e directores nas iniciativas que tomarem em benefício da saúde dos escolares;

4. tomar parte na formação de turmas volantes, para serviços especiais, no município para que fôr designada;
5. realizar estudo em nosso meio, dando-lhe publicidade, mediante auctorização da chefia do Serviço;
6. communicar semanalmente, ou quando lhe for pedido, resumo dos trabalhos effectuados.

No ideário educacional estava inserido o programa de regeneração física e moral da população e daí a importância e a aproximação entre higiene e educação capaz de através da modelagem da infância garantir a eficácia da educação sanitária.

#### **1.4. A pedagogização do esporte**

A valorização da educação física e dos esportes na educação na Primeira República encontra seu substrato no pensamento médico-higienista, da crença no aprimoramento da raça e nos cuidados com a saúde do corpo, simbolizados pela máxima “mens sana in corpore sano”.

As virtualidades das novas práticas atléticas se mostravam portanto tão promissoras, que foram elaboradas num sistema capaz de abranger e acompanhar toda a vida ativa dos indivíduos. Esse sistema se chamava educação física. (SEVCENKO, 1992, p.47).

O grande mérito do pensamento médico-higienista foi criar grande parte das condições para o processo de escolarização da educação física, e compreensão de sua adesão ao mundo social. Os médicos encaminharam a relação entre exercícios físicos e o conhecimento anátomo-fisiológico. Na escola a educação física foi institucionalizada como ginástica aquela, que traduzia preocupações higiênicas com os tratamentos do corpo.

A gymnastica educadora, tão necessária ao desenvolvimento das fôrmas, á educação do character, ao fortalecimento do espírito, por uma amarga ironia figura nos programmas escolares, para sobrecarregal-os, mas nas escolas prima pela sua ausência... De sorte que nem se conhece a physiologia do orgam que se pretende cultivar, nem se cultivam os orgams cujas funcções se conhecem, exercitando a musculatura, regularizando as funcções digestivas, activando a respiração e a circulação, açoitando as secreções da pelle, em uma palavra: actuando de modo salutar sobre os phenomenos íntimos da instrucção pelos exercicios corporaes. (Os programmas de ensino e os exercicios corporaes. Dr. Vieira de Melo. Jornal dos Educadores, 1902, p.4 apud Anuario de Ensino do Estado de São Paulo,1916).

As teses médicas e escolares apontavam a necessidade do processo de escolarização e de profissionalização do magistério. O problema dos professores de educação física, que então se reclamava, era o da sua formação especializada: detentora dos fundamentos, dos métodos e das técnicas modernas desse saber, mas também conhecedora dos princípios e das tendências gerais da educação. Essa era uma das faces da questão, já com o olhar de uma visão panorâmica de uma educação integral, voltada a uma civilização que se tornava mais complexa.

Como vimos, nessas práticas de intervenção pedagógica, o asseio e a decência eram elementos destinados a produzir comportamentos civilizados. A modelagem da infância garantia eficácia da educação sanitária. A moralização dos costumes respaldada pela ciência evidencia a forte articulação entre higiene e educação nesse período.

A idéia de pedagogização da educação física surge nos últimos anos do Império com um movimento iniciado por Rui Barbosa e pelas autoridades sanitárias, para tornar obrigatório o ensino da ginástica nas escolas primárias e secundárias da Corte. Sinalizando para a ação regeneradora da Educação Física, o jurista e político brasileiro, apresentou um conjunto de medidas necessárias para que a ginástica se integrasse aos currículos escolares. No seu Parecer no Projeto

de número 224, denominado “Reforma do Ensino Primário e várias instituições complementares da Instrução Pública”, proferido na sessão de 12 de setembro de 1882 da Câmara dos Deputados, Rui Barbosa deu à Educação Física um destaque impar em seu pronunciamento, terminando por sintetizá-lo em propostas que foram desde a instituição de uma sessão especial de Ginástica em escola normal (inciso primeiro) até a equiparação, em categoria e autoridade, dos professores de Ginástica aos de todas as outras disciplinas (inciso quarto), passando pela proposta de inclusão da Ginástica nos programas escolares como matéria de estudo, em horas distintas do recreio e de depois das aulas.

Preocupado em viabilizar a industrialização e modernização, Rui Barbosa alertava seus contemporâneos para a importância pedagógica da ginástica na constituição física e moral da nação, comungando, em sua argumentação, das expectativas sociais do ideário médico-higienista sobre o futuro da raça, num contexto marcado pela substituição do trabalho escravo e por graves surtos epidêmicos:

A ginástica não é um agente materialista, mas, pelo contrário, uma influência tão moralizadora quanto higiênica, tão intelectual quanto física, tão imprescindível à educação do sentimento e do espírito quanto à estabilidade da saúde e ao vigor dos órgãos. Materialista de fato é sim, a pedagogia falsa, que descuidando o corpo, escraviza irremissivelmente a alma à tirania odiosa das aberrações de um organismo solapado pela debilidade e pela doença. Nessas criaturas desequilibradas, sim, é que a carne governará sempre fatalmente e o espírito ora pelos apetites, ora pelas enfermidades. (apud MARINHO, 1980, p.162-163).

O nome de Rui Barbosa e seu Parecer tornaram-se referências para todos os que vieram a defender a presença da Educação Física no sistema escolar brasileiro. Assim, “A Educação Física no Brasil, quando de suas primeiras tentativas para compor o universo escolar, surge como promotora da saúde do

corpo, da higiene física e mental, da educação moral e da restauração ou constituição das raças”. (SOARES, 1990, p.173).

Ainda no Império, em 1828, foi editado o livro “Tratado de Educação Física - Moral dos Meninos”, de Joaquim Jerônimo Serpa. Outro trabalho aparece em 1845, trata-se da tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro pelo Dr. Manoel Pereira Ubatuba, sob o título “Algumas considerações sobre a Educação Física”, onde demonstra o autor a necessidade e a importância do moral sobre o físico e deste sobre aquele. Em 1855 é promulgado o Regulamento da Instrução Primária e Secundária da Corte, e o ministro Luiz Pereira Couto Ferraz estabelece as normas da reforma do Colégio Pedro II, incluindo os exercícios ginásticos no currículo. Em 1886, Pedro Manoel Borges publica um “Manual Teórico-Prático de Ginástica Escolar”, destinado às escolas públicas, colégios, liceus, escolas normais e municipais.

Em 1907 a Missão Francesa contratada para ministrar instrução militar à Força Pública do Estado de São Paulo, funda na referida milícia uma Sala de Armas, destinada ao ensino e prática da esgrima, origem da criação da Escola de Educação Física da Força Pública do Estado de São Paulo, o mais antigo estabelecimento especializado de todo o Brasil, formando os primeiros “mestres de ginástica” e “mestres de esgrima”. (MARINHO, 1971) Em 1922 é criado o Centro Militar de Educação Física que só veio a instalar-se mais tarde, quando entrou em funcionamento o Curso Provisório de Educação Física em 1929.

Em 1931, com a Reforma Francisco Campos, é estabelecida a obrigatoriedade dos exercícios de Educação Física para todas as classes, calcados no método francês. Em 1937 é criada a Divisão de Educação Física no Ministério da Educação e Saúde.

Para Goellner (1992, p.201), com a implantação deste método fica clara a transposição das práticas militares para o interior das escolas. Segundo a autora,

Especificamente no que diz respeito à Educação Física escolar, o Método Francês foi um conteúdo que marcou profundamente seu fazer pedagógico. Possibilitou a inserção dos médicos e militares no contexto escolar valorizando os aspectos biológicos dos alunos, transmitindo a mesma orientação recebida pelos praticantes do Método nas corporações militares.

No que diz respeito a essa transposição, Ferreira Neto (1999, p. 149) chama atenção para o fato de que:

a adoção oficial do método francês no Brasil não nos autoriza a afirmar que a militarização de nossa área [educação física] decorre dele inexoravelmente, uma vez que a leitura precisa dessa proposta tem que reconhecer que há distinção entre a parte aplicada à tropa e a parte recomendável à escola. Todavia, apesar dos esforços empreendidos, o que predominou foi uma interpretação que transferiu a parte militar, isto é, as sete famílias do método, também à escola.

Na escola republicana, o pensamento pedagógico incorpora a ginástica ou a educação física para o atendimento desses novos ideais. De acordo com Carmem Lúcia Soares: “As práticas físicas modificam-se pelas dinâmicas culturais e, portanto formam um interessante acervo da história do homem e constituem-se em objeto de ensino, são pedagogizadas” (1996, p.6). Nelas houve o deslocamento do cuidado com o corpo para a escola, antes restrito ao espaço familiar.

Nesse sentido a educação física e a atividade esportiva representam hábitos salubres e modernos, proporcionando àqueles que as praticam benefícios morais e higiênicos, fatores básicos para a regeneração sócio-cultural. A ginástica, com a criação dos chamados Sistemas Nacionais de Ensino, passa a ter lugar como conteúdo escolar obrigatório. Compreendia marchas, corridas, lançamentos, esgrima, natação, equitação, jogos e danças. Esse movimento no século XIX teve

sua denominação definida a partir do país de origem e ficou também conhecido com “escolas” ou “métodos de ginástica”: método francês, alemão e sueco.

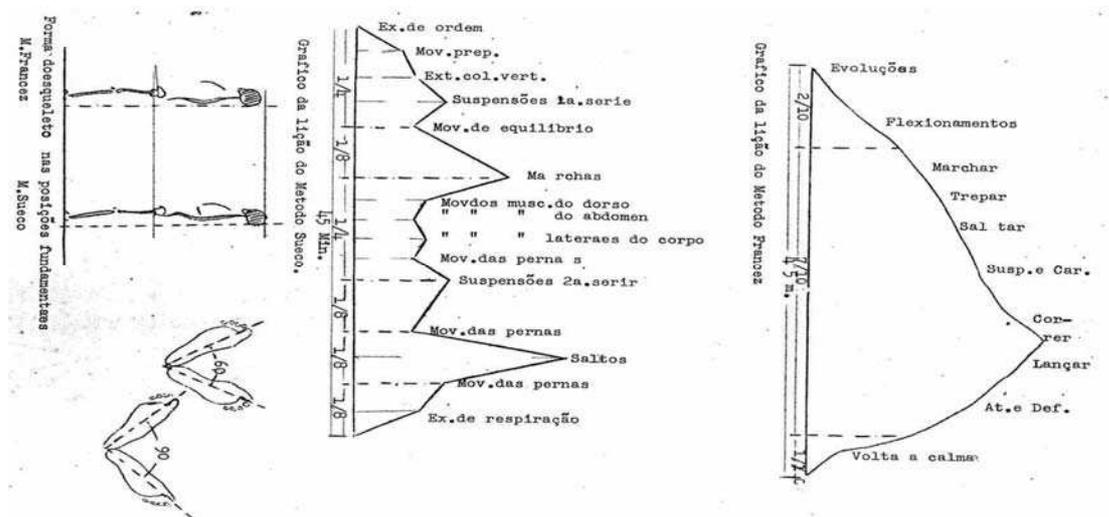


Figura 3 – Métodos de ginástica.  
Fonte - O quadro faz parte do acervo do Prof. Oscar da Silva Musa.

O que serviu de modelo para a ginástica em nosso país foi o francês.<sup>9</sup> Neles, os pedagogos e os médicos buscavam os princípios para elaborar os conteúdos de ensino na escola. Ao final do século XIX embora existam exercícios de natureza aeróbica como corridas e exercícios de força, flexibilidade e agilidade, o jogo esportivo torna-se o conteúdo predominante.

O modelo de aula, baseado nos parâmetros de treinamento esportivo, perdurará por todo o século seguinte. Nas últimas duas décadas do século XIX os estudos do fisiologista E. Marey e do biólogo G. Dêmey<sup>10</sup> são decisivos para a pesquisa experimental da época - o requinte da pesquisa científica - sendo substituído o termo, ginástica por educação física. As aulas são ditadas mais pela

<sup>9</sup> O método francês de ginástica estava presente no Brasil desde os anos iniciais do século XIX. Já sendo o método predominante nas escolas militares desde 1921, ele foi adotado também como método oficial das escolas civis brasileiras em 1929. Ver Inezil P. MARINHO (1953 e 1954), Carmen Lucia SOARES (2001), e Amarílio FERREIRA NETO(1999)

<sup>10</sup> E. Marey (1830-1903) no estudo da fisiologia do coração e dos vasos identifica a pausa compensadora e em 1860 inventa o esfigmógrafo, generalizando o emprego dos aparelhos gráficos nos estudos dos fenômenos fisiológicos. G. Dêmey (1850-1917) organizou o Curso Superior de Educação Física na França e redigiu o Manual do Exército do país. Contribuiu para os trabalhos desenvolvidos pela Escola de Joinville da qual se tornou professor e responsável pelo seu laboratório de pesquisas.

fisiologia acrescida do esforço: é o treino esportivo e o jogo esportivo e a hegemonia esportiva no ensino da educação física.

Na América do Sul, o Uruguai esteve na vanguarda tendo a Associação Cristã de Moços em Montevideú uma sede com Escola para Instrutores, além de haver em cada bairro *playgrounds* perfeitamente organizados; a educação física tornou-se obrigatória nas escolas e universidades. No Brasil, em 1778, Luíz Carlos Muniz Barreto escreve um Tratado de Educação Física e Moral. Nessa época, os únicos esportes praticados eram a esgrima e a equitação. Com a Revolução Francesa chegam ao Rio de Janeiro as primeiras notícias dos métodos Ling e Amóros,<sup>11</sup> logo aplicados no exército.

Notam-se esforços isolados e desconexos de particulares e começa a ação das Associações Cristãs de Moços que encontrou resistências e, mesmo assim, elas conseguem criar sedes em várias cidades com regular freqüência. Os colégios ingleses e americanos seguem o sistema em uso em seus países. No meio militar adotava-se o método sueco. Com a República houve aproximação com o exército francês, aparecendo em nosso exército os métodos Amóros e Dêmey. Este último adotado em 1913. Em 1919 é criada a União Atlética da Escola Militar. Em 1929 seus componentes fundam o Centro Militar de Educação Física, origem da Escola de Educação Física do Exército.

---

<sup>11</sup> Píer Henrique Ling (1766-1839) cria uma ginástica de inspiração científica na Suécia. O movimento sueco partiu da Dinamarca onde Ling foi aluno de Nachtegall, ligado ao movimento germânico. Em 1808 a Suécia através de Ling deu o primeiro passo no estabelecimento da ginástica escolar. Em 1813, Ling fundou o célebre Instituto Geral de Ginástica transformado mais tarde em escola Superior de Educação Física. Levou para a Suécia as idéias do alemão Güts Muths (1759-1839) autor de *Gymnastik für Jugend* publicado em 1793. Francisco Amóros Y Ondeano (1770-1848) espanhol naturalizado francês, foi técnico brilhante e pedagogo eficaz, fundamentando sua ginástica nos conhecimentos da natureza humana e na análise do movimento. Escreveu o primeiro regulamento de ginástica e fundou um instituto especializado em Paris. É considerado o criador da escola amorosiana e, alicerce da sistematização da educação física francesa. Seu método consistia no desenvolvimento das qualidades físicas, o aumento da energia e a exaltação das qualidades morais.

QUADRO DO MOVIMENTO DO PENSAMENTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR A EDUCAÇÃO FÍSICA E SEU CONTEÚDO DE ENSINO NO TEMPO		
MOVIMENTO DO PENSAMENTO NA EDUCAÇÃO FÍSICA	CRONOLOGIA	CONTEÚDO A SER ENSINADO NA ESCOLA
1- MOVIMENTO GINÁSTICO EUROPEU	SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX	- GINÁSTICA QUE COMPREENDIA EXERCÍCIOS MILITARES; JOGOS; DANÇA; ESGRIMA; EQUITAÇÃO; CANTO.
2- MOVIMENTO ESPORTIVO	AFIRMA-SE A PARTIR DE 1940	- ESPORTE - HÁ AQUI UMA HEGEMONIZAÇÃO DO ESPORTE NO CONTEÚDO DE ENSINO.
3- PSICOMOTRICIDADE	AFIRMA-SE A PARTIR DOS ANOS 70 ATÉ OS DIAS DE HOJE	- CONDUTAS MOTORAS
4- *CULTURA CORPORAL *CULTURA FÍSICA *CULTURA DE MOVIMENTO	TEM INÍCIO NO DECORRER DA DÉCADA DE 80 ATÉ NOSSOS DIAS	- GINÁSTICA, ESPORTE, JOGO, DANÇA, LUTAS, CAPOEIRA...

Figura 4

Fonte – Carmem Lucia Soares, 1996.

Afirma Soares (1994), que apesar das particularidades dos países de origem, as escolas de ginástica, de um modo geral, possuíam características semelhantes, como regeneração da raça, promoção da saúde, desenvolvimento da vontade, força, coragem, energia de viver (para servir à pátria) e desenvolvimento da moral (intervenção nas tradições e costumes dos povos). Precursora da Educação Física, a ginástica científica se afirmou ao longo do século XIX como síntese do pensamento científico no Ocidente europeu e integrante dos novos códigos de civilidade.

Como nos afirma Giddens, a modernidade se instala sob dimensões institucionais básicas e, onde as relações pessoais têm por objetivo a sociabilidade; a modernidade é um projeto ocidental em termos de modos de vida. O autor afirma que: “Algumas formas sociais modernas simplesmente não se encontram em períodos históricos precedentes... outras têm apenas uma

continuidade especiosa com ordens sociais pré-existentes. Um exemplo é a cidade”.(1991, p.122).

Neste sentido, pareceu-nos importante trabalhar esse vínculo entre a modernidade e a prática do esporte na cidade de Santos e buscar investigar a “cidade” para a compreensão do projeto de modernidade nela instaurado, atentando para o projeto urbanístico e o seu papel relevante na incorporação de mudanças mais profundas na remodelação da estrutura desta cidade litorânea.

## CAPITULO II

### O SIGNIFICADO DO ESPORTE E A CIDADE

**As culturas escolares não são um pressuposto, elas são o processo e o resultado das experiências dos sujeitos[...] - é preciso que eu considere que os sujeitos que a constroem guardam, eles também, diversos procedimentos e identidades pelas quais as culturas escolares estão continuamente informadas. (FARIA FILHO, 2007, p.198).**

#### 2.1. A cidade se higieniza

Transpondo e modelando a cultura, a transformação da sociedade em dado momento nos faz vê-la completamente distinta, e um olhar mais atento e pormenorizado revela dados interessantes. Era preciso transpor essa primeira camada, a do susto à primeira vista, para entender como funcionaram o lugar e as pessoas na teia social.

Assim, a interpretação da singularidade de um acontecimento requer a análise e investigação da forma como os indivíduos figuram no corpo social, permitindo compreender a existência singular e o momento de transformações e rupturas.

A história da educação, voltando-se para novos objetos ou novos modos de abordagem de antigos objetos, acaba por incorporar categorias cuja predominância pertence a outras áreas de conhecimento, abrangendo a complexidade dos contornos dos acontecimentos que estão postos a nos desafiar e instigar:

tornar-se-ia possível identificar e reconhecer os pertencimentos dos produtores dos discursos, politizando e recolocando-os no território da História que se recusa a reduzir o entendimento do fenômeno educacional a matizes explicativas previamente demarcadas, sejam

elas a conjuntura política ou a estrutura econômica, pois talvez esteja na intercessão diferenciada entre estes e outros aspectos freqüentemente negligenciados na historiografia consagrada, a possibilidade de fazer emergir uma história que resguarde as marcas próprias e específicas da educação e da escola... imagens vozes e usos que os diferentes agentes fazem dos projetos de modelação que lhes são impostos sob múltiplas formas.(GONDRA, 2002, p.70).

Elegendo o perfil da cidade de Santos, cumpre analisar como se movem seus agentes. A narrativa lacunar por vezes nos esquiva de continuidades racionais, obrigando-nos a atribuir significados, indicando os signos e os vestígios como sinais, cujos sentidos cabe a nós intuir.

O século XIX foi um momento de profundas transformações do capitalismo ocidental, desde o avanço imperial-colonialista, o crescimento dos pólos urbanos, o aumento do fluxo comercial e imigratório, que trouxeram desafios epidêmicos.

O quadro assolador desse período também contribuiu para a afirmação das políticas de saúde pública respaldadas por uma medicina social que se afirmou mais a partir de suas intervenções nos espaços urbanos. Esse fluxo intenso de transformações, alterando hábitos cotidianos e modos de vida de sociedades tradicionais, que foram invadidas por um ritmo de vida, valores e crenças, ditados pelas potências industriais, na tentativa de redimirem seus atrasos, e assim, se enquadrarem nas concepções de progresso e civilização, foram baseados no ideário cientificista, na visão de tempo retilínea e uniforme, em constante aceleração rumo ao progresso e à civilização.

O processo de transição, do século XIX para o XX, marcado por tensões, continuidades e rupturas, é visível no país e em Santos. Por um lado o reordenamento dos grupos dominantes; de outro a ruptura relacionada às idéias e a uma imagem que se desejava construir inspirada nos modelos americano e europeu.

Desta forma, o desejo de civilizar seguindo esse modelo de modernidade revaloriza os espaços públicos a partir da orientação dos sanitaristas e pedagogos.

A partir da segunda metade do século XIX, a cidade de Santos cresce devido ao comércio do café e ao desenvolvimento do porto. Em fevereiro de 1892 atraca, o navio inglês “Nasmith”, uma vez já construída a primeira etapa do cais pela Companhia Docas de Santos encarregada da obra, pertencente aos srs. Gaffrée e Guinle.<sup>12</sup> Em 1909 toda a obra inicialmente prevista estava concluída, com 4.720 m de cais. O porto que trazia divisas ao país era também a porta de entrada de imigrantes, destinados às fazendas cafeeiras e aos centros urbanos. Pessoas chegavam em busca de trabalho na construção do cais, na ferrovia, no comércio e na construção civil; isto provoca uma série de dificuldades, principalmente a densidade populacional, proliferando os cortiços e as precárias condições higiênicas desta população com dejetos lançados em terrenos baldios e sem água corrente.

Em Santos, o final do século XIX, principalmente os anos de 1889 e 1900, foi marcado por surtos epidêmicos, de febre amarela e peste bubônica, diagnosticados pelo Dr. Adolfo Lutz, então diretor do Instituto Bacteriológico. Emílio Ribas deslocou-se para a cidade várias vezes, juntamente com outros médicos, desinfetadores e equipamentos. Em outubro de 1889, Adolfo Lutz confirmou o micróbio em um cadáver e tanto as suas quanto as declarações de Ribas enfatizaram o diagnóstico bacteriológico diante da oposição sistemática de parte da imprensa paulista e de grupos sociais que residiam ou tinham interesses econômicos e comerciais na cidade de Santos.

---

<sup>12</sup> A Companhia Docas tinha em sua Diretoria em 1910: Candido Gaffrée, Eduardo R. Guinle Dr. Ozório de Almeida, Dr. Benjamin Weinschenk e Dr. José Xavier Carvalho de Mendonça. Seu escritório Central (Secção Construcção) na Avenida Taylor. Engenheiros: Dr. Benjamin Weinschenk, Dr. Ulrico Mursa, Dr. Victor de Lamare e Dr. Emilio da Gama Lobo d’Eça. (Almanak Commercial de Santos, fev.1910.)

O governo federal comissionou Oswaldo Cruz para em Santos (1899) dar seu parecer sobre a peste bubônica, encontrando-se na cidade com Adolfo Lutz e Emílio Ribas. Vital Brazil era na época, médico auxiliar do Instituto Bacteriológico. Algumas correspondências entre Vital Brazil e Oswaldo Cruz demonstraram que a estada e a convivência dos dois em Santos geraram um intercâmbio mais efetivo entre os pesquisadores de São Paulo e do Rio de Janeiro, pelo menos nesses anos iniciais.<sup>13</sup>

As condições de insalubridade e os seguidos surtos de doenças, que ameaçavam até o fechamento do porto de Santos, levaram o governo do Estado a intervir na região, para que fosse garantida a exportação do café e, o desenvolvimento da cidade de São Paulo; já que as epidemias assolavam a população, para desespero das autoridades públicas e dos empresários capitalistas ávidos pela mão-de-obra imigrante e seus ganhos com, a agro-exportação no porto de Santos. A Lei nº 35 de 28/06/1892 autorizou desembolsos do governo do Estado com o saneamento de Santos e São Paulo.<sup>14</sup> Em 1900, Instruções Sanitárias contendo normas e aconselhamentos, do Serviço Sanitário do Estado de São Paulo foram distribuídas como meios de evitar as epidemias de febre amarela, peste bubônica e outras moléstias transmissíveis, abarcando as dimensões públicas e privadas quanto às medidas sanitárias. Pela gravidade da situação, sobretudo na cidade de Santos e na capital federal, ameaçando atingir a capital paulista, os

---

<sup>13</sup> Oswaldo Cruz foi nomeado diretor-geral de saúde pública pelo então presidente Francisco de Paula Rodrigues Alves (1902-1906) o mesmo que havia, enquanto governador de São Paulo, autorizado e apoiado experiências do Hospital de Isolamento de São Paulo. Para os médicos paulistas envolvidos com a administração sanitária interessava aquela nomeação, na medida em que já vinha de anos anteriores o estreitamento de relações com Oswaldo Cruz, principalmente a partir de sua atuação em Santos no caso da peste bubônica. Nas correspondências entre Emílio Ribas e Oswaldo Cruz, este último solicitando o envio de toda a legislação sanitária de São Paulo bem como o “código de posturas” que em São Paulo era denominado código sanitário. Constata-se na atuação de Oswaldo Cruz no saneamento do Rio de Janeiro o embasamento de diretrizes paulistas. Ver Almeida 2003.

<sup>14</sup> Essa lei suscitou debates no congresso estadual em torno do antagonismo equidade x favorecimento em relação ao saneamento em Santos e São Paulo onde o governo executou obras com recursos próprios. Ver a respeito Telarolli Junior (1996).

esforços dos sanitaristas se voltaram para o extermínio dos roedores, além de informações mais detalhadas sobre a doença retratada.

Em 1903 foi criada uma comissão de saneamento para a cidade sob a direção do engenheiro José Pereira Rebouças. Guilherme Álvaro é chamado pelo Estado para chefiar a Campanha Sanitária. O primeiro plano urbano para Santos foi realizado pelo engenheiro Estevan A. Fuertes, professor da Universidade de Cornell, (Estados Unidos) dentro do pensamento urbanístico americano, em São Paulo. Dentro da nova ordem social (fim da escravidão), político-administrativa (proclamação da República, regime federativo) e econômica (cultivo e exportação do café, grande fluxo de imigrantes), essas mudanças abarcaram a necessidade de reestruturação, tanto no plano físico como administrativo, exigindo uma demanda de profissionais aptos a refletir e atuar sobre a cidade.

É também importante nesse cenário o fluxo de idéias e reflexões (Sitte, Howard, Geddes) que no Brasil sofrem simbiose com as idiosincrasias nacionais, resultando em prática própria cheia de especificidade.(COSTA,2003, p.5)

Essa especificidade no ideário brasileiro sobre a cidade moderna se configura na higiene, circulação, estética e educação.

Essas idéias (do profissional) vão inevitavelmente enfrentar não apenas aspectos técnico-formais, mas muito mais, um projeto de sociedade e uma compreensão do papel de sua obra na formação de uma identidade cultural e no desenvolvimento social.(COSTA, 2003, p.9)

Theodoro Sampaio foi o primeiro engenheiro, depois de Fuertes, a ressaltar a importância de pensar as obras de saneamento como um sistema. Ocupou o cargo de chefe da Repartição de Águas e Esgotos em fins de 1898 aí permanecendo até o ano de 1903, contratado para pensar o problema de Santos, uma vez que o governo estadual encampara as obras.

Em 1899, um ano após ter assumido, Theodoro Sampaio assistiu à promulgação da lei que autorizava o Estado a celebração de contrato para os serviços de esgoto em Santos. A Comissão de Melhoramentos da cidade de Santos, implantando os serviços urbanos, tem a presença dos Cochrane-Simonsen.<sup>15</sup> Juntando-se depois à equipe de saneamento o engenheiro sanitarista Francisco Rodrigues Saturnino de Brito, em 1905, ao assumir a Comissão de Saneamento do Estado<sup>16</sup> - que possuía uma visão ampla do saneamento para atender a qualidade de vida, abrangendo a saúde física e mental das futuras populações - torna-se responsável pelo projeto de drenagem e coleta de esgotos, que previa grandes áreas verdes urbanizadas, acompanhando os canais de drenagem e a avenida da praia.

Em 1914 fez vários estudos para a implantação de uma avenida-parque ao longo da orla marítima que se chamaria Avenida-Parque da Barra. O projeto continha sugestões para o uso do solo, prevendo atividades sociais, edifícios públicos, campos para a prática de esportes, jardins e passeios.

Este projeto urbanístico escolhido para Santos segundo ANDRADE (1999, p.175-178) “deixou dois referenciais intocáveis para o santista: a praia com seus sete quilômetros de jardins e os canais que são como veias abertas onde corre o mar’.”

---

<sup>15</sup> Inácio Wallace Gama Cochrane e seu neto Roberto Cochrane Simonsen um dos líderes intelectuais pioneiros da indústria nacional, filho de Sydney Simonsen e Robertina Cochrane Simonsen da família Cochrane do Rio de Janeiro de engenheiros ligados às ferrovias. (PEREIRA, 2005, p.35).

<sup>16</sup> Francisco Saturnino Rodrigues de Brito nasceu em Campos, R.J., em 14 de julho de 1864. Engenheiro civil, começou sua carreira, trabalhando em ferrovias do Rio; Minas; Sergipe e Ceará. Levantou a planta de Piracicaba (S.P.), dedicando-se ao saneamento e urbanismo em São Paulo; Santos; Recife; Belém; Campos e outras numerosas cidades, criando o sistema de saneamento que o tornou conhecido na América do Norte e Europa. Teve escritório no Rio de Janeiro, onde prestava serviços de assessoria. Faleceu em Pelotas (R.S.), em 10 de março de 1926. Nos jardins da praia, junto ao Canal Um, estátua de Saturnino de Brito, mostrando o plano dos canais, é homenagem da cidade de Santos. É o patrono da engenharia sanitária no Brasil. (ANDRADE, 1999, p.162-163).

Os principais planos de Saturnino de Brito - Santos e Vitória - evidenciam claramente o princípio no qual as linhas mestras de extensão ou criação de cidades novas devam ser traçadas conforme as necessidades sanitárias, na medida em que suas avenidas principais são perfeitamente adequadas às linhas de escoamento e de relevo.

No caso santista a evolução das condições sanitárias está intimamente relacionada aos canais, referenciais urbanos muito significativos. “Santos possui vários referenciais: a praia; os morros; o porto; os canais. Estes foram projetados e construídos pela necessidade de drenar o solo urbano”.(ANDRADE, 1999, p.156) A questão urbana em Santos passava pelo problema sanitário.

O plano de saneamento e as avenidas Conselheiro Nébias e Ana Costa, determinariam as linhas mestras da ocupação urbana, mostrando uma tendência de valorizar a orla da praia. Como nos diz Carvalho (1994, p. 96), “Como seres urbanos, somos, então, autores da nossa cidade, construtores permanentes da sua significação e da sua personalidade”.

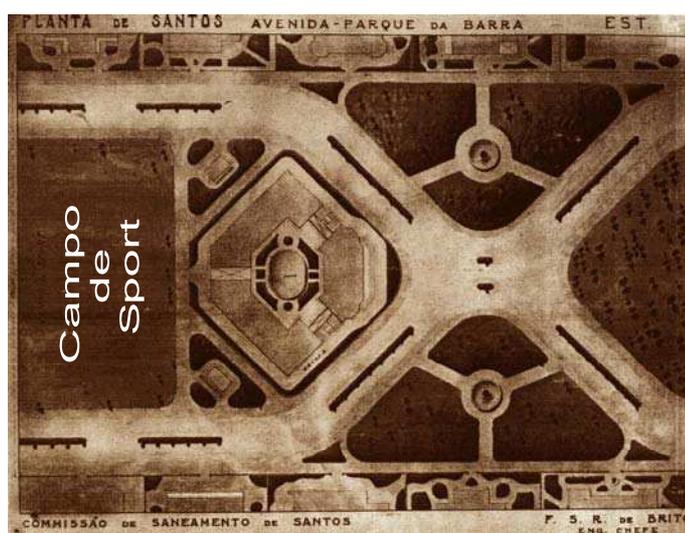


Figura 5 - Campo de sport: projeto Saturnino de Brito.

Fonte: Planta IX da Comissão de Saneamento de Santos – Eng. Saturnino de Brito.

Ao encerrarem-se na cidade as doenças causadas pela falta de saneamento básico, melhorando a qualidade de vida da população pela implantação da rede de esgotos, os banhos de mar, a princípio terapêuticos, se incorporaram ao cotidiano das pessoas como atividade de lazer nas primeiras décadas do século XX.

A partir da década de 1920, as antigas chácaras deram lugar a residências que valorizaram o local e seu acesso, com a construção dos canais de saneamento da avenida da praia. Os jardins aparecem improvisados em frente aos principais hotéis, o Balneário, o Internacional, o Atlântico e o Avenida Palace. São implementados equipamentos urbanos como cabines para o banho de mar e um coreto próximo ao Canal 2.

Havia então duas áreas ocupadas: uma central, “a cidade”, como diziam os santistas, e os bairros a elas anexos: Vila Nova, Vila Mathias e Vila Macuco; e a orla da praia do Embaré, área preferencial das chácaras e de moradias. A preferência pela orla da praia era antiga. (ANDRADE, 1989, p. 171).



Figura 6 - À moda dos balneários da Europa, cabines para banhistas nas praias de Santos.

Projetando-se no sentido de remodelar e homogeneizar os espaços da urbe, a ciência urbanística vai requalificá-los, dando-lhes uma nova paisagem.

O aumento da faixa portuária modifica aos poucos o traçado da cidade, deslocando a população em direção à barra (praia), chegando ao Gonzaga e ao Boqueirão e, os trabalhadores, formando novos bairros operários, entre eles o Macuco.

Num deslocamento contínuo, em busca de trabalho e teto barato, as levadas de habitantes pobres compõem uma paisagem que em nada se assemelhará à imagem de progresso que a cidade primava por exibir. O programa de modernização não alcançaria de início os bairros operários. Locais improvisados compõem a paisagem dos bairros populares. O registro de médicos-higienistas e sanitaristas, assim como o dos engenheiros, produziram representações sobre a cidade e seus habitantes, com base nas quais formulariam propostas de intervenção. Imigrantes, migrantes e negros foram elementos que o projeto de cidade moderna, a princípio, foi incapaz de absorver.

Os bairros operários são indicadores das precárias condições de vida impostas à maioria da população, e objeto de crescente suspeição, com seus “hábitos viciosos” e “figuras ameaçadoras”, exigindo não somente medidas para amenizar os conflitos sociais como também a disciplinarização dos maus hábitos dessa população, no sentido de educar o povo e ensinar-lhe as prescrições de higiene, tornando esse operário um trabalhador forte, saudável, produtivo e ao mesmo tempo disciplinado.

## 2.2. O mar ou a praia na vida da cidade

Por outro lado, a elite busca deslocar a cidade do centro para a barra, a praia.

A partir dos anos de 1920 o sol passa a ser a atração principal do banho de mar, não mais por efeitos terapêuticos, mas estéticos; copiando a moda vinda dos balneários franceses. Os trajes de banho se tornariam mais curtos e colantes; a moda tenderia para roupas mais leves de forma a ressaltar as formas da anatomia e a textura da pele. A praia e seu uso para lazer, achava-se inserida num processo mais amplo de adesão a novas práticas corporais de entretenimento que glorificavam a atividade muscular ao ar livre. Observem-se as figuras 9, 10 e 11.

Transformar estruturas urbanísticas em patrimônio cultural significa atribuir-lhe uma função de representação que funda a memória e a identidade, Há também algo que ultrapassa os saberes analíticos que tematizam a cidade como objeto, uma cidade dispõe de uma quase personalidade específica que estimula o potencial da imaginação. A expansão urbana em Santos é refletida nos fluxos e ritmos que se alteram; num processo acelerado coexistiam permanências, demolições, construções, cresciam as obras públicas e os espaços passam a ser redefinidos.

Na década de 1930 para consolidação de ocupação da orla pela Prefeitura Municipal, com recursos escassos, optou-se por um grande jardim cujos primeiros traçados destinavam-se ao trecho entre os canais 2 e 3, de autoria do engenheiro Paulo J. Veiga e posteriormente pelo arquiteto Carlos Lang. O prefeito Aristides Bastos Machado, após conseguir do governo federal o documento oficial de responsabilidade sobre a utilização da faixa da praia, iniciou as obras destinadas à

execução do projeto dos jardins em 1935 em frente ao hotel Parque Balneário, sendo designados para chefiar as obras os engenheiros Adalberto Moura Ribeiro e Hugo Benedito Oliveira.



Figura 7 – Santos praia do Boqueirão, sem os jardins.  
1. Parque Indígena, 2. Miramar, 3. Avenida Bartolomeu de Gusmão.

A crescente ocupação da orla da cidade pelas elites, a partir do final do século XIX à procura de locais mais arejados e adequados fez da praia um novo espaço de lazer, introduzindo o banho de mar no cotidiano da cidade, ao mesmo tempo em que lançava as bases para a prática dos esportes aquáticos como o remo e a natação, visando a melhoria da saúde e o aperfeiçoamento físico. O uso medicinal do banho de mar vinculava-se a descobertas científicas dos meados do século XVIII que apontavam seus benefícios físicos, porém sua intensificação com fins de lazer foi um dado cultural do século XIX.

A burguesia apropria-se dos valores aristocráticos, traduzindo-os em termos de agressividade, competitividade e imperativo de vitória. No final do século

XIX e início do século XX o esporte ocupou um lugar privilegiado na sociedade européia e americana e o Brasil passou a fazer parte dessa zona de influência, assimilando parte dessa cultura e agregando valores que lhe eram próprios. Banhos de mar, banhos de sol, caminhadas, tônicos, laxantes, elixires etc. Livros ressaltando os ganhos, a hora adequada, os procedimentos e as preocupações com os banhos de mar foram traduzidos do francês, como “Banhos de mar” em 1876 e “Conselhos aos banhistas” do Dr. Claparède, em 1882. Influência dessa nova aceitabilidade no que se refere à exposição corporal, de um novo modelo aceitável de corpo, da valorização da busca da saúde e da ocupação das praias com outros sentidos que não terapêuticos, os esportes começaram a desenvolver-se mais precisamente o remo, tornando possível assistir a homens nus e musculosos competindo no mar da cidade.

Forja-se um novo estilo de vida e cultura, signo de distinção de uma elite no qual se inserem novos espaços de lazer e divertimento como o *footing* à beira-mar e o esporte. O esporte e o local onde era praticado são símbolos de distinção e distanciamento das elites. Neste cenário tão profundamente marcado pelos ventos da mudança, impunha-se a necessidade de repensar e demarcar os papéis sociais. Para Chalhoub, esta visão, calcada no “perigo de contágio”, forneceu suporte ideológico para a ação saneadora que a partir de 1889, isolou a pobreza e suas moléstias “contagiosas” propagadoras da degenerescência e seus males. (1996, p.35).

Nesse panorama de mudança do século XIX para o XX vislumbra-se o caráter cambiante e fluído das fronteiras que organizam o mundo social, seus limites, atribuições e hierarquias de papéis:

A necessidade e a premência de modernizar a estrutura da cidade é visível na elite centrada na Associação Comercial de Santos,

fundada em 1870, agregando os setores agro-exportador, importador e representantes dos bancos estrangeiros”.( PEREIRA, 2006 ).

Esta urbanização, nas últimas décadas do século XIX, ocorre sob o domínio da economia agro-exportadora, portanto sob o comando da elite santista que congrega o alto comércio que se une aos fazendeiros paulistas e profissionais liberais, médicos e engenheiros, grande parte provenientes da capital federal.

Intimamente ligada a uma identidade própria de Santos, a elite intelectual da cidade ao mar vai se reportar. Aqui nasceram grandes poetas como Vicente Augusto de Carvalho, Paulo Gonçalves, Fabio Montenegro, Ruy Couto, Affonso Schmidt e Martins Fontes. Vicente de Carvalho, “o poeta do mar” o exalta em sua poesia panteísta da natureza;<sup>17</sup> a “poesia é testemunho histórico” na medida da averiguação das relações e intenções que se estabelecem entre autor, obra e público. É social nos dois sentidos, pois é produto do meio ao mesmo tempo em que age sobre os indivíduos.<sup>18</sup>

Em 28 de março de 1918 Olavo Bilac veio a Santos. Desembarcou do trem, na Estação da Inglesa, à tarde onde o povo, autoridades, soldados do Tiro 11, escoteiros e a banda de música do Corpo de Bombeiros o aguardavam com grande entusiasmo. O poeta e vereador Heitor de Moraes fez a saudação e Olavo Bilac respondeu demonstrando a satisfação de retornar a Santos, onde esteve quando tinha vinte anos de idade, e aqui nesta época assistiu a chegada de escravos fugitivos, descendo a Serra do Mar, em busca de liberdade, e onde agora vinha em propaganda da Liga da Defesa Nacional.<sup>19</sup> Mais tarde em São Paulo realizariam

---

<sup>17</sup> Vicente de Carvalho, poeta parnasiano, casado com dona Ermelinda Mesquita de Carvalho, filha de negociante ligado ao alto comércio do café, oriundo de Campinas, é irmã de Júlio César de Mesquita advogado que vai ser um dos diretores do jornal “A Província de São Paulo”.

<sup>18</sup> Ver (CANDIDO, 1976, p.20-21) a respeito da dialética existente entre a arte e a sociedade.

<sup>19</sup> Jantou no Parque Balneário com amigos e intelectuais e à noite no Teatro Guarani, pronunciou a conferência “As lendas nacionais”. No dia seguinte chegou outro poeta Amadeu Amaral. Nesta noite, os poetas Freitas Guimarães, Heitor de Moraes, Roberto Moreira, Octacílio Gomes, Martins Fontes,

grande homenagem ao imortal poeta santista Vicente de Carvalho, com um banquete no “Trianon”, pela nova edição de “Poemas e Canções”.

As elaborações e construções operadas pela elite intelectual contribuíram para a organização da realidade e formaram grupos sociais com redes de relações específicas. O poeta Vicente de Carvalho, juntamente com o prefeito Joaquim Montenegro, em 1921 organizaram um abaixo-assinado, que foi enviado diretamente ao presidente Epitácio Pessoa<sup>20</sup> para evitar o loteamento dos terrenos livres da orla. Alguns setores compartilhavam da concepção evolutiva e linear do progresso ventilada pelos “produtores do espaço” já que os lotes deveriam seguir o mesmo alinhamento do hotel Internacional, na divisa de Santos com São Vicente. Vicente de Carvalho assim se expressou referindo-se aos jardins da praia: “riqueza estética, zelada de geração em geração”; por ocasião das ameaças de aforamentos em massa nos terrenos de marinha.

A partir de 1920 Santos estava destinada ao futuro promissor, como centro de progresso. A sua evolução material, social e artística operava-se a saltos bruscos e incontidos. Cada ano que passava novo aspecto alastrava-se em todas as direções, ampliava-se em todos os sentidos. Construções novas e elegantes, ruas amplas e arborizadas, avenidas largas e asseadas calcetadas ou macadamizadas se estiravam em terrenos, onde, não havia muito tempo, borbulhavam as águas dos terrenos infectos. Nestes terrenos drenados, surgem bairros novos, com lindas vivendas, jardins, chácaras, hortos, a expandirem-se rapidamente até as praias.

---

Valdomiro Silveira, Olavo Bilac e os escritores Alfredo Pujol e Armando Prado e o ator João Barbosa, recitaram versos das “Urzes”, da “Nevoa” e das “Espumas”.

<sup>20</sup> Dr. Epitácio Pessoa tinha vindo a Santos dia 22 de agosto de 1921 para lançar as pedras fundamentais do monumento dos Andradas e do palácio da Associação Comercial. Na ocasião desta visita, o imortal poeta santista Vicente de Carvalho publicou no jornal “A Tribuna” suplicante “Carta Aberta ao Presidente da República” na qual pede que defira o requerimento da Câmara Municipal de Santos que pretendia conservar “essa jóia preciosa de nossa grande família brasileira” a “Praia da Barra”. Não demorou muito tempo e o Ministro da Fazenda concede à municipalidade o aforamento dos terrenos de marinha no município, solucionando velha questão que se debatia há vinte cinco anos.

Afonso Schmitd, no soneto Bairros Novos os descreveu. Como nos diz Vago (2002, p.30): “Ícone da Modernidade, espaço público legitimador de um novo poder que pregava uma organização social de cidadãos emancipados, estavam a cidade e seu traçado. Novas faces, novas curvaturas, um corpo que estava para ser construído”.

A ambiência cotidiana bela ou não, se impõe pela maneira e pela freqüência com que cada cidadão e cada grupo social se relaciona com ela, pois uma íntima relação espaço-temporal, com um lugar afeta a capacidade de percepção dos objetos e dos ambientes que o compõem e a de seleção e fixação destes na memória de quem usa ou visita o lugar: “Não existe uma identidade autêntica, mas uma pluralidade de identidades construídas por diferentes grupos sociais em diferentes momentos históricos”. (ORTIZ, 1994, p.132).

Sendo assim, permitindo determinar os elementos identitários que caracterizam a cidade e sua cultura e a pouca visibilidade do acervo desse patrimônio cultural, prejudicando o sentido de pertencimento da comunidade, é necessário reforçar a cognição, o conhecimento, o uso e o afeto que os moradores têm pelo lugar, criando passagens, umbrais, direcionando o olhar, recolocando elementos fragmentários, dando estrutura e unidade, realçando a identidade do lugar. “Uma cidade monumental, linda, cheia de graça e encanto colocou-se entre as mais famosas da terra bandeirante e, depois da capital brasileira, a princesa do nosso litoral”.(REVISTA FLAMMA, jan. 1939, p.1).<sup>21</sup>

---

<sup>21</sup> Revista Flamma – Em 21/02/1921 aparece seu primeiro número. Revista literária e social fundada por Norberto de Paiva Magalhães e Galeão Coutinho, que circulou na cidade de Santos até a década de 1940, noticiando mensalmente as realizações esportivas, festivas e culturais e efemérides de fim de ano principalmente as de colégios.

Na mesma Revista Flamma de 1939, (p.25 e 26) a entrevista do Comendador João Manoel Alfaia Rodrigues<sup>22</sup> descrevendo Santos em sua meninice e mocidade, então aos noventa anos de idade, passo a transcrever a seguir:

“Indaga-lhe Edmundo Amarai:

\_\_\_ E as praias?

\_\_\_ Nas praias desertas havia uma ou outra chácara onde as famílias da cidade iam passar o verão. Mas era uma verdadeira viagem ir-se à praia naquele tempo. Faziam-se despedidas.

\_\_\_ Iam de bonde?

\_\_\_ Qual bonde, não havia ainda nem bondes nem burros. Ia-se de bangüê, de caleça ou em carros grandes puxados a burros. Espécie desses carros de açougue, mais abertos e com bancos. Ia-se pelo Caminho Velho da Barra, espécie de caminho de índio acidentado e tortuoso.

\_\_\_ A cidade era então pouco saneada?

\_\_\_ Pouco? Não havia saneamento de espécie alguma. Daí o surto das epidemias periódicas. Lembro-me de duas. A primeira então fez perto de seiscentas vítimas, o que é enorme para uma população de dez mil habitantes.

\_\_\_ E a vida social?

\_\_\_ Pacata. Jantares em família, um e outro batizado ou casamento. Teatros? Lembro-me de um pertencente a um português Domingos de tal e onde Furtado Coelho e a Lucinda Simões representaram. Só mais tarde é que Augusto Fom construiu o “Guarany” onde estreou Keller”.

Nesta fala do Comendador, pode-se aferir com mais vivacidade a importância que tinha para ele as vozes do passado, sua memória sensitiva e

---

<sup>22</sup> João Manoel Alfaia Rodrigues (1850-1942) – Vereador, foi Inspetor Municipal de Ensino (1876), também um dos fundadores do Asilo dos Órfãos e Comissário de café de grande projeção na cidade.

impressões visuais, voltando a tudo o que tinha de estranho e maravilhoso na perspectiva do menino e do moço, levando-nos à consciência do quanto ainda há de perdido para quem escreve agora. Uma certa descontinuidade de estrutura conduz à constatação de que a ilusão de transparência, não deve oferecer significados prontos, mas nos deixa a tarefa de construí-los, a partir de várias fontes de expressão, numa espécie particular de obra feita em cacos, onde mesmo o mais especialista não é capaz de decifrá-lo por inteiro.

A arte da narração não está confinada nos livros seu veio épico é oral. Os nexos psicológicos entre os eventos que a narração omite ficam por conta do ouvinte, que poderá reproduzi-la à sua vontade; daí o narrado possuir uma amplitude de vibrações que falta à informação. O passado revelado pela memória não é o antecedente do presente é a sua fonte. (BOSI, 1999, p. 81-91).



Figura 8 - Praia do José Menino, década de 1930 vendo-se o Hotel Internacional, ao fundo. A praia torna-se um local de sociabilidade.

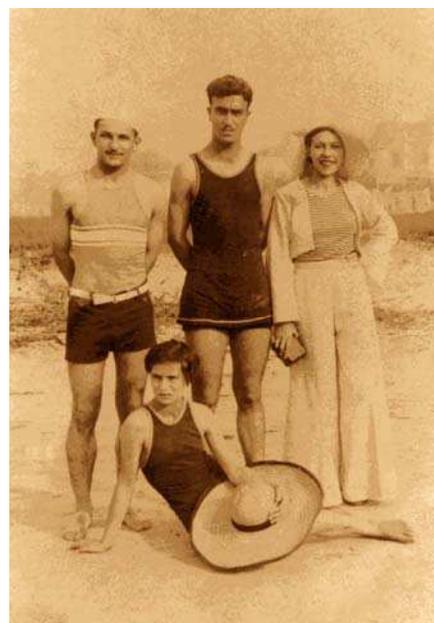


Figura 9 - Nas praias de Santos, na década de 1930.



Figura 10 - Nas praias de Santos na década de 1930, em frente à ilha Urubugueçaba. A praia é um local de sociabilidade.



Figura 11 - Banhistas nas praias de Santos na década de 1930. Ao fundo um cavalheiro passeia pela praia.



Figura 12 - Banhistas nas praias de Santos na década de 1930.



Figura 13 - Banhistas nas praias de Santos na década de 1930. Ao fundo uma pessoa passeia pela praia.

A fixação da imagem fotográfica torna perenes, as lembranças de pessoas e acontecimentos: o desocultar dos corpos com a diminuição dos trajes de banho e a valorização da praia, são revelados nos retratos de banhistas. Observe-se a ausência dos trajes mais sumários nas fotos 10, 11, 12 e 13 tanto para homens como mulheres; porém observa-se que os primeiros estão mais expostos.

As atividades esportivas em Santos privilegiam, inicialmente a natação e as regatas por sua característica de cidade litorânea ligadas aos esportes aquáticos promovidas pelos Clubes de Regatas.

### 2.3. Os Clubes de Regatas

Ligadas ao mar, as modalidades esportivas se ajustam às demandas da ideologia higienista, já em fins do século XIX. O remo, as regatas, os clubes de regatas, prioritários no Estado, para a prática do esporte náutico são fundados por membros das elites econômicas da cidade, remadores que expressam suas diferenças e identidades sociais. As classes populares deles se mantinham alijadas, pois sua prática implicava custos materiais elevados e mesmo a assimilação de estranhos códigos de conduta.

Com efeito, a prática esportiva se desenvolveu como um elemento para diferenciar não só um novo tempo como também para expressar e identificar o posicionamento de um determinado grupo nessa sociedade.

A fundação de algumas agremiações náuticas como novos espaços de sociabilidade, lazer e memória, são forjados para inscrever simbolicamente a ascensão e o prestígio de grupos da elite urbana. Simbolizando o triunfo da modernidade brasileira, as regatas expressavam uma base de identidade comum associada a novos valores de beleza, saúde, progresso e civilidade compartilhados por estes sujeitos sociais.

A cidade, adentrando no clima da modernidade, busca novos padrões de civilidade, associados à construção de uma sociabilidade urbana e a novos códigos de conduta burguesa, entre eles a prática do esporte. O incipiente processo de valorização de atividades físicas e esportivas - não só mais o banho de mar terapêutico - principalmente do remo e da natação leva a cidade à abertura de novos espaços de lazer e divertimento. Vários clubes de regatas, fundados ao final do século XIX, dão ênfase ao “perfil esportivo” do santista e se materializaram de forma inequívoca, na documentação encontrada:

com a fundação dos clubes, a prática do remo, o esporte tomava rumos da conquista popular, obtendo progressivamente novos adeptos e realizando-se na cidade provas constantes[...]O remo era o esporte que havia conquistado a população e as regatas tornaram-se grandes acontecimentos (A história do remo em Santos, s/d, p. 13-14).

Começa a se delinear no Brasil uma sociabilidade marcada pela convivência em grupo e pelo desfrute de novos espaços públicos e privados, como os clubes e as associações atléticas formadas por indivíduos das camadas médias para a prática da ginástica e do esporte. O “ouro verde” foi responsável pelo desenvolvimento no litoral de uma classe média ligada ao comércio daquele produto de exportação, categoria social que dava suporte à prática da atividade esportiva como valor cultural:

eram jovens de várias camadas sociais e comerciais sendo alguns do alto comércio cafeeiro local... resolveram, após várias reuniões preliminares, fundar nova agremiação esportiva, alicerçada em princípios outros do clube que renunciavam. (CORRÊA, 1982, p.18).

Embora não haja registro das datas de fundação, as duas primeiras agremiações dedicadas às regatas foram o Clube Nacional de Regatas e o Clube Internacional de Regatas. O Clube de Regatas Santista nasceu da fusão dos dois em 3 de abril de 1893, em reunião à rua Amador Bueno nº 8, sob a presidência de Olegário Rocha, começando a funcionar na Bocaina, na ilha de Santo Amaro. Em 1910 funciona na Praça da República nº 56, com 100 sócios, tendo sido reorganizado em 21 de maio de 1897, tendo por fins: sport náutico e gymnastica. Possuía além de um barracão e de um terreno, mais de 30 embarcações. Seu presidente era Agnello Cícero Oliveira e vice-presidente Joaquim da Cruz Montes.

Também já existia, nesses tempos precursores, renomados astros dos clubes de Santos, como Edgar Perdigão, também remador, e Manoel Câmara. O relacionamento com a cidade de Santos, comum no remo, também se verifica nos demais esportes aquáticos, todos regidos pela mesma entidade, a “Federação Paulista das Sociedades de Remo. (NICOLINI, 2000, p.8).

No Almanak Commercial de Santos, fevereiro de 1910, p. 103:

### Federação Paulista das Sociedades do Remo

Séde em Santos á rua Antonio Prado, n.116 sobrado, fins, representar, promover o desenvolvimento e defender os interesses geraes do Sport Náutico no Estado de São Paulo e onde se fizer necessária sua intervenção. Fundação: por commun accordo entre os clubs náuticos de São Paulo, Santos e S. Vicente foi fundada a <Federação Paulista das Sociedades do Remo> em 4 de agosto de 1907. Directoria, presidente Cap. J. Scott Hayden Barboza vice-presidente Joaquim Lopez Gouvêa, 1º secretário Luiz Antonio da Silva Jr. 2º secretario J.M. Sarmiento, 1º thesoureiro Alberto Grandal Soares, 2º thesoureiro Julio Andrade de Silva. Pavilhão: É uma bandeira quadrangular tendo uma anchora atravessada por dois remos em campo branco.



EDMUNDO SOUZA

Figura 14 - Edmundo Souza.

Tendo dedicado-se ao remo, ganhou as seguintes provas pelo Clube Internacional de Regatas:

Canoa e Yole a 4 remos – 1º lugar – 2 medalhas de prata – 30 de maio 1913 – patronagem – Novíssimos.

Canoa e Yole a 4 remos – 1º lugar – 2 medalhas de prata – 31 de maio 1914 – Proa – Novíssimos.

Canoa a 4 e 2 remos – Juniors – 2 medalhas de prata e 1 de ouro, 1 taça oferecida pelo Prefeito Municipal Sr. Belmiro R. de Moraes e Silva – 24 de maio 1916 – Proa.

Canoa a 4 remos – Juniors – Regata promovida pelo R. C. Tietê – 1 medalha de prata e um bronze oferecido pelo Dr. Washington Luis – 11 de junho 1916 (Sota voga).

Canoa a 2 remos – Seniors – medalha de bronze – 27 de maio 1917 – Proa.

Canoa a 4 remos – Seniors – 1 medalha de prata – 31 de maio 1918 – Proa.

Canoa a 2 remos – Qualquer classe – 1 medalha de bronze – 8 de novembro 1918 – Proa.

Canoa a 2 remos – Seniors – 1 medalha de prata e taça oferecida pelo Clube de Regatas São Cristovão do Rio – novembro de 1919 – Voga.

Canoa a 2 remos – Seniors – 1 medalha de prata – 25 de maio 1920 – Voga.

Para os jovens anônimos, os esportes e a exuberância física do corpo atlético criaram novas oportunidades de visibilidade no espaço público e

possibilidades inéditas de ascensão social. Houve uma mudança cultural que teve como principal consequência o desencadear de uma “febre esportiva”, no início do século XX. Diz o escritor Machado de Assis:

É quase um sonho essa renascença dos séculos, essa mistura de tempos gregos, romanos, medievais e modernos... É a eletricidade passando para os corpos imprimindo-lhes a compulsão do movimento os atos de arrebatamento e bravura se tornaram os índices nos quais as pessoas passam a se inspirar e pelos quais passam a se guiar ( apud SEVCENKO, 1998, p.568)

Para o historiador, “o esporte se torna um dos códigos mais expressivos de distinção social, elitista revestido dos valores aristocráticos do ócio, do adestramento militar e dos *sportman*, cavalheirismo, imparcialidade e lealdade”.(SEVCENKO,1998, p.575).

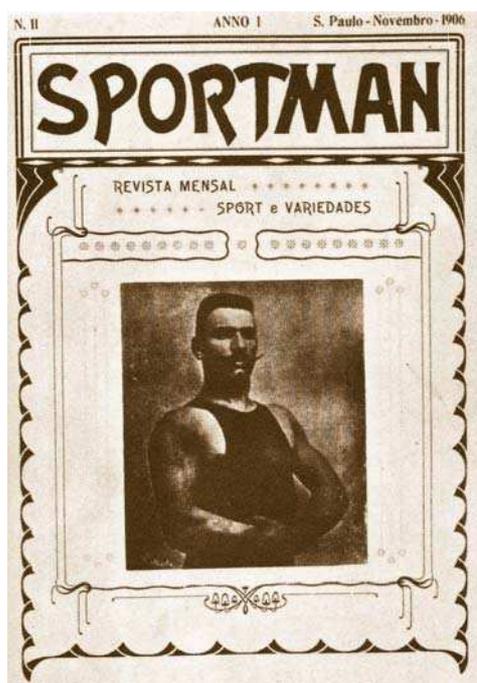


Figura 15 - “Sportman”. Revista Sportiva e Literária.  
-1906.

Testemunhando a ligação do esporte ao adestramento militar, a publicação de 31 de janeiro de 1918 do jornal “A Tribuna”, na coluna Sports, sob o título: “Aos “sportmen” santistas”:

A idéia da Pátria, como supremo ideal de cada cidadão, é que torna grande um povo e o faz feliz. A todos se impõe inilluível dever, no actual momento, de se preparar militarmente para a defesa do solo sagrado que viu nascer nossos Paes e que será o berço de nossos filhos. Aos “sportmen” que espontaneamente se dedicam ao cultivo physico, cabe dar o glorioso exemplo de patriotismo... O mesmo appello aqui fazemos aos “rowers”, em relação ao Tiro Naval.

Sobre o remo começaram a escrever, muitos poetas e cronistas. Olavo Bilac expressou enfaticamente o significado das regatas, numa crônica intitulada “Salamina”. Incentivador da reforma urbana na capital federal, Bilac era um fã do remo, tão ligado à modernidade, a um novo estilo de vida. Começa ressaltando a beleza do mar em mais um dia de regata e a agitação ao redor desse acontecimento social. Nessa crônica, Bilac narra a regata referente ao Campeonato Brasileiro de 1900.

As representações fotográficas de Santos no início do século XX confirmam o papel do esporte neste contexto. É perceptível que muitas situações ligadas às práticas esportivas e ao esporte eram bastante retratadas na época, reproduzindo os modelos ingleses, deixando clara a nova estética corporal; quanto às mulheres estavam ligadas à família e a casa participando do lazer apenas como expectadoras.



Figura 16 - Foto da regata de 1901, em Santos.



Figura 17 - Grupo dos vermelhinhas, secção feminina, famosa torcida do Internacional durante a regata de 1913, foto tirada a bordo do navio Paquetá.

O primeiro capítulo da história do remo de competição foi escrito em Santos, numa época em que, em São Paulo, os clubes ribeirinhos ainda nem haviam sido fundados. Em Santos, as regatas eram realizadas com regularidade antes do século XX. Em 16 de julho de 1897 ocorreu a primeira regata no Estado de São Paulo, em Santos promovida pelo Clube de Regatas Santista.

Outros clubes de regatas foram sendo organizados: o atual Clube de Regatas Santista foi fundado em 30 de abril de 1893; o Clube Internacional de Regatas, em 24 de maio de 1898; o Clube de Regatas Saldanha da Gama, em 14 de julho de 1903 e o Clube de Regatas Vasco da Gama, em 1911.

Assim compreender a história das atividades esportivas e do contexto no qual está inserida pode contribuir para fornecer uma análise mais rica da sociedade santista, uma vez que se trata de um fenômeno urbano típico da modernidade. São espetáculos elegantes e civilizados como o ciclismo de origem francesa, as provas náuticas e o futebol, ambos de origem inglesa que fizeram, das práticas esportivas, elementos de diferenciação de um novo tempo e expressão de determinado grupo na sociedade.

Na figura 18, observa-se que esta elite assiste às provas das regatas sentadas no chão. O fato nos leva a pensar que esta atitude é indício da futura popularização dos esportes.

A respeito de classe assim se expressa Bourdieu:

uma classe não pode jamais ser definida apenas por sua situação e por sua posição na estrutura social. Isto é, pelas relações que mantém objetivamente com as outras classes sociais. Inúmeras propriedades de uma classe social provém do fato de que seus membros se envolvem deliberada ou objetivamente em relações simbólicas com os indivíduos de outras classes, e com isso exprimem diferenças de situação e de posição segundo uma lógica sistemática, tendendo a transmutá-las em distinções significantes. (1990, p.14).

As atividades físicas desde há muito se fazem presentes entre os habitantes da cidade. Em 1888 encontramos no Fundo de Requerimentos da Câmara Municipal de Santos:

Ao presidente e vereadores da Câmara Municipal Ceder ou arranjar parte do largo sito entre as ruas do Senador Bueno e S. Francisco (fundos do cemitério) para fundar, uma sociedade de corrida a pé, velocípedes e jogos ateléticos(sic) obrigando-se os mesmos a mandar cercar de tábuas. Ribeiro, Oliveira e Freitas 03/05/1888.<sup>23</sup>

Em 1872 a cidade já contava com a Sociedade de Regatas “Club Argonauta”. O poeta e abolicionista santista Joaquim Xavier da Silveira (1840-1874) foi um praticante do remo. Por ocasião da visita do navio de guerra da armada portuguesa “Adamastor” em 04/12/1898 o comandante e oficiais em bondes especiais rumaram em direção à Ponta da Praia, para assistir várias competições de remo pelo Clube de Regatas Santista.<sup>24</sup> (FRANCO, s/d., p.121 e 211).



Figura 18 – Público assiste à regata na Ponta da Praia em Santos.

<sup>23</sup> Caixa 24B do Arquivo Municipal de Santos.

<sup>24</sup> Ver Franco, Jaime. **A Beneficência**. p 121-.211.



Figura 19 - Grupo de esportistas do Clube Internacional de Regatas.

Em 1910, o Almanaque (p.100-109) publicava que Santos possuía algumas agremiações esportivas que se dedicavam a vários sports: Club Internacional de Regatas (sport náutico e gymnastica), Santos Athletic Club (jogos athleticos), Club Velo Santista (velódromo), Club de Regatas Santista (sport náutico e gymnastica), Sport Club Americano (foot-ball e exercícos phisicos), Club Athletico Internacional (jogos athleticos: foot-ball, cricket, tennis, croquet, bowis, possuía também uma parede para frontão), Club de Regatas Saldanha da Gama (regatas, natação e gymnastica).<sup>25</sup>

A difusão da prática do futebol chega em Santos, com o primeiro clube da modalidade em 1902 o Clube Atlético Internacional. Outros se sucedem o Santos Futebol Clube em 1912, o Clube Atlético Santista e o Brasil Futebol Clube em 1913;

---

<sup>25</sup> Almanak Commercial de Santos, fev, 1910, p.100-109.

o Clube Espanha em 1914 (mais tarde muda o nome para Jabaquara Atlético Clube) e a Associação Atlética Portuguesa em 1917.

O primeiro registro do surfe no Brasil data de fins dos anos de 1930, nas praias de Santos, com um grupo de rapazes liderados por Osmar Gonçalves.<sup>26</sup>

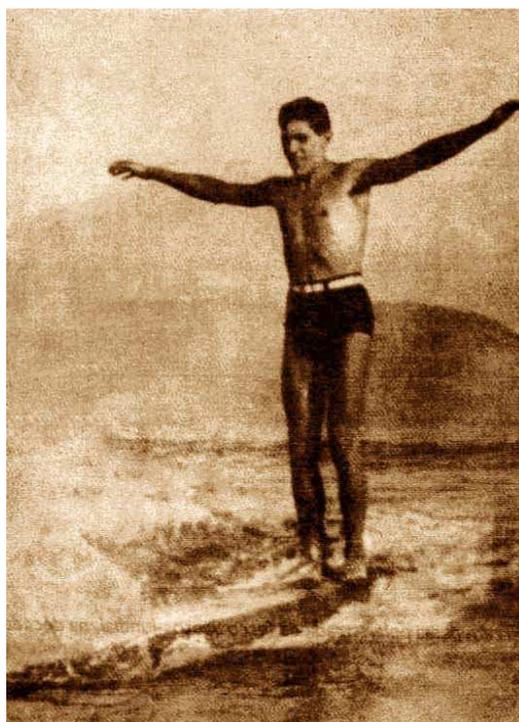


Figura 20 - Osmar Gonçalves surfa no Canal 3, em Santos, no verão de 1938.

A praia e o mar tornam-se um referencial urbano de grande importância, constituindo-se nas suas proximidades os espaços que se tornariam locais de sociabilidade, que permeiam as relações pessoais, uma parte importante das situações sociais da modernidade.

---

<sup>26</sup> Folha de São Paulo em 13/12/1990 Caderno Turismo, p.5.

## 2.4. Locais de sociabilidade: o Parque Indígena e o Miramar

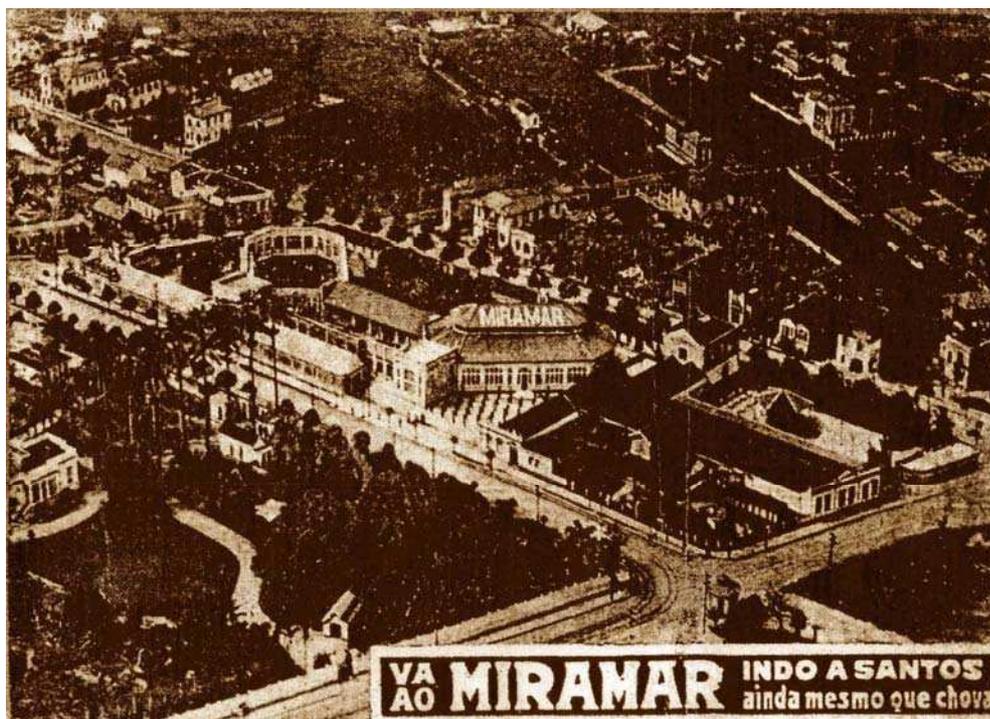


Figura 21 – Parque Indígena (à esq.) e o Balneário Miramar (à dir.).

Entre os espaços urbanos de lazer e divertimento articulados por grupos sociais em ascensão na cidade figuravam também o Parque Indígena e o Miramar, reafirmando os conceitos de civilidade, modernidade e progresso, configurando um novo estilo de vida burguês.

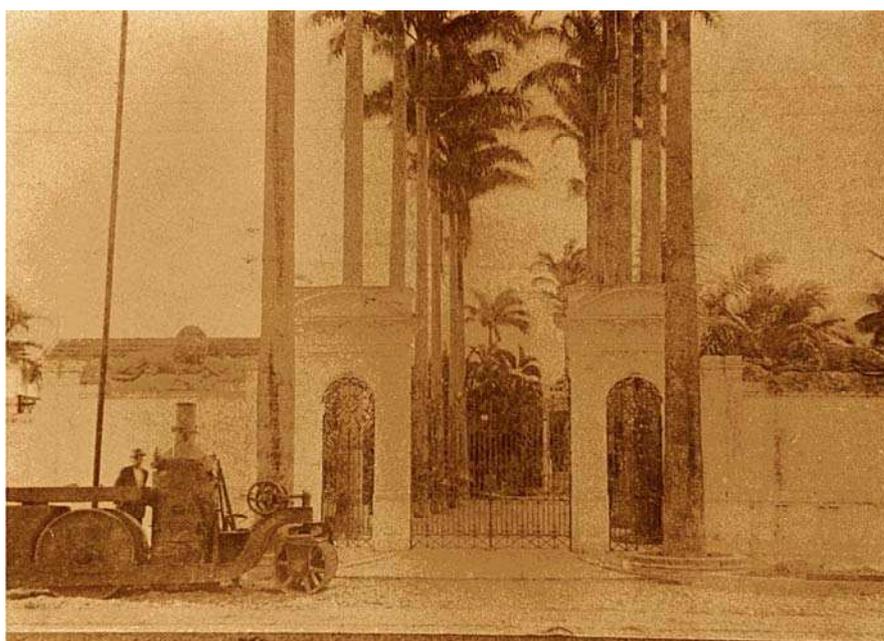


Figura 22 - Parque Indígena na praia do Boqueirão em Santos.

O Parque Indígena, uma das propriedades mais famosas na cidade, foi adquirida por Júlio Conceição,<sup>27</sup> em 1906 (antiga Chácara Carneiro Bastos), onde inicia o primeiro orquidário a céu aberto, instalado em uma área de vinte e dois mil metros quadrados com mais de cem mil plantas e estendia-se no quadrilátero entre as atuais Avenida Vicente de Carvalho e a rua Governador Pedro de Toledo; da Avenida Conselheiro Nébias até a Rua da Paz. Os fundos e as laterais da propriedade foram reservados para o Jardim Botânico.

Figura marcante na vida política, econômica, cultural e assistencial, fez muitas dotações a escolas, entre elas, vindo do estrangeiro, material de Froebel para a escola maternal do Liceu Feminino Santista. Como participante de várias legislaturas na Câmara Municipal de Santos, lutou pela obrigatoriedade do ensino.

Em sua residência recebeu visitas ilustres: o jurista Rui Barbosa, então Ministro da Fazenda, os presidentes Washington Luis e Herbert Hoover, este último dos Estados Unidos, e o vice presidente da Argentina Júlio Rocca.

O Parque Indígena recebia também um grande número de instituições e principalmente alunos de escolas que o visitavam e ali podiam usufruir daquela área, para seu lazer e divertimento. Em 1906, por exemplo, Julio Conceição ofereceu em sua residência na noite de vinte e cinco de dezembro uma festa de Natal aos órfãos asilados e à Diretoria da Associação Protetora da Infância

---

<sup>27</sup> Júlio Conceição, nascido em Piracicaba, era filho do Barão de Serra Negra, Francisco José Conceição e de dona Gertrudes Eufrozina da Rocha Conceição. Comissário de café em Santos e de família de fazendeiros de café ( São Lourenço e Paraizo}. Era casado com dona Mariana de Freitas Guimarães de tradicional família santista, uma das mulheres atuantes nos primeiros anos da Associação Feminina Santista, que levaram adiante a obra educativa do Liceu Feminino Santista. Era amigo pessoal de Rui Barbosa e do Dr. Affonso de Taunay, um dos diretores do Museu de São Paulo. Foi fundador do Instituto Histórico e Geográfico, do Clube de Pesca de Santos, da Colônia de Pesca, provedor da Santa Casa e construiu o Instituto Escolástica Rosa como testamentário do fundador desse instituto, o sr. João Otávio dos Santos.(PEREIRA,1990).

Desvalida<sup>28</sup>, da qual ele era sócio e um dos fundadores. Também alunos da Escola União Operária<sup>29</sup> ali excursionaram.



Figura 23 - Cartaz de propaganda, com dístico famoso.

O outro local, o Recreio Miramar foi inaugurado em 12 de janeiro de 1896 também na praia do Boqueirão (de frente onde mais tarde estaria o Parque Indígena) pela Companhia Viação Paulista, concessionária das linhas de bonde, através do agente da filial santista, o sr. Constantino Janacopolus. A primeira linha de bondes de bairro foi inaugurada em 1872, partindo do Largo da Matriz (Praça da República), alcançando o Boqueirão pela recém aberta Rua Octaviana (hoje, Avenida Conselheiro Nébias). Era cinema, teatro e bar com música aos domingos e feriados, onde tocava uma banda. Possuía 630 cadeiras, bancos para 800 pessoas e excelente iluminação. Era assim considerado o ponto chique da época, tornando-se por isso bastante famoso como estabelecimento balneário.

Em 1901 o sr. João Éboli adquire o Miramar ao arrematar em hasta pública os bens da falida Companhia Viação Paulista, por 400 contos de réis. Nele surgiu o primeiro cinema, o rinqe de patinação, a primeira festa carnavalesca e o primeiro curso de automóveis em 1916 do qual participaram as famílias, da elite,

<sup>28</sup> Associação Protetora da Infância Desvalida ou Asilo dos Órfãos de Santos - Associação de beneficência com escola fundada em 21/04/1889 por um grupo de pessoas importantes da cidade para atender inicialmente crianças órfãs da epidemia de febre amarela. Em 1902 já abrigava 127 crianças com três classes de ensino primário. (PEREIRA, 1996, p.93-94).

<sup>29</sup> Escola da Sociedade União Operária - Fundada em 25/05/1890 por um grupo de operários. (PEREIRA, 1996, p.94-95).

Catunda, Suplicy, Stockler, Murray, Simonsen, Porchat de Assis e outras, com mais de quarenta carros. Nas suas dependências ocorriam animados concertos musicais, concorridas *matinéés* infantis, e *bals masques* que eram acontecimentos de realce na vida social de Santos e da capital.

A empresa Miramar convidava instituições que se dedicavam ao trabalho com a infância e a juventude para assistir a *matinéés*, com atividades recreativas e até mesmo promovendo por ocasião de datas importantes, além do entretenimento, distribuição de agrados às crianças. Nas Atas do Asilo de Órfãos de Santos, datadas de 26/11/1916 e 27/01/1916, constam convite do arrendatário do Miramar o sr. Ricardo Arruda. Também em atas de 1913 e 1914, constam convites e a comemoração dos 25 anos do Asilo dos Órfãos no balneário, já que na ocasião ocorriam obras no prédio da instituição.

Estes dois espaços urbanos eram, pois, locais públicos de convivência, marcando uma nova sociabilidade com a proximidade do mar e da praia ,evidenciando esses novos tempos de contínuas transformações da estrutura sócio-econômica da cidade, esse clima de modernidade.



Figura 24 – Vista externa do Miramar.



Figura 25 - Vista interna do Miramar.

Cada grupo social que viveu em um lugar deixa nele suas marcas e algumas permanecem para as atuais gerações, carregando claros ou secretos significados. “Lugares de morar são baús de histórias, álbuns de retratos, anúncios de prováveis futuros”.(CRITELLI, 2007, p.2). Devemos estar conscientes da necessidade de uma boa compreensão e do reconhecimento do que compõe o patrimônio cultural que está ligado aos lugares que estruturaram uma cidade. Aí se inserem o mar e a praia.

Configura-se a imagem cabal da civilização esportiva. A adesão ao esporte se vinculava diretamente não apenas ao fato de este representar uma via para a vida mais saudável, mas de constituir-se um elemento civilizador do ideário burguês importado da Europa. Esse fenômeno parece ter tido também origem inglesa: a conexão ferroviária entre a grande metrópole londrina e o balneário de Brighton em 1841, propiciou paulatinamente a formação de um fluxo maciço de banhistas de veraneio que buscavam nova forma de entretenimento. Essa informação nos chegou, tal como haviam chegado as atividades esportivas, como mais uma grande novidade civilizadora. A educação física se torna obrigatória nas escolas, mas as pessoas vivem a realização de uma “ética do ativismo”, exercitam-se voluntariamente, é o engajamento corporal, a compulsão do movimento. João do Rio assim se expressou percebendo o seu papel pioneiro e articulador: “...era a paixão dos sports...”. Suas bases eram o coletivo, o disciplinador, a coordenação mecânica perfeita, o efetivo desempenho e o resultado conquistado. Os esportes satisfazem as expectativas pedagógicas e sociais.

Desta forma, tratando de direcionar para um alargamento de controle sobre a gestão da vida, que foi incorporada tão bem na modernidade, tentamos interrogá-la onde ela se apresenta com grande força e intensidade. É um momento

privilegiado onde afloram muitas questões relativas à construção da modernidade em Santos, entre elas o mar e a praia. O mar, como um elemento da paisagem incorporado, propunha uma nova maneira de lidar com esse espaço, pelo grupo social dominante, compondo um dos elementos significativos que conferiam a sensação de que o “futuro”, com suas melhores características de progresso e desenvolvimento havia chegado às terras santistas. Tratava-se de uma via de mão dupla: à medida que se sedimentava no estado e nacionalmente, criando uma imagem muito semelhante à capital federal, por outro lado ajudava a solidificar as referências nacionais a respeito da sua própria identidade. Como nos diz Giddens: “a modernidade assiste ao deslocamento das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espaço.”

Daí a relevância de refletir esses novos espaços de um novo tempo, potencializado pela própria lógica da modernidade, sempre guiada pelo sentido do novo, que torna arcaico tudo que lhe precedeu. O domínio desses dois elementos, tempo e espaço, era indispensável para inaugurar em Santos uma temporalidade regida pelo capitalismo e pelos modos de vida modernos. No ordenamento social o tempo, o espaço, o sexo e a identidade ajudam a analisar a cultura corporal.

O esporte, identificado com a modernidade e a prática das atividades físicas incorporada ao perfil da cidade, ocupa igualmente o espaço escolar e constitui-se a partir da década de 1940 como conteúdo hegemônico na prática da educação física. Um conjunto de fatores vão se conjugar para que sua prática no espaço escolar tenha grande visibilidade e prestígio.

### CAPÍTULO III

## O ESPORTE COMO PRÁTICA DE PRESTÍGIO E VISIBILIDADE DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

### **3.1. O pensamento dos intelectuais da educação sobre a educação física, uma disciplina em processo de valorização: Fernando de Azevedo e Arthur Porchat de Assis.**

Na medida em que as relações dos indivíduos passam por configurações contrastantes, saindo de um ambiente de comunidade para um modelo de sociedade, as bases de desenvolvimento da pedagogia e da escola vão ganhando força. Fernando de Azevedo, grande personalidade da educação brasileira, emerge preocupando-se com os novos padrões de conduta, e estabelecendo reformas que se faziam necessárias ao progresso que se impunha ao modelo social brasileiro.<sup>30</sup>

Na Revista Educação Physica<sup>31</sup>, edição de março de 1936, a ele é prestada homenagem, mencionando-o como “o precursor” da palavra científica na Educação Física, embora Fernando de Azevedo tenha externado em seus escritos o respeito e admiração por Rui Barbosa, por ter sido ele o seu primeiro defensor.

---

<sup>30</sup> Fernando de Azevedo insere-se nas transformações do século XX, na nova concepção onde os esforços da energia física enaltecem o sentido coletivo. Elaborou um programa de educação física e propôs uma prática esportiva que longe dos debates e resistências pretendia torná-la racional.

<sup>31</sup> Educação Physica – Revista de Esportes e Saúde que circulou no Brasil de 1932 a 1945. O editorial de seu primeiro número indica seus ousados propósitos: divulgar as bases científicas da educação física; apoiar o esporte como fator de “regeneração da raça”; incentivar a formação de técnicos e especialistas; propagar os fins “morais e sociais” da atividade física, entre outros. A revista afirma-se como publicação científica e ganha periodicidade e sistematicidade por divulgar conhecimentos técnico-científicos, pedagógicos, estéticos e ideológicos. (SOARES, 2002, p.73).

Em sua obra “Da Educação Física”<sup>32</sup> (1920) demonstrou seus fundamentos fisiológicos<sup>33</sup> e psicológicos e a necessidade de eliminar a dicotomia ensino intelectual/educação física, assim como a sua importância na eugenia da raça. Participou de conferências e foi membro da Sociedade Eugênica de São Paulo, destacando o papel da educação física na melhoria da raça em acordo com o pensamento do médico, biólogo e matemático Francis Galton, cientista vitoriano que ressaltava os traços individuais humanos assentados na hereditariedade. Em obras como “Hereditary Genius” demonstrava que a genialidade e a degeneração eram duas faces da hereditariedade. Essas idéias eugênicas se difundem pela Europa e Estados Unidos nas primeiras décadas do século XX. E o Brasil acompanhou bem de perto esses debates através de seus intelectuais, que logo se posicionaram, sendo a fundação da Liga de Saneamento Nacional, em 1917, uma de suas primeiras manifestações concretas.<sup>34</sup> Fernando de Azevedo afirma que “a Eugenia é a ciência ou disciplina que tem por objeto o estudo de medidas sociais, econômicas, sanitárias e educacionais que influenciam física e mentalmente o desenvolvimento das qualidades hereditárias dos indivíduos e, portanto, das gerações”.

No Brasil, a higiene e a eugenia atuaram singularmente, visto que aliaram a visão eugenista do campo médico à da intelectualidade e seu projeto de higienização. De tal realidade e fervilhamento de idéias surge a Educação Física

---

<sup>32</sup> “Da Educação Física: O que ela é, o que tem sido e o que deveria ser” – Tese apresentada em 1916, elaborada por ocasião de um concurso para a cadeira de ginástica e de educação física do Ginásio Mineiro de Belo Horizonte. Nela elaborou um programa de educação física, (para as crianças e jovens) a fim de que pudesse ser desenvolvido na escola. Teve sua segunda edição publicada em 1920.

<sup>33</sup> “O diálogo com a fisiologia é constitutivo do discurso médico-higiênico, já que os conhecimentos oriundos dos experimentos daquela ciência fornecem um suporte necessário para o ordenamento das práticas prescritivas no interior da matriz médico-higiênica, isto é, a fisiologia integra e ampara as representações médicas acerca do funcionamento da organização escolar”. (GONDRA, 2000, p.322)

<sup>34</sup> Sociedade higienista/eugenista em que figuravam os nomes de Monteiro Lobato, Renato Kehl, Artur Neiva, Afrânio Peixoto, Belizário Pena entre outros. Ver Eder SILVEIRA, **Revisitando Artur Neiva: Eugenia, Educação Física e Identidade Nacional**.

como fator eugênico, idéia que vai ser encampada por vários segmentos sociais. A educação física e o esporte serão a fonte de uma saúde perfeita e representam a ruptura com o século XIX e o bacharelismo. Os educadores encampam esta visão de uma nova identidade nacional. O projeto de formação escolar e seu aspecto metodológico são cruzados diretamente com a própria constituição da nação e das instituições nacionais.

Os papéis masculino e feminino na sociedade em ordenamento já tinham sido configurados por Rui Barbosa, em seu Parecer, ao propor a Ginástica a ambos os sexos na formação de professores e nas escolas primárias e são seguidas por Fernando de Azevedo. Quanto à concordância dos educadores em respeito a tal questão assim se expressa: "para a regeneração do povo, era preciso restituir à mulher, a saúde fortemente comprometida, além da estabilidade e do equilíbrio" e, ainda, " preciso, é ver na menina que desabrocha, a mãe de amanhã, formar fisicamente a mulher de hoje é reformar a geração futura". (AZEVEDO, 1920, p.100 -102).

Fernando de Azevedo revela a ausência feminina na atividade esportiva, a ela restando a prática de exercícios obrigatórios dentro de uma educação rudimentar, ao contrário de outros países, e cita o exemplo americano, onde as jovens "encontram na natação, no remo e na dança clássica ao ar livre uma fonte de energia e um instrumento reparador de forças e modelador das formas". Numa referência elogiosa cita o exemplo americano que possuía sociedades de educação física para moças, conhecidas como Camp-Fire, onde as jovens usufruíam do ambiente higiênico do campo, partilhando o tempo entre os exercícios de bola, remo e natação e estudos práticos sobre a formação e direção do lar, de maneira a poderem pela robustez do organismo, aprimoramento

do caráter e cultura do espírito, tornarem-se à altura de seus deveres e responsabilidades, predicados físicos e morais para o preenchimento cabal da missão de mãe e educadora.

Articulando de forma inovadora a utilidade da ginástica pedagógica dentro do racionalismo sobre o qual deve se assentar o sistema escolar da educação física, salienta o educador que é necessário ater-se às diferenças individuais, ao equilíbrio funcional dos órgãos e ao método progressivo. Faz uso então dos princípios da fisiologia e psicologia, afirmando que são muitas as ciências sobre as quais deve-se basear o professor de ginástica; não só atendendo às exigências da anatomia e estética, mas também às da fisiologia elementar, da higiene dos exercícios corporais, da análise dos movimentos, da pedagogia e da moral. A respeito faz referência ao educador francês Lefébure: "todo exercício, cuja utilidade não é cientificamente justificada, por considerações anatômicas e fisiológicas bem determinadas, não deverá ter entrada num método racional de ginástica educativa".(AZEVEDO,1920, p. 151).

Desta forma, apontando as falhas, põe em relevo as imperfeições dos métodos das escolas mesmo não dispendo de elementos comprobatórios desses erros por falta de experiências comparativas em anos anteriores entre os alunos e sobre diversos estabelecimentos de ensino, apresentando como sendo justamente este o argumento mais forte do nosso atraso em questão de educação física e higiene escolar. Acresce a isto o fato de serem colocados, no mesmo nível, diferentes processos e fins da ginástica aeróbica, militar e educativa.

Fernando de Azevedo atribui à inquietação da vida moderna - a estrada de ferro, o bonde elétrico que encurtam distâncias - a necessidade de procurar a satisfação do exercício físico através dos esportes. Daí a invasão dos

esportes anglo-saxônicos, o futebol prioritariamente, multiplicando-se assim as associações atléticas. Afirmo o educador ter esse esporte conseguido junto aos jovens mais do que a indiferença oficial, levando-os à atividade física nos campos de jogos, nos colégios e até nas ruas. Ao lado das críticas aos excessos, vê na prática desse esporte o germe do renascer da vida ao ar livre e das técnicas de revigoramento físico e uma porta de acesso da introdução da atlética feita mais “de equilíbrio e razão do que de exaltação e emotividade”. E, assim, resgata dois acontecimentos sem conexão aparente e de natureza diversa que representam belas conquistas para a transformação do ideal esportivo: a viagem em 1916 de São Paulo a Buenos Aires em canoa e a instituição em 1918 da corrida de vinte e cinco quilômetros à volta da cidade de São Paulo.

Faz referência à publicação das revistas “Sports” em São Paulo e “Atlética” no Rio de Janeiro,<sup>35</sup> esta última sob a direção de Coelho Neto, como forças eficazes de propaganda e orientação da cultura física. Lamenta que embora nos grandes centros a mocidade já tenha sido sensibilizada pelo valor de buscar o revigoramento físico e modelagem da forma, essa educação atlética não tenha merecido toda a consideração como parte integrante da educação, pelos poderes públicos.

Nesse sentido faz referência aos casos da Argentina e Uruguai que respectivamente em 1905 e 1906 instituíram a obrigatoriedade da educação física, dando-lhe organização modelar. Cita, no caso do Brasil, a primeira tentativa para a formação de professores de Educação Física no Estado do Amazonas,

---

<sup>35</sup> A revista “Sports” era mensal e foi criada por Américo Neto, redator esportivo do jornal Estado de São Paulo.

cujo governo pelo decreto n.771 de 05/04/1906 criou, anexa à Diretoria Geral da Instrução Pública, uma cadeira de Educação Física.<sup>36</sup>

Foi durante sua gestão na Direção da Instrução Pública em São Paulo onde permaneceu até 27/7/1933 que criou o Código de Educação do Estado de São Paulo, dispondo de forma inovadora não só a legislação escolar, mas tomando a direção das realizações práticas e das iniciativas educacionais, desde as escolas de educação infantil até a Escola de Professores, de nível universitário, do Instituto de Educação. Durante sua gestão, o Serviço de Educação Física, destinado à disseminação dos conhecimentos e práticas de educação física racionalizada, passou a ficar subordinado ao Departamento de Educação.<sup>37</sup>

Em Santos, contemporaneamente, outro pensador da educação também demonstra seu interesse pelo assunto, o educador santista Arthur Porchat de Assis, que lecionava na única escola de formação do magistério, o Liceu Feminino Santista, cuja obra analisamos aqui, rara para a época. Na introdução de “Eduquemos” de 1915, um manual pedagógico (compilação de suas aulas no Liceu Feminino) – o autor fala da ausência de obras nacionais pedagógicas<sup>38</sup> e faz referência às obras recentes publicadas na Europa, procurando delas aproveitar, no que se refere aos processos e sistemas de educação, os que segundo ele mais se adaptarem à nossa raça, clima e costumes, para que os seus resultados pudessem ser sempre salutareis.

---

<sup>36</sup> Era então governador do Estado do Amazonas, Antônio Constantino Nery. (MARINHO, 1971, p.65).

<sup>37</sup> No Código de Educação Parte I “Da Educação em Geral” no Título V “Dos serviços técnicos” nos capítulos V e VI trata respectivamente dos Serviços de Higiene e Educação Sanitária Escolar e do Serviço de Educação Física. Este último subdividido em quatro seções: I – Dos fins do Serviço de Educação Física; II – Das seções do serviço de educação física e suas atribuições; III – Da organização e do funcionamento do Serviço de Educação Física; IV – Da Escola de Educação Física.

<sup>38</sup> O livro de Carneiro Leão que tem problemática semelhante “O Brasil e a educação popular” foi editado em 1917. Em 1913 foi publicada uma obra “História da Pedagogia” cujo autor denomina-se Um professor (iniciais O.D.C.), no intuito de proporcionar aos alunos das Escolas Normais Secundárias de São Paulo um meio fácil de consulta para seus estudos sobre História da Pedagogia, pois sobre o assunto só existiam compêndios em língua estrangeira.



Figura 26 – Arthur Porchat de Assis

Arthur Porchat de Assis (1863-1939). Formado em Direito exerceu a promotoria pública, atuando na educação com mais de 40 anos; talvez em função de seus estudos na Bélgica se justifique sua inclinação pela teoria da educação da pedagogia ativa de autores europeus. Foi diretor, do Instituto D. Escolástica Rosa, - uma escola internato de formação de ofícios - membro do Conselho de Ensino de Bruxelas, Catedrático de Filosofia, Pedagogia e Metodologia do Lyceu Feminino Santista e lente de Português da Escola Italiana. Escrevia com o pseudônimo de “Argiro Bastos”.

O educador coloca a importância dos exercícios físicos como um dos elementos fundamentais para o desenvolvimento intelectual, o que ele chama de “boa organização mental”. No capítulo II “Da Educação Physica” explicita que na educação moderna e no aforisma *mens sana in corpore sano* está a perspectiva para a qual devem se dirigir os esforços dos educadores.

A prescrição de exercícios físicos fez-se com a intervenção médica para a disseminação de alguns hábitos e práticas que visavam solucionar problemas

relacionados à saúde, à debilidade física e moral, com o respaldo de outros segmentos que se empenhavam na realização de um projeto de modernização social e cultural do país.

Como nos diz Gondra (2000, p.92) "sobre o movimento de conceber e produzir o fenômeno educacional a partir do corpo doutrinário da medicina" para então "produzir uma medicina do social e uma educação medicalizada" na análise feita por esse autor das 16 teses apresentadas da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro entre 1845 e 1892 aparece no Quadro 11 de seu trabalho reproduzido abaixo (fig.42) uma classificação das teses sobre a educação e as seis que integram o Grupo I do Quadro II que "indicam uma preocupação central com a questão da educação física no lar e na escola". Ainda (2000,p.120) no conjunto das três teses que elegem a educação física como núcleo central, "esta aparece contudo associada às dimensões moral e intelectual do ser humano, embora a ênfase recaia sobre o corpo".

Ressalta Gondra na tese do Dr. Antonio Francisco Gomes (1852), "Influência da educação physica no homem", a amplitude da compreensão da medicina acerca da educação física, desde a conduta dos pais, a preocupação com a gravidez, os cuidados com a primeira infância, a partir dos sete anos de idade com o início da escolarização, as prescrições sobre a educação física escolar envolvendo a alimentação, tempo de estudos, seleção e adequação dos exercícios físicos em função das idades, asseio, vestuário e castigos corporais.

## Classificação das Teses sobre Educação

<b>Grupo</b>	<b>Título</b>	<b>Nº de Teses</b>
<b>I</b>	<i>Influencia da educação physica no homem.<sup>141</sup></i>	<b>6</b>
<b>II</b>	<i>Esboço de uma hygiene dos collegios applicavel aos nossos; regras tendentes á conservação e ao desenvolvimento das forças physicas e intellectuaes, segundo as quaes se devem regular os nossos collegios<sup>142</sup>.</i>	<b>8</b>
<b>II</b>	<i>Da educação physica, intellectual e moral da mocidade no Rio de Janeiro e da sua influencia sobre a saúde.</i>	<b>2</b>

Figura 27 – Teses médicas sobre Educação Física da FMRJ (1845-1892)

Fonte: GONDRA, 2000, p.119.

O educador santista Arthur Assis demonstra o perfeito enquadramento aos discursos da época com um conjunto de informações e aconselhamentos, que integram um modelo dominante, no qual o pensamento médico-higienista construiu sua autoridade reconhecida no campo educacional.<sup>39</sup> Segundo Gondra (2004, p.161-221) a classificação de Michel Levy e Becquerel, apropriada como padrão pela FMRJ para classificar os objetos inscritos no campo da higiene qual sejam *circumfusa, applicata, ingesta, gesta, excreta e percepta* serviriam de modelo para definir um conjunto de regras para o funcionamento dos colégios.

Com seu irmão médico e também educador, Arthur Assis com certeza compartilhou a educação física (*gesta*) como parte integrante da política pública de saúde como sinal de modernização do país, na constituição de uma identidade nacional, onde hábitos e práticas ganhavam espaço público na época. Sem a abrangência e universalização dessas práticas se tornaria inviável a regeneração racial, elemento considerado imprescindível para a formação de uma cultura brasileira.

<sup>39</sup> Seu irmão Adolpho Porchat de Assis, médico, formara-se em 1885 na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro com a tese “Emoções”. Os irmãos Porchat de Assis atuavam no Liceu Feminino e em parceria em atividades intelectuais. A historiografia santista ressentia-se de maiores estudos sobre esses educadores. Nos discursos médicos estão presentes as representações acerca da Educação Física. Ver José Gonçalves GONDRA (2000) e Eustáquia SOUZA&Tarcísio Mauro VAGO (1997).

Arthur Assis põe em evidência a questão das roupas impróprias às nossas características de clima e idade das crianças, já que são guiadas por modelos europeus, onde os corpos são fechados em estufas, desgastando-os excessivamente e recomenda que o vestuário seja “folgado e leve”. Chama de armadura o espartilho e faz citação do médico francês Dr. Émile Laurent e sua obra “Précis d’éducation physique moderne” e suas explicações quanto à deformação do tórax e as implicações respiratórias, além da demora na digestão, retraimento do fígado etc. Reitera, o educador, que os dotes femininos, sua plástica e porte dependem não do espartilho e sim dos exercícios físicos; aponta a dicotomia entre o espartilho e a higiene. Assinala que as séries de exercícios físicos calculados cientificamente devem fazer parte da vida salutar das moças ou também pelos jogos ou esportes apropriados ao sexo.

Faz referência ao *regimen alimentício (ingesta)* onde é necessário levar em conta os mesmos princípios higiênicos, já que a alimentação, em seu tempo, não obedece a critérios de qualidade e quantidade. Chama a atenção para sua importância na reposição do desgaste orgânico com as atividades quer na escola, quer nos jogos, uma vez que a alimentação faz a saúde e a saúde, o indivíduo. É possível constatar a ênfase ao papel da família que dela deve se encarregar para que a criança chegue à idade escolar em plenas condições de vitalidade, pois de acordo com a teoria *educacionista moderna* a escola é um prolongamento do lar, e ao chegar à sociedade a criança terá passado pelos dois primeiros centros educativos. Pondera que as conseqüências da má higiene na alimentação podem ser vistas na enorme quantidade de maus alunos, os quais qualifica como indolentes e ou desatentos.

Aborda os jogos infantis, chamando a atenção para o desgaste que provocam, campo este abarcado pela *psycologia experimental infantil*. Crianças sadias correm, gritam, saltam; o contrário é sempre sintoma de um *estado mórbido* geralmente devido à alimentação descuidada. O brinquedo é visto como uma válvula de escape da energia superior àquela necessária ao funcionamento orgânico. Aqui demonstra o educador ambigüidade por se referir ao desgaste das brincadeiras infantis e ao mesmo tempo o fato de demonstrarem o quão saudáveis são as crianças nas suas práticas.

Como tais questões, alimentação e vestuário, são problemas difíceis e desconhecidos das famílias, Assis afirma que se faz necessária uma visita ao “médico de casa”, isto porque a pátria só será grande e forte, quando a mocidade vier sadia, imprimindo um outro cunho de valor *physico, moral e intellectual*. Com o físico debilitado será difícil educar a vontade já que o ponto de resistência da vida psicológica e fisiológica é o físico do indivíduo. Quanto ao ambiente do lar - onde tapetes, cortinados sobre os leitos, reposteiros sobre as portas, são obstáculos à luz e ao ar - com certeza é um ambiente que resente de condições higiênicas. A luz e o ar devem circular livremente. Este problema aumenta nas habitações coletivas, onde há maior risco de foco de infecções. O educador chama a atenção das mães quanto às imposições da moda e os desconfortos causados às crianças sempre afeitas à natureza, por isso as recomendações da vida em liberdade, fora das habitações insalubres.

Desta forma aconselha que, nas primeiras horas do dia, devem se habituar as crianças à “gymnastica higiênica” de acordo com o método sueco e com

exercícios de gymnastica alemã<sup>40</sup> que, calcados em exercícios metódicos e sistemáticos, resultarão em agilidade, resistência, concorrendo para o desenvolvimento e funcionamento normal do organismo. Estas atividades devem ocorrer pela manhã após o banho frio logo às primeiras horas do dia, claro quando aconselhado pelo médico de família.

Clarice Nunes (2000, p.385-386) chama a atenção para os dispositivos utilizados nas décadas de 10, 20, 30 nas escolas públicas com um conjunto de regras para a formação de hábitos no uso do corpo e do comportamento:

1 - Lavei as mãos e o rosto ao acordar. 2 - Tomei banho com água e sabão. 3 - Penteei os cabelos e limpei as unhas 4 - Escovei os dentes. 5 - Fiz ginástica ao ar livre. 6 - Fiz uma evacuação intestinal, lavando depois as mãos com água e sabão. 7 - Brinquei mais de meia hora ao ar livre. 8 - Tomei um copo de leite. 9 - Bebi mais de três copos de água. 10 - Fiz respirações profundas ao ar livre. 11 - Estive sempre direito, quer de pé, quer sentado. Só li e escrevi em boa posição. 12 - Só bebi água no meu copo e só limpei os olhos e o nariz com o meu lenço. 13 - Dormi a noite passada oito horas pelo menos, em quarto ventilado. 14 - Comi frutas e ervas bem lavadas. Lavei as mãos antes de comer e mastiquei devagar tudo o que comi. 15 - Andei sempre calçado e com roupa limpa. 16 - Não beijei nem me deixei beijar. 17 - Não cuspi nem escarrei no chão. Ao espirrar ou tossir usei o meu lenço. 18 - Não coloquei na boca, no nariz e nos ouvidos nem o lápis nem nada que estivesse sujo ou pudesse machucar-me. 19 - Não tomei álcool. Não fumei. 20 - Não menti, nem brincando.

Para Assis a prática de esportes tem relevância primordial. Faz alusão à natação “porque esse exercício é um poderoso restaurador, pelos movimentos musculares e o equilíbrio”. Cita L. Hahn: “é um *sport* eminentemente salutar, tanto do ponto de vista moral, quanto do ponto de vista physico”. Este esporte tem uma influência sedativa sobre o sistema nervoso, aumenta o poder dos músculos, graças aos movimentos enérgicos e regulares, mantém a boa harmonia das proporções do

---

<sup>40</sup> Chama atenção o fato do educador santista não mencionar o método amorosiano que para Soares (1998, p.37) tinha por objetivo a educação moral “criar normas de conduta que fossem individualmente interiorizadas para serem socialmente mais eficazes”.

corpo, além de dilatar a extensão do peito. É um exercício complementar da “canotagem”. Diz o educador que o esporte náutico é considerado como o primeiro dos exercícios físicos. Os movimentos compassados, rítmicos, uniformes, que os remadores são obrigados a obedecer, produzem resultados higiênicos úteis. Os músculos superiores assim como os inferiores desenvolvem-se conjuntamente, o peito dilata-se, a respiração regulariza-se, os efeitos psicológicos são completos. No terreno moral e social, a canoagem produz benéficos resultados, pois educa a vontade, o remador habitua-se a ter sangue frio diante das situações a que fica exposto durante a regata, e exercita o sentido de solidariedade em relação aos companheiros. Um terceiro exercício é a esgrima, aconselhada aos rapazes na faixa dos 15/16 anos. Deve-se usá-la como elemento de cultura física, esquecendo-se do seu caráter militar, lembrando-se de sua pessoa civil: bom homem, bom cidadão. Os exercícios físicos apresentados dentro desses três esportes “natação, remo, esgrima” podem ser utilizados por ambos os sexos.

No que diz respeito à prática de esportes pelas mulheres relaciona a sua necessidade aos benefícios da futura gestação e, portanto, da maternidade. Nota-se aqui perfeita sintonia com as idéias de Azevedo. A mulher tem necessidade de “preparar-se para seu mister de mãe”. Por meio da “gymnastica médica” deve “conformar as paredes abdominais, desenvolvendo a bacia e preparando-se para a reprodução de crianças fortes”. Ao conjugar sua preocupação com a educação física feminina e a prática de esportes faz citação de outros países, dando o exemplo de S. Petersburgo, onde há um departamento para essa cultura esportiva, composto de seis secções diferentes, cada uma delas dirigida por especialistas provavelmente conhecidos. Reafirma que essa perfeição educativa ainda não chegou ao nosso povo, enquanto não se infiltrar na alma popular.

Quanto às atividades esportivas vale ressaltar uma preocupação demonstrada pelo educador de que a mocidade da época estaria abandonando o remo, a natação e a esgrima para entregar-se ao intolerável “*sport do foot-ball*”<sup>41</sup> que é o esporte em que mais reina a idéia associativa: formam-se ligas, os *matches* disputam-se entre *clubs*, os melhores *teams* chegam do estrangeiro e o jogo ferve, anima-se, desenvolve-se prodigiosamente”. Faz crítica ao sucesso do futebol junto aos jovens, ressaltando de forma negativa tanto a sua prática como o comprometimento do aproveitamento dos estudantes. É, segundo diz, de todos os esportes “o mais violento”, com dispêndio de “energia excessiva”; vai entrando no organismo escolar, cujo atrativo é tão grande, que provoca a desatenção das classes, “o desinteresse pelo saber e aprender”, tomando também o lugar dos jogos escolares como a barra, o lenço queimado, a cabra cega. Por isso, segundo Assis vem sendo proibido nas escolas européias e mesmo nos Estados Unidos da América do Norte. Cita o Dr. Alberto Sterne, presidente da Associação Medica do Valle de Ohio: “de todos os *sports athléticos*, o *foot-ball* é aquele que exige maior perda *physica*, deveria ser proibido nas escolas primárias porque não é um *sport* para fracos, sendo um *sport* viril só deveria ser consentido aos homens”.<sup>42</sup>

Outro aspecto caro à medicina e aos educadores da época, é por ele ressaltado, qual seja, a necessidade das “cadernetas sanitárias” para os escolares associados de clubes ou qualquer outro circulo esportivo nas quais deveriam ser

---

<sup>41</sup> Outra opinião discordante, no início do século, no Brasil, aparece o livro “O esporte está deseducando a mocidade brasileira” de Carlos Sussekind de Mendonça. Nesse livro, de acordo com Fernando de Azevedo, esse médico defendia que a prática e a difusão do esporte durante esse período havia incentivado nossa “mocidade” a abandonar os estudos, o cultivo da inteligência e do espírito. (AZEVEDO, 1920, p12.)

<sup>42</sup> Interessante assinalar que nos diz Gondra (2000, p.292) não ser possível perceber o desporto como um traço presente nas teses médicas por ele estudadas no interior da FMRJ, embora a tese do vigor, força e robustez, típicas dos princípios do esporte de rendimento, lá estivessem presentes. Podemos notar mudança já nas primeiras décadas do século XX, quanto às práticas esportivas.

registrados, a cada trimestre, o peso, a altura e as dimensões do perímetro do tórax, ou seja, exame “antropométrico”. Nessas cadernetas sanitárias seriam anotados outros critérios médicos, para então prescrever o gênero de esporte mais conveniente ao examinado, tempo, duração dos treinos, e as horas mais apropriadas para os exercícios físicos. Conclui o educador, dizendo que é preciso saber escolher o gênero de esporte mais conveniente para dele aproveitarem-se os únicos efeitos salutareos e eficazes, isto em relação ao sexo, idade, clima, constituição geral do indivíduo. Para Arthur Assis, a utilização de um método de exercícios físicos será a base mais segura para determinar o fortalecimento da nossa raça e que já se têm feito tentativas para uma perfeita cultura física até mesmo para as moças, embora poucos as encoragem e muitos as ridicularizem, isto devido à ignorância das classes populares; acrescenta que enquanto a cultura física não entrar nos usos e costumes do nosso povo, esses embates serão inevitáveis.

Arthur Assis reitera que nossa cultura física quer oficial, quer privada, ainda atravessa um período de puro classicismo, que é necessário modificar, assentando-a em bases científicas, mais racionais. Os governos têm se limitado a inscrever a cultura física nos programas de ensino, não fiscalizando seus resultados práticos. Em qualquer estabelecimento de instrução oficial o governo manda adotar a “*gymnastica*” como meio de educação física, entretanto essa importante disciplina escolar está a cargo de professores cujo preparo é insignificante e às vezes nenhum. O mestre deveria ser sempre um especialista, pois a má aplicação dos exercícios físicos pode trazer resultados diametralmente opostos. Os exercícios de “*gymnastica*”, embora existam nos programas de ensino não são executados nas escolas oficiais, cientificamente, não passam de

arremedos da “*gymnastica sueca*”, daí ser indispensável a presença da vigilância oficial.<sup>43</sup> O fortalecimento da nossa raça impõe-se como questão de alto interesse nacional, se é que desejamos ter uma sociedade caracterizada pela *vitalidade physica, intellectual e moral*.

Para sanear essa deficiência, os governos regionais, as câmaras municipais deveriam criar, em cada localidade, *um centro geral de cultura physica, alicerçado nas melhores bases científicas*. A eles deveriam ser dados “caráter associativo” e subvencionado pelo poder público. Ser localizados em pontos afastados dos centros populosos, em terrenos vastos e apropriados onde possam ser montados tanques de natação, arenas para jogos esportivos, para os aparelhos ginásticos.

Finaliza Assis (1915, p.29), no seu texto de aulas para o Liceu Feminino Santista, exortando a se associarem às iniciativas pública e particular para esse fim, vislumbrando-se assim “a formação da família do futuro na qual se assentará uma bela sociedade e uma Pátria segura e firme nos seus destinos”. Iniciativas que encontrarão terreno fértil no destaque dado à educação e particularmente ao esporte numa cidade cuja natureza física e outros fatores confluirão para sua efetivação.

A cidade santista moderna, nas décadas de 1920 e 1930, já imprime sua característica de cidade praiana, de atividades ligadas ao mar, entre elas o esporte, embora ainda nesse tempo as mulheres permanecessem como simples expectadoras ou mesmo torcedoras das agremiações ligadas às atividades esportivas principalmente náuticas.

---

<sup>43</sup> Culto, Justo, Perspicaz e Decente são os adjetivos que o profissional da “sciencia da educação” deveria possuir, sob pena de impedir o pleno desenvolvimento dos jovens, ou melhor, sob pena de não ser capaz de aplicar correta e eficientemente os postulados da higiene(GONDRA, 2000,p 282)

### **3. 2. A educação física e o esporte.**

Buscando a tessitura que, ao longo do período analisado, estreitou o encontro entre o esporte e a escola, tornou-se evidente que o “esporte”, entre outros conteúdos culturais, participou do processo sócio-educativo que pretendeu transformar a escola em uma referência cultural moderna, ativa e eficiente. A Educação Física era uma disciplina a mais que passaria a fazer parte da modernização do país, contribuindo para o fortalecimento da nação e a moralização do povo. Ao estudar a construção do currículo das escolas primárias brasileiras no final do século XIX, diz Souza (2000, p.12): “à introdução de novas disciplinas nos programas de ensino primário, especialmente ciências, desenho e educação física articulou-se a linguagem de modernidade, isto é, a justificativa para a inclusão desses conteúdos culturais assinalava as contribuições que eles trariam com a modernidade”. A partir dos anos de 1925 nas ações e proposições realizadas na Secção de Educação Física e Higiene que a ABE (Associação Brasileira de Educação) e seus educadores produziram, nota-se o esporte como prática educativa e como conteúdo escolar. (CARVALHO, 2003).

Cabe lembrar que como prática humana, a educação é marcada por um caráter de contínua construção, uma vez que decorre da interiorização e da elaboração da realidade, disponível e distribuída socialmente. Neste caso, é preciso ter em vista os lugares culturais de referência nos quais as práticas esportivas se faziam presentes e que sobre essas formas culturais incidiram esforços de escolarização e disciplinarização, ou seja, um novo modo de socialização, “o modo escolar de socialização”. Tanto Faria Filho (2004) como Vidal (2004) têm atentado para o fato de que a forma escolar se produz na longa duração, revelando substancialmente as invariâncias desse processo singular de socialização. Portanto,

a penetração do esporte na escola, já uma prática social, nos permite pensar as mediações culturais como referências nos processos de construção dos saberes escolares.

A lógica histórica deve ser nossa arma, partindo das evidências das fontes para formular conceitos, já que a sua utilização deve ser feita com muito cuidado, pois nem sempre a pesquisa histórica e, obviamente, as fontes, nos apresentam pistas para a confirmação destes conceitos. Cabe aos historiadores perceberem de que maneira, em cada realidade, estas questões foram tratadas e como se desenvolveram.

No caso santista, os espaços ampliados do escolar aos clubes passam a ser reconhecidos e valorizados pelos alunos a partir da década de 1940. Nesse sentido Antônio Vinão Frago (1998, p.68) nos diz que o espaço comunica; mostra a quem sabe ler o emprego que o ser humano faz dele. Um emprego que varia em cada cultura; que é um produto cultural específico, que diz respeito não só às relações interpessoais – distâncias, território pessoal, contatos, comunicação, conflitos de poder -, mas também à liturgia e aos mitos sociais, à simbologia das disposições dos objetos e dos corpos – localização e posturas – à sua hierarquia e relações.

O esporte indica que a regulamentação da conduta e dos sentimentos, somada ao controle dos impulsos, leva a uma evolução das regras sociais em todos os campos. No modelo de busca de racionalidade no comportamento, o indivíduo é o agente da ação, porém as conseqüências das ações não se esgotam nele mesmo, mostrando complexidade da racionalidade, dos componentes normativos e dos cálculos das possibilidades, como elementos que interferem na definição das ações sociais.

Em Norbert Elias encontramos o interesse por determinadas manifestações histórico-culturais, especificamente o esporte, tratado como objeto de estudo negligenciado, considerado menor ou insignificante no período de constituição de sua obra. No caso do esporte os alunos deveriam ter domínio sobre si mesmos, se constituiria então numa atividade pela qual se poderia avaliar o grau de civilização de um povo, fazendo parte do “processo civilizador”. Também Pierre Bourdieu apontou para essa relevância:

Imagem do jogo certamente é a menos ruim para evocar as coisas sociais. [...] Pode-se falar do jogo para dizer que um conjunto de pessoas participa de uma atividade regrada, uma atividade que, sem ser necessariamente produto da obediência à regra, *obedece a certas regularidades*. O jogo é o lugar de uma necessidade imanente, que é ao mesmo tempo uma lógica imanente. Nele não se faz qualquer coisa impunemente. E o sentido do jogo, que contribui para essa necessidade e essa lógica, é uma forma de conhecimento dessa necessidade e dessa lógica. (1990, p. 83).

Na verdade verifica-se a ambigüidade do esporte, aplicável ao esporte escolar: de um lado na exteriorização das pulsões reprimidas, explosões fortes e apaixonadas dos participantes, um lugar onde essa é permitida; e de outro a escola e o processo civilizador, que leva à obediência, e a maior restrição para algumas ações, parece que se configura um descontrole controlado, onde é permitido um descontrole em um nível de controle do sujeito que deve analisar racionalmente a abrangência e a possibilidade de sua ação em seu universo social. O esporte escolar se situa então no processo amplo de criação de laços sociais e de interdependência diferenciada onde as emoções estão estritamente relacionadas com as que os alunos experimentam no curso normal de suas vidas; porém o espetáculo esportivo é priorizado. Foram variadas as formas de produção de sentidos, o “habitus” de Bourdieu presente nos saberes e nas práticas escolares. A sistematização das regras preserva o indivíduo e mostra a preocupação com a

plasticidade na prática esportiva. É um processo integrado e dinâmico. A racionalização do esporte permite formas mais comunicativas de relação social.

A compreensão da extensão das formas como essas práticas se concretizaram pressupõe algumas considerações a respeito da disciplina Educação Física e seus contornos desde as décadas anteriores. O fato dos responsáveis pela disciplina não serem professores de Educação Física nas décadas de 1910, 1920 e 1930, embora houvesse um programa instituído, sua execução faz parte de um outro viés de análise, tornando possível que na falta de seus professores outros personagens como médicos ou militares poderiam dela ter sido encarregados, pois se tratava de uma matéria de domínio aberto, devido às suas raízes médica e militar. Parece que as escolhas dos conteúdos teóricos e a forma como seriam trabalhados passavam pelas opções dos professores ou de suas experiências.

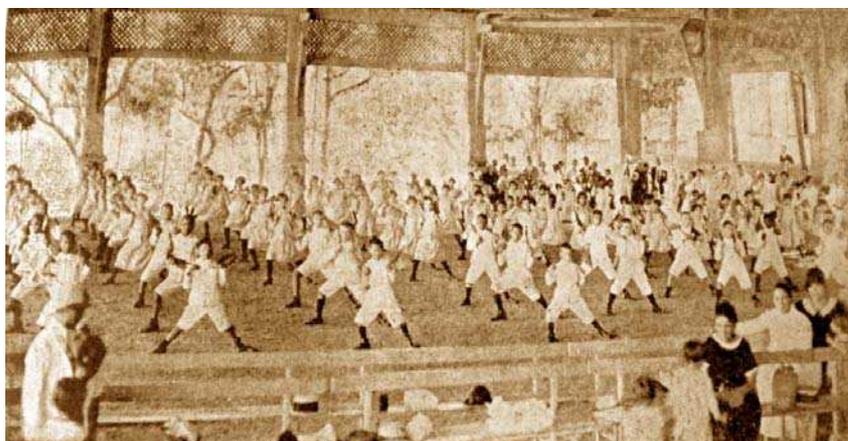


Figura 28 - Alunos do Asilo de Órfãos de Santos em aula de ginástica.

Nomes como Adolfo Millon (1889) e Paulo Crocius (1918), professores de gymnástica do Liceu Feminino Santista e do Asilo dos Órfãos, são alguns pioneiros da educação física santista. Podemos dizer que as práticas esportivas coletivas já se faziam presentes em aulas de educação física.

No jornal “A Tribuna” de 01/09/1915 na *Secção Sport* aparece a convocação dos times verde e branco da Escola de Comércio José Bonifácio para o *maths* de futebol masculino, no Clube Atlético Santista para aquele dia (4<sup>a</sup> feira às 15h30 da tarde). Para Edward THOMPSON (1981, p. 189), a experiência “foi, em última instância, gerada na vida material, foi estruturada em termos de classe, e, conseqüentemente o ser social determinou a consciência social”. E ainda, “as maneiras pelas quais qualquer geração viva, em qualquer agora, manipula a experiência, desafiam a previsão e fogem a qualquer definição estreita de determinação”. Parece que caberia ao professor a execução das aulas, não descartando o elemento improvisado, já que o conhecimento dos professores poderia não ser aprofundado o suficiente, assim como essas aulas deveriam girar em torno das inquietações e dúvidas dos próprios alunos.

A partir da década de 1930 há um vigor da intervenção estatal sobre as questões educacionais, embora as relativas à educação e à educação física já estivessem na ordem do dia desde muito antes, questão que apontamos anteriormente em outros capítulos. Na realidade desde a instalação do governo provisório (1889) e a criação do Ministério da Educação e Saúde em 1931, os militares tentariam garantir seu controle sobre a Educação Física escolar. A reforma Francisco Campos, de 1931, pode ser considerada um exemplo desse movimento: através do Decreto nº 19.890, de 18/04/1931, art. 9º, instituiu-se a obrigatoriedade de exercícios de educação física no ensino secundário. Por sua vez a Portaria nº 70 de 30/06/1931, do Ministério da Educação, reforçando a presença dos militares nos assuntos correlatos à educação física, estabeleceu a adoção do Método Francês de ginástica como oficial em todo o território nacional. Essa adoção não ocorreu pacificamente, havendo manifestações as mais diversas, como a recusa da ABE

(Associação Brasileira de Educação) desde o anteprojeto de lei proposto pelo Ministério da Guerra, em 1929, até a adoção do método, que, no entanto, foi implantado e perdurou como predominante nas escolas de formação de professores de educação física e nas demais instituições de ensino até a década de 1950.<sup>44</sup>

Pelo decreto nº 1.380 de 28/06/1939 estendia-se aos alunos de Cursos de Emergência de Educação Física as regalias dos licenciados em educação física e dos médicos nela especializados.

Outra publicação oficial que reforçou a presença e a obrigatoriedade da Educação Física nos estabelecimentos de ensino foi a Lei Orgânica do Ensino secundário, de 1942, que trouxe no seu art. 19º a obrigatoriedade da educação física a todos os alunos, até a idade de 21 anos. A educação física era então tratada como uma prática educativa obrigatória no ensino secundário. Outro decreto o de nº 8.193, de 02/12/1945, autorizou a promoção de todos os alunos no ano de 1945, independente da freqüência.<sup>45</sup>

A importância atribuída à presença dos esportes como meio educativo continuaria sendo ressaltada. Os indícios encontrados nas fontes sinalizam para que a partir dos finais da década de 1940, houve uma esportivização das aulas de Educação Física, sendo que os exercícios ginásticos, anteriormente predominantes, passariam a ficar em segundo plano. Os esportes a serem desenvolvidos eram divididos em dois grupos: os individuais e os coletivos. O esporte individual consistia na prática de certas aplicações como corrida, salto, arremesso, tendo em vista a obtenção do máximo rendimento compatível com a constituição orgânica de cada

---

<sup>44</sup> Na apreciação do anteprojeto pela ABE o ponto nevrálgico seria não a sua parte técnica, mas as suas finalidades e a inconveniência de transportar um sistema estrangeiro para as necessidades nacionais. O documento da ABE foi assinado por Jorge de Moraes, tendo como relatores Otacílio Braga, Silas Raeder e Arthur Azevedo. Ver Cantarino Filho, 1982, p.118.

<sup>45</sup> Inezil Marinho (1954) faz severa crítica a esse decreto que retirava toda autoridade que sustentava a prática da Educação Física, qual seja a freqüência.

um. Nos esportes individuais, a preocupação constante referia-se à melhoria dos resultados, à performance. Os esportes coletivos exigem, em sua prática, uma série de qualidades, dentre as quais é possível destacar a firmeza nos lances, a rapidez de deslocamento, os golpes de vista, a intervenção oportuna. Qualidades intelectuais também são necessárias, como as decisões rápidas, o conhecimento do adversário, a previsão de uma situação que se esboça.

O governo da União, reconhecendo as vantagens dos desportos para a mocidade brasileira, baixou o decreto-lei nº 3.199 de 14/04/1941, que regulamentou as atividades esportivas em todo país. A portaria ministerial de nº 254, de 01/10/1941 expede instruções para a organização dos estatutos das Confederações e Federações Desportivas existentes no país. Outros decretos tratam dos desportos o que mostra a preocupação em normatizá-los, no que diz respeito à sua prática e aos encarregados por ela dentro ou fora da escola.

O Decreto-Lei nº 5.342 de 25/03/1943 dispôs sobre a competência do Conselho Nacional de Desportos. O Decreto-Lei 5.343 de 25/03/1943 dispõe sobre a habilitação para a direção da educação física nos estabelecimentos de ensino de grau secundário. O Decreto-Lei nº 19.425 de 14/08/1945 aprova o regimento do Conselho Nacional de Desportos do Ministério da Educação e Saúde.<sup>46</sup> A lei nº 745 de 22/06/1949 dispõe sobre o registro no Ministério da Educação e Saúde de professores de educação física, médicos assistentes de educação física assim como, técnicos esportivos não habilitados na forma da lei.

Nota-se que, por outro lado, o esporte exerce poderoso atrativo além de intensa expectativa, comunhão e euforia ao mesmo tempo em que incorpora a ação disciplinada, a coordenação coletiva de movimentos normatizados com limites

---

<sup>46</sup> O Decreto-Lei nº 7.864 de 14/08/1945 altera o artigo 2º do Decreto-Lei de 14/04/1941 e cria a função gratificada de Secretário do Conselho Nacional de Desportos.

e alternativas. As atividades atléticas trazem novo repertório de atitudes identificadas com os jovens, implicando novos hábitos. Nesta ambiência o código de condutas que centraliza a cultura é o imperativo da ação na qual o corpo é a peça central no desempenho físico. A incorporação do esporte implica o fato de que passa a participar da construção de uma nova ordem escolar e também social. Essas orientações repercutem também na estrutura da cidade santista.

### **3.3. Santos, um campo natural de esportes.**

A cidade de Santos amálgama ao longo das três primeiras décadas do século XX seu perfil esportivo intimamente ligado às suas características de cidade litorânea e balneária.

A associação entre civilização e espaço urbano decorreu das idéias iluministas. A cidade passa a ser vista como lugar da liberdade, da razão e da felicidade. Ser jovem desportista é ser moderno. O alvorecer desse novo tempo no qual novos hábitos e práticas adquirem um efeito energético e se avolumam num contágio crescente e irreversível de representações corporais, exprimindo um curso de transformações no interior da sociedade santista, é refletido na tomada de consciência de um destino da cidade e num sentido de identidade onde as atividades esportivas se irradiavam por todos os lados. A cidade revela todo o seu potencial arregimentador e sua força de organização e representa a vitalidade e potencialidade consagrada na “educação” em Santos como a descoberta de uma vocação, nas décadas de 1940 e 1950, implementada por uma política de educação física, abrangendo vários níveis de instituições escolares.

A cidade está, no final da década de 1940 e, em 1950, marcada por transformações contínuas na sua vida econômica, política e urbana.

O seu sólido movimento sindical é uma história de lutas e resistências. O seu porto, voltado para o hinterland e para o exterior, tornou Santos uma cidade cosmopolita e aberta para as freqüentes contribuições e inovações. Dele também saem as vozes de seus trabalhadores portuários, através de atuantes sindicatos, incentivando a militância política. Segundo Alcindo Gonçalves, em Santos a cultura política forma-se dentro de uma tradição do porto. A classe operária, com forte presença imigrante era responsável por greves e lutas de resistência, de liberdade e mudanças.”Há um movimento sindical com sólidas raízes, representativo de categorias organizadas e coesas, cuja história de lutas e resistência é bastante expressiva” (GONÇALVES, 1995, p.141).

Porto vermelho, com a derrocada dos comunistas a partir dos finais da década de 1940, no processo de construção da política santista onde a hegemonia é quase sempre progressista e popular, a alternativa é o populismo, com a adesão ao PSP (de Adhemar de Barros) coadjuvado ainda com a aliança ao trabalhismo getulista (PTB) após a morte de Getúlio. Entretanto a cidade é governada desde abril de 1953 por um conservador (PSD), eleito por voto popular, com a volta da autonomia perdida desde 1947. À época de Getúlio Vargas, Santos foi declarada o município com “porto militar de excepcional importância”. A autonomia veio em 26 de novembro de 1952 e o deputado Antonio Feliciano da Silva foi o seu grande reivindicador e lutador.

Na década de 1940, a cidade passa por insuficiências de água, calçamento, esgoto e galerias pluviais. Há melhorias de bairros populares: Macuco,

Marapé e, o prefeito eleito em 1953 Antonio Feliciano dá atenção ao calçamento, construção de galerias pluviais etc segundo relatório apresentado em 1954.

A presença dos trabalhadores portuários, depois acrescida das lideranças do núcleo petroquímico e siderúrgico no final da década de 1950, ainda fará tremer a cidade principalmente quando a política nacional estiver bastante conflitiva. O porto continua sendo fundamental para a cidade. Observadas as restrições do período da Grande Guerra (1939-1945), 1942 foi o ano pior, o porto com a política econômica de exportações progride com o desenvolvimento promissor do parque industrial paulista. A extensão do cais aumenta alcançando no período de 1945 a 1954, 6.259m (do início de 260m em 1892; 4.720m em 1909; 5021m em 1930; de 1930 a 1944 permanece estagnada).

A cidade continua com seu plano de urbanização. A sua faceta turística vai tomando impulso. Em 1947 é inaugurada a primeira pista da Via Anchieta e a segunda é terminada em 1950. Na região da orla da praia construções verticais aparecem. Em Santos e nas cidades balneárias vizinhas multiplicam-se as residências de temporada.

Alguns clubes de regatas localizados na Ponta da Praia modernizam suas sedes, construindo salões de festas e bailes, piscinas, como o Clube de Regatas Santista (1943) e o Clube Internacional de Regatas (1945), bastante utilizado para as apresentações de ginástica rítmica e dos jogos colegiais. Em 1949, o Clube Atlético Santista (após abandonar o futebol) constrói a sua grande sede social e esportiva no bairro da Vila Mathias. Surge em 1952, o Clube Sírio Libanês (reúne nacionalidades dedicadas ao comércio varejista da cidade) que, além da sua bem localizada sede social no Gonzaga, dedica-se a esportes na praia.

Com o crescimento urbano a partir da década de 1940, agora engrossada por grandes levas de nordestinos, que vêm suprir as demandas do parque industrial paulista e, em Santos, principalmente o desenvolvimento do mercado de construção e do parque industrial de Cubatão, o perfil da cidade se transforma. A população proletária ocupa os morros da cidade, e a Zona Noroeste e a seguir a periferia dos municípios vizinhos: Vicente de Carvalho no Guarujá (que já se desmembrou de Santos em 1934), Cubatão (emancipado em 1949) e mais tarde a Praia Grande (que começa a luta pela autonomia em 1953, mas só a consegue em 1968). A classe média, já nessa época, localiza-se nas antigas áreas operárias: Vila Macuco, Vila Belmiro, Campo Grande, Marapé.

Em 1953 e 1954 têm início as gestões para a organização do parque industrial de Cubatão, onde vão ser implantadas indústrias petroquímicas; a refinaria Presidente Bernardes em 1955 e siderúrgica COSIPA em 1963. A primeira usina hidrelétrica, a São Paulo Light, instala-se em Cubatão em 1926. A segunda, subterrânea, começou a funcionar em 1955.

Na década de 1950, tem incremento o ensino universitário. Em 1951, D. Idílio José Soares, bispo de Santos, liderando um grupo de pessoas de projeção na cidade, inclusive do comércio cafeeiro, fundou a Sociedade Visconde de São Leopoldo que vai ser a mantenedora de novas faculdades: a Faculdade Católica de Direito de Santos (1952) e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (1954) que incluía a Escola de Jornalismo. Por outro lado, encampou também a Faculdade de Ciências Econômicas em 1954 (que já funcionava na cidade desde 1934). Então, uma parcela dos santistas não precisava subir a serra, para freqüentar a universidade.

Santos sempre valorizou a instrução. Em 1950, o seu índice de analfabetismo de 19,56% era o menor do Estado. A capital paulista tinha 20,46% num Brasil de grande porcentagem de analfabetos (57,16%).

O esporte esteve sempre presente na realidade santista seja nas atividades esportivas aquáticas, assim como, em outras modalidades. Não poucos desconhecem, e podemos citar a título de esclarecimento, o fato de o Coliseu Santista que data de 1896 ter sido originalmente um velódromo. A prioridade da prática do remo no Estado, os clubes de regatas e a presença de provas de natação desde o fim do século XIX, vão permear a vida social da cidade. Na década de 1930 tem início a competição da “Travessia do Canal a Nado” e o registro de alguns rapazes na prática do surf.

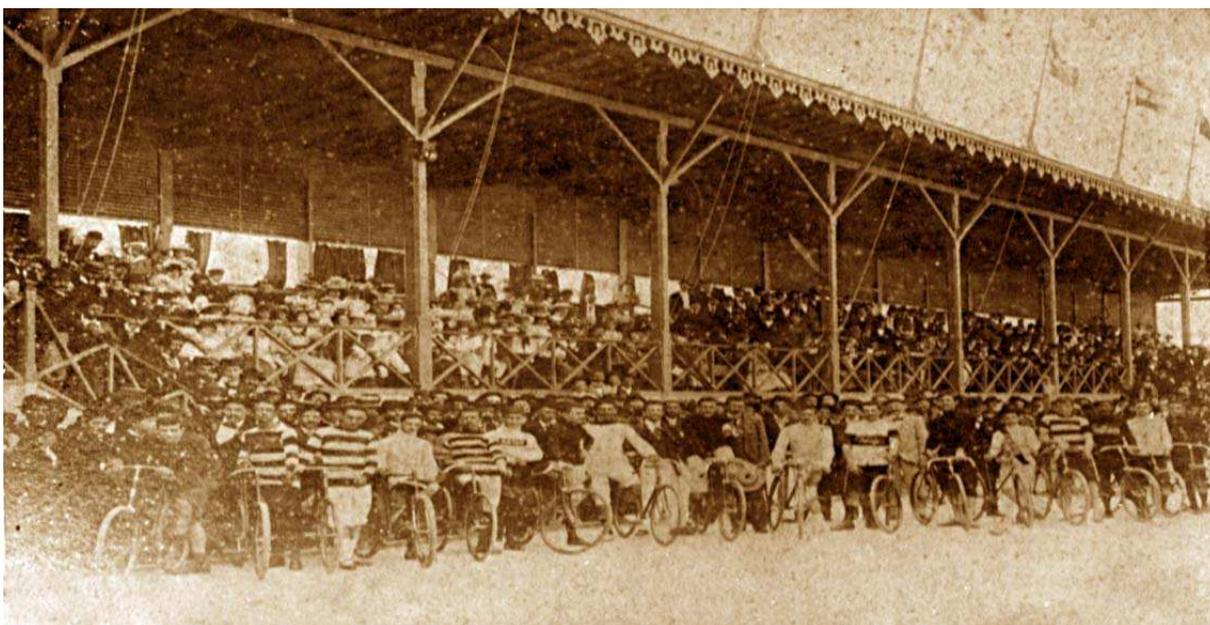


Figura 29 - Velódromo de Santos. Observam-se os expectadores divididos com as mulheres à esquerda com roupas claras.

Acresce o fato de que, sua extensa orla marítima com igualmente extensa faixa de areia, proporcionou um aceso democrático ao lazer que impulsionou os jovens prioritariamente à prática das atividades físicas ou até à criação de esportes típicos da cidade como é o caso do tamboréu.

Na relação corpo-cidade várias alterações aconteceram no cenário urbano santista na modernidade. O processo de urbanização permite a homens e mulheres uma nova circularidade pela cidade. Espaços abertos se incorporam à orla da cidade. A comunidade passa a utilizá-los no dia a dia das mais variadas formas, como possibilidade de melhorar a saúde, oportunizar as relações com os outros e valorizar sua própria existência. Famílias, crianças, jovens e adultos se oxigenam caminhando, contemplando, brincando, praticando algum esporte, enfim relacionando seu corpo e sua alma. É um espaço de recreação público. A cidade é contagiada também pelos ares da modernidade com modelos e valores refletidos de outras cidades, notadamente da capital federal; nela um novo homem e uma nova mulher viriam a surgir. A cidade de Santos privilegiada por sua bela natureza se viu transformada a partir do projeto urbanístico não somente para ser olhada, mas, principalmente para ser vivida.

Isto é sintetizado na expressão usada por Lydia Federici: “Santos, um campo natural de esportes”. (título de uma de suas crônicas no jornal “A Tribuna”, 1954).

A prática do esporte dentro da Educação Física escolar santista, na década de 1950, comporta nesta pesquisa uma abordagem a partir da ação de um dirigente, o professor Oscar da Silva Musa, e de uma professora, Yolanda Miguel Elias Baldia, esta responsável pela educação física feminina do Colégio “Canadá”. A memória biográfica, no caso do professor Musa, serviu de base para o estudo dos problemas específicos, como a formação profissional, a escola e os clubes esportivos como espaços de socialização, desejos, sonhos individuais e projetos de grupos e as condições oferecidas pela sociedade em dado momento histórico. No caso da professora Yolanda Baldia, a incorporação do esporte escolar feminino

implica o fato de que passa a participar ativamente da construção de uma nova ordem escolar e também social, agregando uma força formadora de hábitos esportivos femininos. A vida é uma experiência que se tem com e no corpo; idéias e apreensões que perfilam um sistema de representação social do corpo como também as ordens sociais que são instauradas nas práticas corporais.

Nessa perspectiva, insere-se a ação dos poderes estadual e municipal, no que diz respeito à legislação reguladora da prática esportiva dentro da educação física escolar. Daí advém uma das possíveis explicações do empenho de determinados sujeitos que investem sua intervenção na prática do esporte escolar.

O esporte era com certeza o mais atrativo para os alunos, pois contar com o imprevisto, com as reações dos adversários, levava-os a uma liberdade de ação, fazendo-os desenvolver algumas características relacionadas à emancipação e ao desprendimento.

Importante atentar para o fato de que, muitas vezes, o desenvolvimento histórico de uma disciplina escolar depende mais de sua valorização e reconhecimento em setores nos quais ela atua diretamente do que da legislação e dos ordenamentos governamentais relativos à sua implementação. A insatisfação de alguns professores de Educação Física com os avanços e retrocessos da área demonstra que, desejando o melhor desenvolvimento destas atividades no interior da escola e a conseqüente demonstração da sua capacidade de trabalho, esforçam-se para uma efetiva consolidação da sua disciplina nas instituições de ensino. A Educação Física poderia contribuir para a harmonia social, investindo e desenvolvendo qualidades individuais como habilidade, iniciativa, coragem além de sentimentos de tolerância e lealdade, todos concorrendo para a ordem social alcançável através da disciplina, da concórdia, da colaboração e

solidariedade. Dentre os eventos e atividades da educação física, o esporte seria cada vez mais um motivo de destaque e diferenciação.

Em qualquer processo de apropriação realizado na escola, torna-se pertinente considerar que os sujeitos escolares não se limitam apenas a transpor saberes e práticas pré-existentes. Professores e alunos podem também produzir saberes e estes não permanecem fechados no interior da escola, influenciando as práticas culturais e os modos de pensamento que organizam vários outros campos sociais. Podemos constatar que a escola moderna agregou uma força formadora de hábitos esportivos, pertinentes com os argumentos de Bourdieu para problematizar a força formadora de hábitos:

Em uma sociedade onde a transmissão cultural é monopolizada por uma escola, as afinidades subterrâneas que servem as obras humanas (e, ao mesmo tempo, as condutas e pensamentos) encontram seu princípio na instituição escolar investida da função de transmitir consciente e também, em certa medida, inconscientemente) o inconsciente, ou melhor, de produzir indivíduos dotados de esquemas inconscientes (ou profundamente internalizados) que constitui a cultura. (1988, p.211-212).

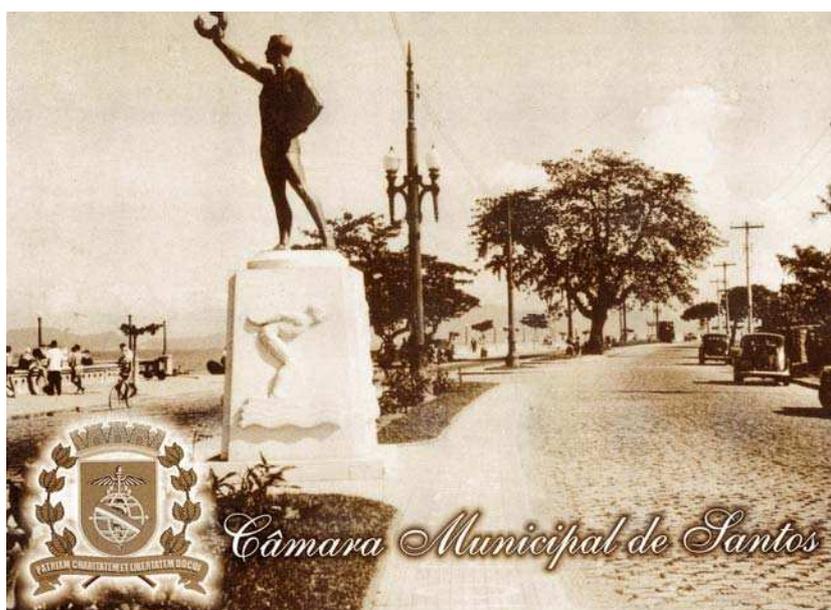


Figura 30 - Monumento ao esportista, Ponta da Praia, Santos, década de 1950.

Desta forma, permitindo ser esclarecedora e reveladora da identidade da cidade, torna-se importante abordar os Jogos Abertos do Interior e a participação santista até a década de 1950.<sup>47</sup> Estes jogos foram criados em 07/10/1936, pelo jornalista Sr. Barioni (Baby). Sua primeira disputa aconteceu em Monte Alto, SP, e em seu programa constava a realização de apenas um torneio de Basquete entre equipes masculinas, sendo nele inscritas seis cidades concorrentes, sagrando-se campeã Uberlândia.<sup>48</sup> Posteriormente os Jogos Abertos do Interior converteram-se em Torneio com característica de certame nacional, passando assim a acontecer em tese, para todas as cidades do Brasil, exceto às capitais, tornando inclusive oficiais pelo Departamento de Esportes do Estado de São Paulo. O segundo torneio, realizado em Uberlândia, MG em 1937, teve a cidade sede campeã. O terceiro em Sorocaba em 1938, sagrando-se Uberlândia tricampeã. O quarto torneio realizou-se em Campinas em 1939, vencendo a cidade sede.

Santos, faz sua estréia, em Campinas no quarto ano do torneio (1939) alcançando o vice-campeonato. Em 1940 em São Carlos, 1941 em Ribeirão Preto, em 1942 novamente em Ribeirão Preto, a partir de então, tendo à frente da delegação santista o prof. Oscar da Silva Musa, e 1943 em Sorocaba, 1944 em Taubaté, e 1945 em Campinas. A cidade de Santos sagrou-se seguidamente campeã desde 1940 até 1951, portanto por onze anos, quando foi cidade sede pela terceira vez do torneio (1946, 1948 e 1951). Entre os atletas que leram o Juramento dos Jogos em 1942, na cidade de Ribeirão Preto, o escolhido foi Constâncio Vaz Guimarães e em 1945 em Campinas foi Ari Vieira Barbosa, santistas.<sup>49</sup>

---

<sup>47</sup> Fonte: Livro do Arquivo do Santos Futebol Clube.

<sup>48</sup> Chefe da secção de esportes do jornal "Diários Associados", o Sr Roberto Haddock Lobo emprestou notável colaboração com destacadas reportagens dos jogos e sua constante divulgação.

<sup>49</sup> Em 1945 o cestinha do basquete foi Homero com 92 pontos, no feminino de 1944, Jurema Cléa Figueirôa com 40 pontos e em 1945 Wanda com 70 pontos.

Os Jogos Abertos do Interior abrangiam os seguintes esportes: basquete, natação, saltos ornamentais, atletismo, tênis, voleibol, xadrez para ambos os sexos e ciclismo para o sexo masculino.



Figura 31 - Carro de abertura dos Jogos Abertos de 1951 a cargo da profa. Yolanda Baldia.

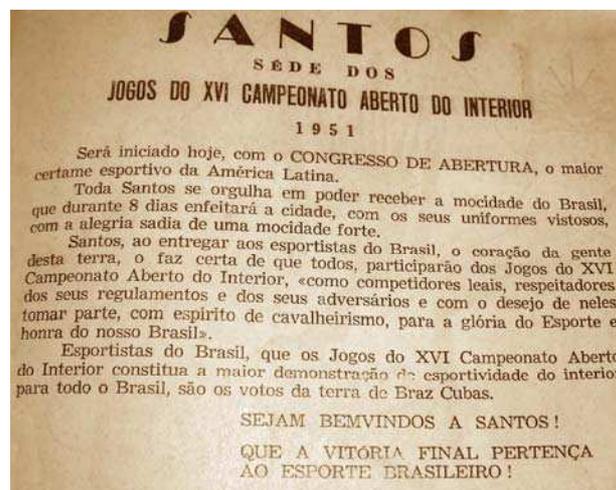


Figura 32 – Boas vindas aos atletas dos Jogos Abertos.

No jornal A Tribuna de 05/10/1943 aparece o seguinte comentário sobre a natação:

o melhor resultado foi de Ilsa Cardim, nos 100 metros nado de costas, com 1'27''8, novo recorde no interior. Sua companheira e segunda colocada, Rosa Russo, com apenas dez anos de idade, foi viva mente ovacionada, pois derrotou concorrente de fisico maior, alias moças, sendo ela apenas uma menina que há pouco se iniciou no salutar esporte.

Surgiu, em 1942, o atletismo feminino nos Jogos Abertos. No arremesso de disco a primeira vencedora dessa modalidade foi Verônica Simon de Santos, com 28 m,11; em 1944. Outra santista venceu com outro recorde, Lydia Federici, que em Taubaté jogou o disco a 30m 55.

Santos levou o título de bola ao cesto feminino pela primeira vez em 1943 em luta gigante com a representação de Rio Claro. O escore a favor de Santos foi de 23 a 22 depois de cinco empates no decorrer do jogo. Faltavam 10 segundos

para terminar a partida e Santos perdia por 22 a 21, quando Jurema Cléa Figuerôa encestou, dando a vitória à cidade praiana.

A cidade foi campeã de natação de 1945 a 1949. No quadro de honra do voleibol masculino, a cidade foi vencedora de 1941 a 1950. Dez anos de contínuas vitórias. No feminino foi vencedora de 1941 a 1944. A equipe de Santos que marcou a primeira vitória no campeonato de voleibol dos Jogos Abertos, quando essa modalidade foi inaugurada em 1941, era composta pelos seguintes atletas no masculino: Cristiano Bacelar, Ant nio Benedito Ferreira, João Guerra Figueiredo, Gerson Fonseca, Otávio Mariani, Paulo Duarte Martins, Verter Luiz dos Santos, Evaldo Oliveira Barros, Valter Rocha e Lucilo Leão. No feminino a primeira turma que venceu o primeiro campeonato de voleibol também em 1941 era constituída pelas seguintes atletas ainda não oriundas dos campeonatos colegiais: Josefa Veiga Giraldez, Marina B. Mena, Milene Campos Pacheco, Maria Stela Pinto Oliveira, Maria Neusa Cunha, Jessé da Costa Fonseca, Algir de Andrade Silva, Elza Araújo Lemos, Jurema Cl a Figuer a e Ilza Barcelos.

Na tabela de recordes do atletismo masculino aparecem os seguintes atletas de Santos: 100 m rasos Jairo Danton Reiperth, com 10''9 em 1940; salto em extensão Valmir Rocha, com 6m80 em 1949; arremesso de peso Ari Vieira Barbosa, com 13m28 em 1941 e com a marca de 42m16 em 1943. No revezamento feminino 4x100m rasos Jurema Cl a Figuer a, Aurora Costa, Elza Peres e Maria Pasqualini com 53''5 em 1949.

Em 1951 Lydia Federici escreve uma crônica por ocasião dos Jogos Abertos realizados em Santos, intitulada "Esporte Feminino", reproduzidos alguns trechos, aqui:

"Nos jogos de 1937, 1938, 1939 e 1940 o programa feminino constou apenas da prova de nata o. Em 1942, um punhado de moças

ensaiavam os primeiros passos dentro da pista de atletismo. Em 1943 quatro modalidades são disputadas: natação, atletismo, voleibol, basquete. Em 1944 o torneio de tênis. Em 1945, completa o programa o campeonato de xadrez. Santos com suas praias maravilhosas verdadeiro campo natural de esportes – onde toda menina e moça aprende a gostar de educação física - tem provado todos esses anos o, adiantamento do esporte feminino, ao conquistar por 34 vezes no total de 56 campeonatos, o tão ambicioso título de Cidade Campeã. Na contagem englobada, Santos desde 1941, mantém o título de Campeã absoluta feminina. E em Santos, em sua 16ª disputa, diante da beleza de corpos saudáveis, fortes e elásticos, diante do esplendor das almas moldadas pelas qualidades morais do Esporte, nós acreditaremos no valor sempre crescente da Mulher Brasileira.

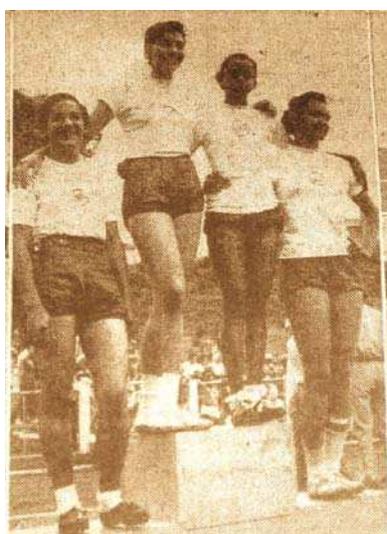


Figura 33 - A equipe do revezamento 4X100.

No jornal “A Tribuna” de 01/04/1954, a propósito da “XVI Travessia do Canal a Nado”, preparada pela Comissão Central de Esportes, Adalberto Mariani faz declarações sobre a atuação de Silvia Lílian Bitran, a primeira santista que se sagrou campeã sul-americana de natação, a jovem nadadora pertencente ao Clube Internacional de Regatas, sua pupila. Diz Mariani:

Acredito que Silvia Bitran, com o batismo e as lições recebidas num campeonato internacional, para as próximas competições estará mais firme e tranqüila, produzindo tecnicamente mais. Silvia Bitran foi a primeira nadadora de Santos de todos os tempos a atingir o “estrelato”. É campeã sul-americana no revezamento (marcou 1.14, nadando folgadoamente) e vice-campeã sul-americana duas vezes. Santos está de parabéns!

Santos assim figura no quadro de Cidades Campeãs por modalidades:

1939	Natação	masculino e feminino
1940	Natação	masculino e feminino
1941	Natação	masculino e feminino
	Bola ao cesto	masculino
	Voleibol	masculino e feminino
	Atletismo	masculino
1942	Natação	masculino e feminino
	Atletismo	feminino
	Tênis	masculino
	Voleibol	masculino e feminino
1943	Natação	masculino e feminino
	Bola ao cesto	feminino
	Atletismo	masculino e feminino
	Voleibol	masculino e feminino
1944	Natação	masculino e feminino
	Atletismo	masculino e feminino
	Voleibol	masculino e feminino
	Bola ao cesto	feminino
	Tênis	feminino
1945	Atletismo	masculino e feminino
	Bola ao cesto	feminino
	Natação	feminino
	Tênis	masculino
	Voleibol	masculino
	Xadrez	masculino
1946	Atletismo	masculino e feminino
	Bola ao cesto	feminino
	Natação	feminino
	Tênis	masculino

	Voleibol	masculino
	Xadrez	feminino
1947	Tênis	masculino e feminino
	Voleibol	masculino
1948	Bola ao cesto	masculino e feminino
	Atletismo	feminino
	Tênis	masculino e feminino
	Voleibol	masculino
	Xadrez	masculino e feminino
1949	Atletismo	feminino
	Tênis	feminino
	Voleibol	masculino e feminino
	Ciclismo	masculino
1950	Voleibol	masculino e feminino
	Bola ao cesto	feminino
	Atletismo	feminino

Outro evento, que caracterizou o perfil esportivo da cidade, foi a organização, pelo professor Oscar da Silva Musa, dos I<sup>os</sup> Jogos de Inverno da Cidade de Santos no período de 16 a 24 de junho de 1955. Assumindo o caráter de monumental parada desportiva, foi feita a seleção das melhores equipes do país, para trazê-las a Santos, para que o público santista, amante do esporte, pudesse presenciar os maiores “azes” do desporto nacional. Dele participaram 46 clubes com um total de 750 atletas.<sup>50</sup>

<sup>50</sup> Foram inscritos: de Santos-Clube Santos: Clube Internacional de Regatas, Santos Football Club, Clube de Regatas Vasco da Gama, Clube Atlético Santista, Clube Atlético Tocantins, Clube de Regatas Saldanha da Gama, Associação Atlética Portuguesa, Flor do Norte Futebol Clube, Estiva Atlético Clube, Afonso Pena Futebol Clube, Santos Moto Clube; de São Vicente: Clube de Regatas Tumiarú, São Vicente Praia Clube; São Paulo: Adamus Clube, Esporte Clube Pinheiros, Clube Atlético Paulista. Sport Clube Corinthians Paulista, Clube Atlético Ypiranga, Clube de Regatas Tietê,

Nesta competição Darcy Chagas e Lucy Godoy, participante também dos Campeonatos Colegiais, figuram na relação das campeãs do atletismo feminino, no salto em altura e revezamento 4x100. Seus nomes ladeiam a de atletas de renomada como o de Ademar Ferreira da Silva, do Clube de Regatas Vasco da Gama do Rio de Janeiro, vencedor do salto triplo nestes Jogos de Inverno de Santos com a marca de 15'26. Esse atleta foi nosso primeiro herói olímpico em 1952 em Helsink, feito que repetiria no ano seguinte à sua passagem por Santos.

Esta competição esportiva marcou o ano de 1955 na história do desporto da cidade de Santos, contando com a dedicação das entidades especializadas, das associações desportivas e dos cronistas esportivos santistas.

Observamos claramente que uma otimista atividade antecipadora da prática esportiva feminina santista no âmbito escolar é estimulada nos primeiros anos da década de 1940, equipando-se com clareza, abertura e coragem construtiva próprias para as transformações que já se anunciavam. As oportunidades de realização estruturaram-se através da ação de determinados sujeitos prontos para organizar esse tempo e espaço na escola e fora dela, antecipatório do esporte escolar feminino.

Observamos que havia toda uma articulação a nível municipal e estadual de estruturação e apoio às atividades esportivas, uma rede de incentivos e congratulações. A nível municipal, através da Secretária Municipal de Educação Secretária de Esportes pela qual era responsável o professor Oscar da Silva Musa, e

---

São Paulo Futebol Clube, E. C. Estrela de Oliveira, Sociedade Esportiva Palmeiras, Associação Portuguesa Desportos, Centauro Moto Clube, Guzzi Moto Clube, Velo Clube Aurora, Ciclo Clube Serse Coppi, S. E. Galileu Sembranti, Salete Hóquei Clube, Clube Paulista de Patinação; Rio de Janeiro: Clube de Regatas Vasco da Gama, Fluminense Futebol Clube, Clube de Regatas do Flamengo, Botafogo Futebol e Regatas; Interior e outros Estados: Guarany Esporte Clube – Ponta Grossa – Paraná, São Carlos Clube de São Carlos, Clube Alético Rodhia de Santo André, E. C. Votorantim de Sorocaba, Associação Ferroviária Esportes de Araraquara, Botafogo Futebol Clube de Ribeirão Preto, Comissão Municipal Esportes de Catanduva, Clube Atlético Jundiaí de Jundiaí, Clube Campineiro Natação Regatas de Campinas, Minas Tênis Clube – Belo Horizonte – Minas Gerais.

no âmbito estadual pelo Departamento de Esportes do Governo do Estado cuja direção estava a cargo major Sylvio de Magalhães Padilha. Havia uma sintonia de projetos e ações coordenadas de incentivo ao esporte escolar e, nestas condições extremamente favoráveis desenvolveu-se o trabalho profícuo da professora Yolanda Baldia e especificamente o esporte feminino do Colégio “Canadá”.

O “Colégio Canadá”, inaugurado em 1937, foi a primeira escola estadual, da região. Com sede própria foi mandada construir pela Prefeitura Municipal de Santos para abrigar à época o Ginásio do Estado (que fora criado pelo decreto nº 6.601 de 11 de agosto de 1934) por ter sido o terreno doado pela Companhia Canadense - concessionária de água, luz e bondes da cidade – a escola adotou, em sua homenagem, o nome do país de origem na década de 1940. Era uma instituição de grande prestígio na formação intelectual dos jovens e foi o mais premiado nas competições colegiais da cidade.

Entre os primeiros professores de seu corpo docente figura como professor de Educação Física, Francisco Galvanese Natale, diplomado pela Escola Superior de Educação Física de São Paulo.

À época abordada nessa pesquisa, a disciplina era conduzida pelos professores Guaraná da Costa Rodrigues e Yolanda Elias Miguel Baldia, tendo como diretor da Escola o professor Antonio Júlio Guimarães Sampaio.

No período abarcado pela pesquisa, nas aulas das disciplinas intelectuais havia a co-educação, o mesmo não acontecendo com a educação física, sinalizando para a reprodução da distribuição social dos papéis sexuais estereotipados. Embora não se note a diferença de conteúdo na prática da educação física, no que diz respeito à vestimenta das alunas nas aulas e na prática dos esportes, a partir das imagens podemos observar que seu efeito sobre a

aparência corporal escondeu todo um universo moral fortemente normalizador. Segundo Foucault: “nada é mais material, mais físico, mais corporal do que o exercício do poder”.

Os professores Guaraná e Yolanda, além da ginástica priorizavam em suas aulas a prática do esporte, elaborando um trabalho de parceria e colaboração, levando seus alunos e alunas a alcançarem vitórias relevantes nas disputas dos jogos colegiais da região e nos campeonatos colegiais do estado. Agrupados por categorias, infantil e principiante, era grande o número dos alunos que participavam, e no esporte feminino as primeiras modalidades foram o voleibol e o basquetebol.

Nesta pesquisa nos detivemos na prática do esporte escolar feminino.

A educação física escolar atinge um grau de organização técnica e eficiência esportiva onde a afirmação da individualidade no esporte foi uma adaptação inteligente para cujo êxito se consorciaram a imprensa e as associações esportivas santistas. Essa idéia reforça a compreensão da existência de um conjunto de disposições não explicitadas, não enquanto regras, mas instaladas implicitamente nos modos adequados de agir, pensar, falar e sentir na escola, e explica as relações entre a ordem escolar e a ordem social. Surgem semelhanças de experiências da ordem vivida nos âmbitos escolares e não escolares, podendo realimentar-se e potencializar-se mutuamente.

### **3.4 Os responsáveis pela disciplina.**

#### **3.4.1 Oscar da Silva Musa.**

Dentro do movimento do pensamento da educação física escolar e seu conteúdo de ensino no tempo a partir de 1940 afirma-se o movimento esportivo. Há aqui uma hegemonização do esporte no conteúdo escolar.

Recorrendo a fontes variadas, como jornais, fotografias e entrevista, através de distintas aproximações, tentamos traçar aspectos da profissão docente; a imagem do professor e trajetória de vida, que daquele se constituiu numa faceta importante do magistério santista: Oscar da Silva Musa.

As realizações desse professor que construiu uma representação da Educação Física e do Esporte na cidade de Santos serão fixadas a partir do homem e sua obra. Assinalamos, no desenrolar de sua trajetória, a continuidade de seus compromissos educacionais, uma marca do homem e do professor que integram a arquitetura do mesmo e o mundo educacional que desejou e procurou construir.

Victor Andrade de Melo, a respeito de biografias, uma possibilidade para o estudo da História, diz:

Se a macro-estrutura coloca determinantes para qualquer indivíduo, não significa que ele não tenha o poder de subverter e optar por caminhos diferenciados. Tampouco significa que essa opção é fácil e instantânea, tendo que ser construída no decorrer de sua vida. Assim, o que mais nos interessa seria compreender não somente o macro ou o micro, mas de que forma se estabelecem tais relações. (1999, p. 81).

Nascido em Ribeirão Preto em 29/10/1908 onde foi professor de Educação Física e Técnico de voleibol, basquete e futebol, no Ginásio do Estado, após diplomar-se pela Escola de Educação Física do Exército no ano de 1939 no Rio de Janeiro. No final desse mesmo ano foi nomeado Inspetor de Educação Física na região de sua cidade natal. Revelando seus dotes de orientador e idealista, organizou em 1941 em Ribeirão Preto os Jogos Abertos, exercendo também as funções de técnico das modalidades de voleibol e basquete.

No jornal Diário da Manhã da cidade de Ribeirão Preto de 15/08/1984 sobre a História do Vôlei nesta cidade, escreve Geraldo Quartim sobre o professor Musa:

Em 1941 por iniciativa do prof. Oscar dos Santos Musa, construiu-se na Sociedade Recreativa e de esportes já instalada na rua Bernardino de Campos, junto á antiga piscina, que nem sequer era azulejada, onde hoje está a sauna, a primeira quadra especialmente destinada ao vôlei.

No mesmo jornal em 14/08/1984:

Terminei minha crônica contando que o prof. Oscar da Silva Musa, em 1926 introduziu o vôlei no Externato Musa, colégio de propriedade do pai, o educador prof. Antonio Musa Filho.

A afirmativa do ex-aluno Geraldo Quartim deve-se ao fato de a presença do vôlei se restringir então à quadra do Externato Musa, onde o prof. Oscar confeccionou de forma rústica rede e mastros e treinava equipes femininas e masculinas desde 1926, embora o próprio prof. Musa considerasse que a introdução do vôlei se dera no ano de 1937, quando foi realizada a I Olimpíada Colegial de Ribeirão Preto, da qual participara como organizador. É fato ter sido o jovem filho do Prof. Musa, Oscar, quem trouxe do Rio o vôlei para o Externato Musa, uma vez que na Marinha de Guerra fez na prática verdadeiro curso de educação física e aprendeu inclusive o vôlei, trazendo ao retornar a novidade para o colégio do pai.

Parece importante ser o prof. Musa filho de educadores, os professores Antonio da Silva Musa Filho e Amélia dos Santos Musa, figuras importantes da educação em Ribeirão Preto; o nome de sua mãe nomeia um dos grupos escolares da cidade.

Sua vinda a Santos deu-se em 1942, quando de sua nomeação como Delegado Regional de Educação Física e Assistente Técnico da CCE (Comissão Central de Esportes). Já residira na cidade em 1922 quando veio à cidade para o serviço militar na Escola de Aprendizes de Marinheiros, onde permaneceu até 1925. Na CCE presidida por Constâncio Vaz Guimarães teve atuação de destaque. De extrema relevância foi o fato de ter instituído a obrigatoriedade do "exame médico"

para todos os atletas participantes de competições, inclusive dos profissionais, na época os times de futebol do Santos F. C., Portuguesa Santista e Jabaquara.<sup>51</sup>

Como Delegado Regional de Educação Física na década de 1940, organizou e dirigiu o Desfile de Colegiais Santistas e da região nas datas cívicas; os Campeonatos Colegiais entre escolas de Santos, São Vicente e Guarujá; as Demonstrações de Ginástica entre colegiais da região que eram realizadas no campo do Santos F.C.; as Olimpíadas dos Colégios Religiosos Femininos e o Campeonato Escolar entre os Grupos escolares da baixada santista, demonstrando a ação profícua do educador (fotos 34 a 37).



Figura 34 - Desfile da Juventude em 1942 em Santos. À esquerda de branco o prof. Oscar da Silva Musa e de camisa escura e calça branca o prof. Mariani.

<sup>51</sup> Na ocasião, a direção do Esporte Nacional era orientada pelo Conselho Nacional de Esportes, órgão do Ministério da Educação. O presidente do Conselho visitou oficialmente a cidade de Santos para conhecer em detalhes a medida, aprovando-a e tornando-a obrigatória em todo o país. Em seguida tal medida foi estendida por todo o Estado de São Paulo pela diretoria de Esportes presidida pelo Cap. Sylvio de Magalhães Padilha.



Figura 35 - 1942. Prof. Musa aparece à frente dos alunos numa Demonstração de Ginástica no Estádio do Santos Futebol Clube.

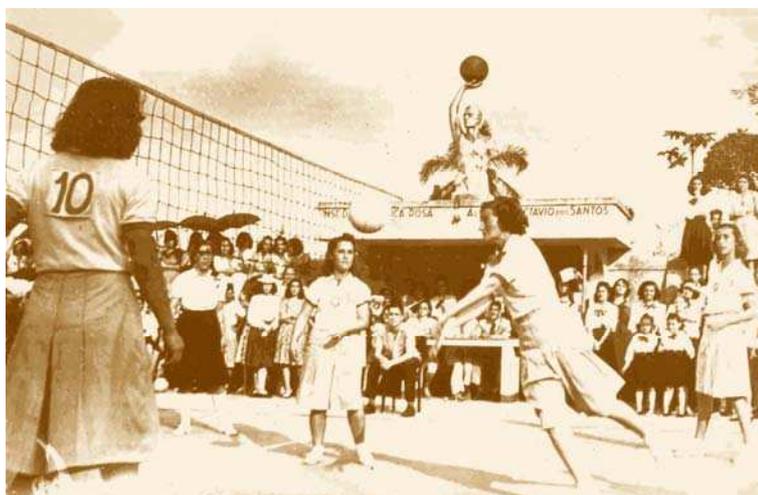


Figura 36 - Na década de 1940 as Olimpíadas dos Colégios Religiosos, alunas dos colégios "São José" e Stella Maris".



Figura 37 – Na década de 1940 os Campeonatos entre os Grupos Escolares.

Com sua vinda a Santos começou seu admirável trabalho em prol da juventude santista. Na administração de Musa na Comissão Central de Esportes, o jornalista esportivo, Devaney<sup>52</sup> considerou Santos a cidade mais esportiva do Brasil.

<sup>52</sup> De Vaney (1907-1990)- Adriano Neiva da Motta e Silva, o De Vaney, jornalista chamado de poeta da crônica esportiva brasileira, nasceu em Ribeirão Preto. Com a morte do pai foi morar com o avô em Laranjeiras no Rio de Janeiro, e aos 14 anos fundou o Beira Mar, tablóide que circulou pelas praias cariocas (Botafogo, Leme, Copacabana e Flamengo) durante cinco anos. Aos 19 anos foi trabalhar no Globo e depois no Diário de Notícias. Assinou uma coluna na revista O Cruzeiro sob o pseudônimo

Merece também destaque especial a atuação de Musa no SESI (Serviço Social da Indústria) onde entre 1947 e 1973 exerceu a função de Assistente de Divisão do setor de Educação e Esportes. Aí idealizou e executou serviços que foram estendidos para todo o Estado: o “Teatro Operário” e o “Cinema” este ao ar livre ou nos salões das indústrias. Foi igualmente o responsável pela organização e direção dos “Jogos Operários do SESI” com a participação das indústrias localizadas em Santos, Cubatão e Guarujá. Em 1947 por ocasião dos Jogos Operários do Estado de São Paulo, sagrou-se campeã a Delegação da Companhia Docas de Santos, tendo-o à frente como Assistente Técnico da Delegação.

O jornal “A Tribuna”<sup>53</sup> registra a respeito:

recebemos do professor Oscar da Silva Musa, assistente em Santos, da divisão de esportes, e educação física do SESI, a revista comemorativa dos Primeiros Jogos Desportivos Operários, “Primeiro Capítulo de uma epopéia do trabalhador”. Nele se pode apreciar em toda plenitude a importância daquele certame realizado em 1947 no Pacaembu e ao qual concorreram milhares de atletas de Santos, capital e interior.

Em relação ao esporte na cidade, no ano de 1954 três acontecimentos importantes são registrados no jornal “A Tribuna”: a realização do Primeiro Campeonato de Tamboreo organizado pela Comissão Central de Esportes, as finais do Campeonato Inter-Sindical entre as equipes do SMTC (Serviço Municipal de Transportes Coletivos) e Almojarifado da CDS (Companhia Docas de Santos) e a abertura das inscrições para os “Jogos Desportivos Operários” promovidos pelo SESI. A respeito destes últimos é registrado em 11/04/1954 pelo jornal “A Tribuna” à p. 16, o seguinte:

---

de Adão Abel. Em 1944 saiu do Diário para trabalhar em A Tribuna em Santos até 1967. Reuniu ampla documentação que lhe permitiu conseguir para Santos, em 1956, o título de “Município Mais Esportivo do Brasil”, quando obteve o primeiro lugar no Concurso Aberto de Monografias do Congresso Brasileiro de Municípios.

<sup>53</sup> A Tribuna – jornal fundado com o nome “Tribuna do Povo” em 1894 por Olympio Lima. Em 1909 foi adquirido por Monoel Nascimento Junior que ficou na direção do jornal por 50 anos. Em 1959 assume a direção seu genro Giusfredo Santini, que já era superintendente do jornal.

Revestiram-se de brilho os Jogos Desportivos Operários. Uma festa de confraternização promovida pelo SESI e da qual participaram mais de 800 trabalhadores. As competições decorreram com entusiasmo, sagrando-se campeão o SMTC. – Em segundo lugar, o Sindicato dos Estivadores.

Em 1966 o professor Oscar da Silva Musa recebeu o título de Cidadão Santista, ato da Câmara Municipal de Santos.<sup>54</sup> Foi aposentado pelo Estado de São Paulo no cargo de Técnico de Educação em 1958 e em 1973 pelo SESI no cargo de Assistente de Direção. O jornal “A Tribuna” em 1973 por ocasião de sua aposentadoria, publicava:

Depois de 30 anos, Oscar da Silva Musa vai parar: Oscar da Silva Musa está pendurando as chuteiras. Figura por demais conhecida e respeitada no esporte amador santista, há mais de 30 anos, merece a aposentadoria que passa a gozar desde hoje, depois de prestar inestimáveis serviços ao SESI em todos os setores e ao Governo do Estado. Há 27 anos, quando aqui se instalou a Delegacia do SESI, Oscar da Silva Musa foi convidado para ocupar o cargo de Assistente da Divisão de Promoções. Aceitou a incumbência e o SESI ocupa ainda a liderança das promoções esportivas, destacando-se a Olimpíada Operária o Torneio de Futebol de Salão Antonio Guenaga, provas ciclísticas, além de torneios de futebol, de voleibol, de tamboréu, xadrez, damas, dominó e outros esportes. Natural de Ribeirão Preto, onde se destacou na organização dos Jogos Abertos do Interior em 1941 no ano seguinte Oscar da Silva Musa veio para Santos, ingressando logo a seguir no Internacional de Regatas, como administrador; depois foi para o Caiçara Clube, mas suas grandes paixões eram o SESI e a DREFE (Delegacia Regional de Educação Física do Estado de São Paulo), onde prestou sua colaboração como delegado, durante 14 anos. Mas Oscar da Silva Musa vai gozar a sua aposentadoria carregando pedras, pois a partir de hoje será o diretor-administrativo do Hospital São Francisco, em Ribeirão Preto.

---

<sup>54</sup> Lei n. 3.216, de 27 de outubro de 1966, sancionada e promulgada pelo prefeito eng. Silvio Fernandes Lopes.

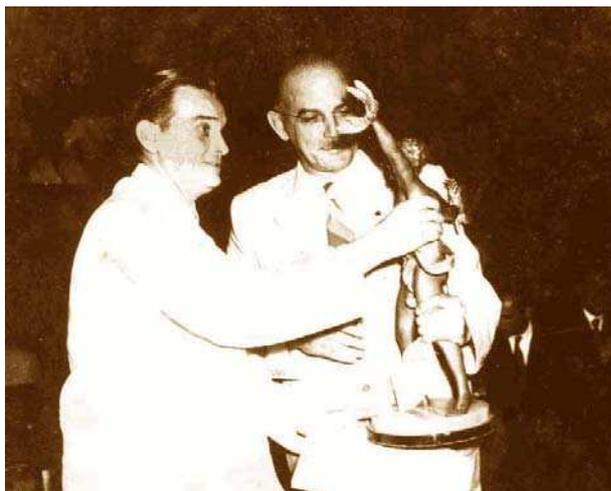


Figura 38 - Prof. Musa recebe troféu no encerramento dos Jogos Abertos de 1946.



Figura 39 - Entrevista do prof. Musa em 1945.

Nos relatórios, com feição didática e professoral de quem conduz, indicando rumos a seguir e ditando normas de como o fazer, o prof. Musa lembra ao quadro do magistério, se ao Estado competia dotar as escolas com organizações pelas quais os professores ficassem capacitados para exercer, com competência, suas funções técnicas, inerentes aos desempenhos das suas altas responsabilidades. Cabia por sua vez a cada postulante de per si, de *motu-próprio*, a iniciativa de ilustrar-se, como garantia *sine qua non* de preparo indispensável ao desempenho das suas relevantes funções, o que vale dizer, a competência no uso dos espaços e aparelhos relacionados à educação física.

Tantos são os testemunhos sobre o perfil do Professor Musa na cidade de Santos, homem de sociedade e homem de cultura, homem consciente dos

valores do espírito e da supremacia desses como atributos principais, senão únicos, definidores da verdadeira grandeza humana. É consenso unânime dos profissionais e dos leigos, dada sua competência excepcional no nosso meio, por seus ativos e brilhantes serviços.

Particularizar-lhe a competência profissional e mesmo suas atuações na carreira seria inócuo, por sobejamente conhecidas daí a intenção, de retratá-lo pelo que nos legou em suas obras e pelas quais tão só podemos ajuizar-lhe dos verdadeiros quão íntimos feitos. Obteve pela dedicação aos afazeres de sua profissão e pelo cabedal de conhecimentos ameadados pelos esforços e estudos, pela firmeza das atitudes reveladora da integridade e retidão do caráter - todas as vitórias que ao educador é dado aspirar e conquistar.

O professor Musa lembra-nos uma definição retratadora de todos aqueles chamados a plasmar em si os anseios, e destes fazerem-se executores, em um momento de vida das coletividades.

Santos, o esporte e a educação física escolar chegam, na gestão do professor Musa, à concretização do perfil característico de sua juventude, plasmando de forma definitiva a importância da educação dos corpos.

#### **3.4.2. Professora Yolanda Miguel Elias Baldia**

Procuramos particularizar-lhe a competência profissional e mesmo suas atuações de forma peculiar durante o ano de 1954, a partir dos documentos e relatos de entrevistas procurando desta forma delinear-lhe a figura. Nasceu na cidade de Cajuru (SP), formada pela Faculdade de Educação Física de São Paulo em 1942. Chegou a Santos em 1951 e começou sua carreira no colégio Canadá.

No ano de 1954 a professora Yolanda Baldia acumulou como professora os títulos de Campeã dos Campeonatos de Ginástica, do Campeonato de Educação Física e Esportes, nas modalidades de Atletismo, Natação e Voleibol no VII Campeonato Colegial de Esportes e participou do campeonato Festa da Ginástica.



Figura 40 - Premiação recebida pela profa. Yolanda Baldia pelo tri-campeonato de ginástica, 1953.

Inúmeras congratulações foram recebidas pela professora, entre as quais as de 1954, da Secretaria do Governo do Estado de São Paulo – Departamento de Esportes e Secretaria de Estado dos Negócios do Governo – Departamento de Educação Física e Esportes. Os documentos mostram a articulação a nível municipal e estadual.

Lecionou Educação Física além do “Colégio Canadá”, também nos Colégio São José, Colégio Stella Maris e no Liceu Feminino Santista.



Figura 41 - Professora Yolanda Baldia e suas alunas do Canadá em visita à “Gazeta” em São Paulo.

A “Gazeta Esportiva” era, na época, o jornal de maior acompanhamento e colaboração aos esportes e à educação física e uma visita foi feita pelos alunos do “Canadá” na companhia da professora Yolanda, à redação do jornal, evento significativo de reconhecimento do poderio esportivo de uma equipe escolar.(fig.41).

Yolanda Baldia atualizando-se sempre participou dos Cursos de Aperfeiçoamento Técnico e Pedagógico da Secretária de Educação do Estado de São Paulo, nos anos de 1951, 1952, 1953 e 1954; e do Curso da Liga Santista de Voleibol em 1956, obtendo o título de Oficial de Campo e Mesa.



Figura 42 - Cursos de Aperfeiçoamento de professores de Educação Física em 1953, na foto o professor francês, Listello.

A partir de 1946 foi introduzida a Educação Física Desportiva Generalizada (EFDG) em Santos. Esse método, desenvolvido na França, no “Institut National des Sports”, foi trazido ao Brasil por Auguste Roger Listello nos cursos de aperfeiçoamento técnico-pedagógicos realizados em Santos, a partir de 1951. sob a organização do Departamento de Educação Física e Esportes do Estado de São Paulo (DEESP). Na foto 42 observamos o curso sendo ministrado às professoras de educação física, na praia. <sup>55</sup>

<sup>55</sup> O Departamento de Educação Física e Esportes do Estado de São Paulo iniciou a partir de 1951, em Santos, os cursos Internacionais de Educação Física com convites a professores estrangeiros,

O trabalho desenvolvido pela professora Yolanda em relação à atenção que dava às suas aulas nas sessões com evoluções, aplicação de flexões, exercícios educativos e jogos pode ser depreendido de seu depoimento. Esses últimos eram por vezes adaptações recreativas dos esportes ou outros jogos com regras e objetivos a serem atingidos. Nessas sessões estavam previstos desportos individuais e coletivos, que chamavam a atenção pela dedicação de suas alunas. Era, sim, uma prática de esporte de rendimento. Sua preocupação era a adaptação do esporte mais adequado às particularidades de cada uma de suas alunas.

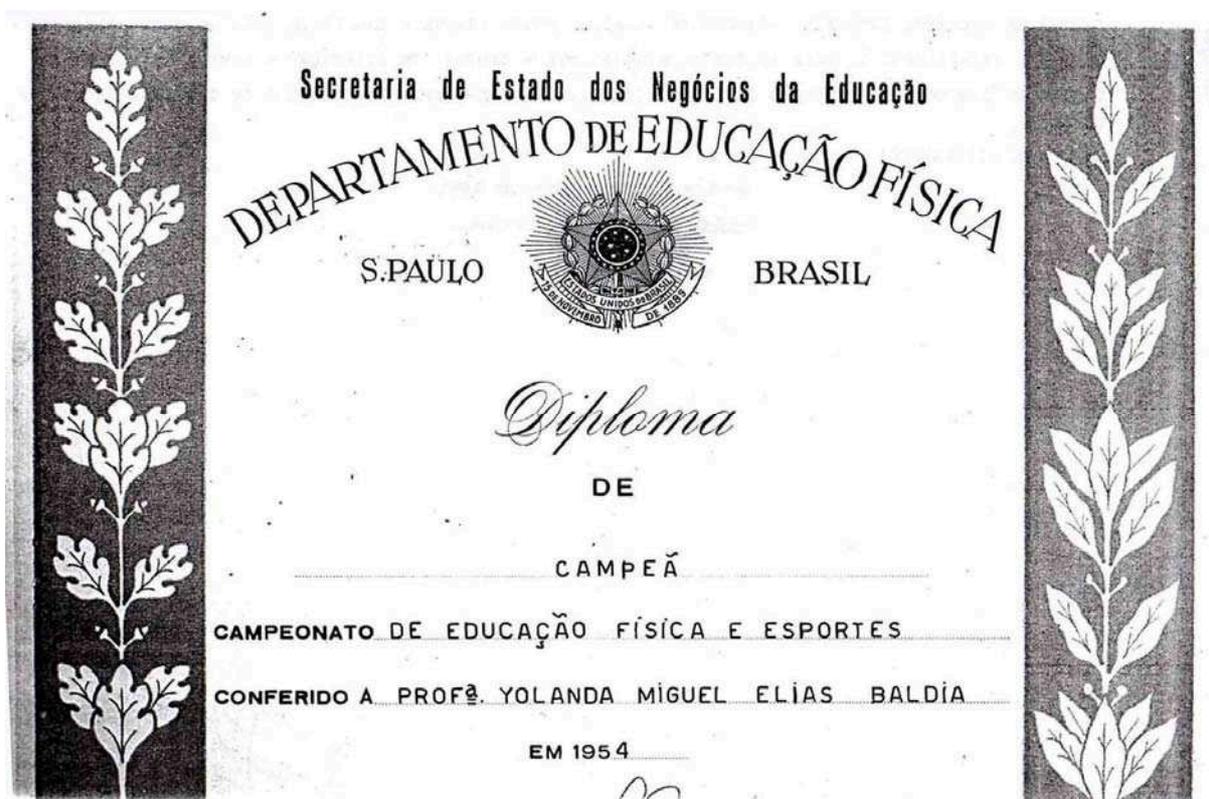
O que era incomum à época, e daí a postura inovadora de Yolanda Baldia, foi não se ater somente à única prática esportiva, recomendada às mulheres, o voleibol. Sua atuação se fez no sentido de aprimorar as qualidades físicas necessárias à prática esportiva e preparar paulatinamente as alunas para executar esforços maiores com o passar dos anos. É bem possível afirmarmos que a opção da professora Yolanda de trabalhar com o esporte feminino se devesse ao fato de ser mais atrativo, motivador e moderno. Embora não dispusessem de instalações esportivas adequadas na escola, nos clubes esportivos, as alunas complementavam os treinamentos e realizavam-se as competições. A adesão das alunas às aulas de Educação Física, podem ser constatadas nas figuras 45 e 46.

A título de documentar algumas de suas atividades tornamos público, alguns dos seus certificados:

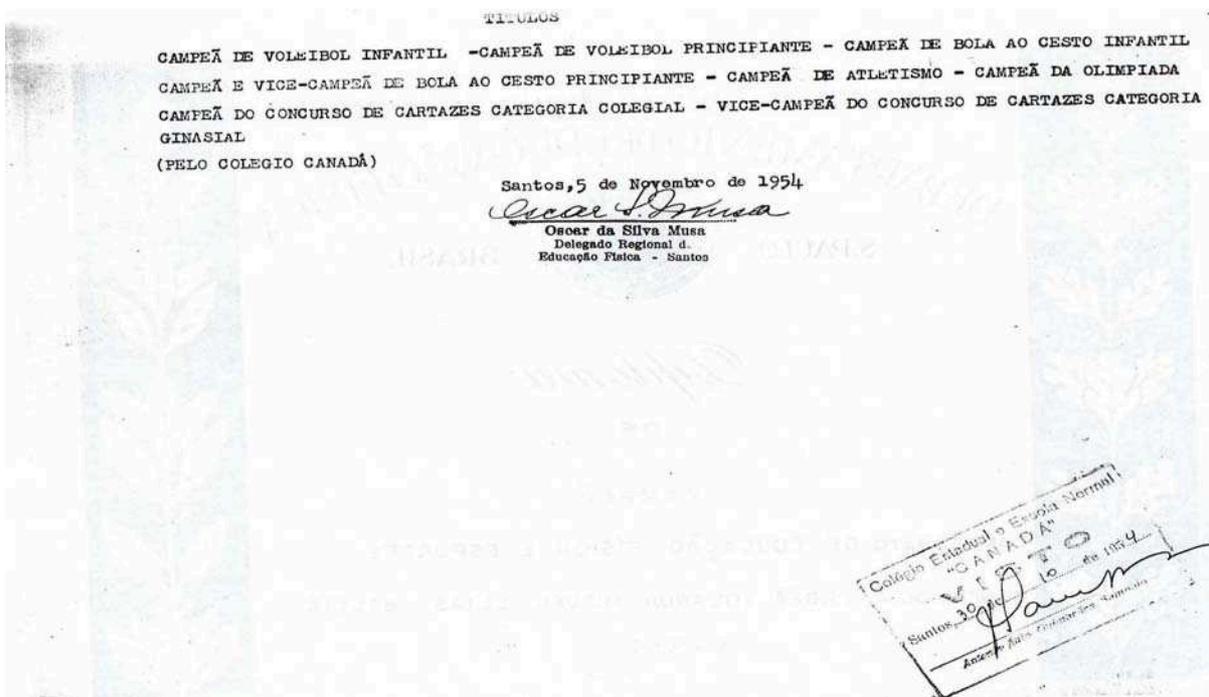
---

tais como: Curt Johnson (Suécia) introduzindo a ginástica balanceada, Nestor e Ybarra (Uruguai) com ginástica solo, Gerhard Schmidt (Áustria) com o método natural austríaco, Alberto Dallo (Argentina) com ginástica geral e Auguste Roger Listello (França) com a educação física desportiva generalizada. A repercussão do trabalho do professor Listello no Brasil levou-o posteriormente à Argentina, à Bélgica e à Alemanha. A filosofia divulgada e praticada por Listello através da EFDG, é educar por meio do esporte, trabalhando com todos os alunos divididos por habilidades, tendo todos eles a possibilidade de serem promovidos continuamente, onde o importante não é o culto ao físico e sim, a igualdade de oportunidades para todos.

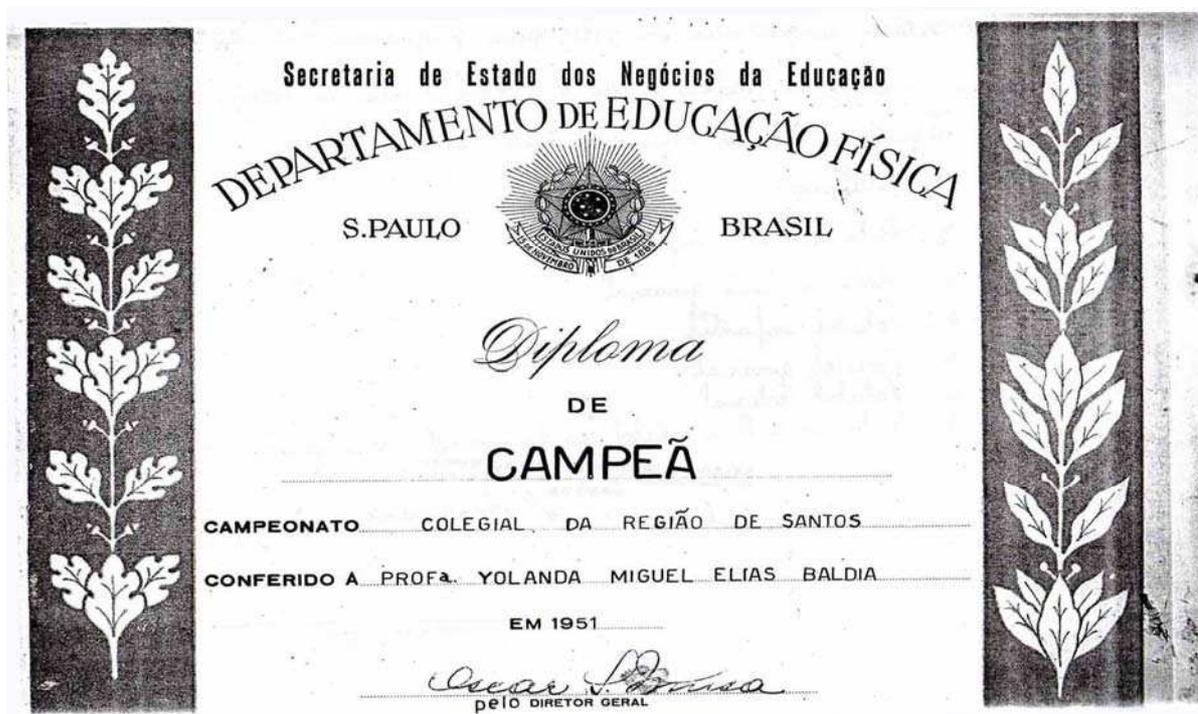
Diploma da Secretaria de Educação, Departamento de Educação Física a profa. Yolanda Baldia campeã, 1954 – Anverso.



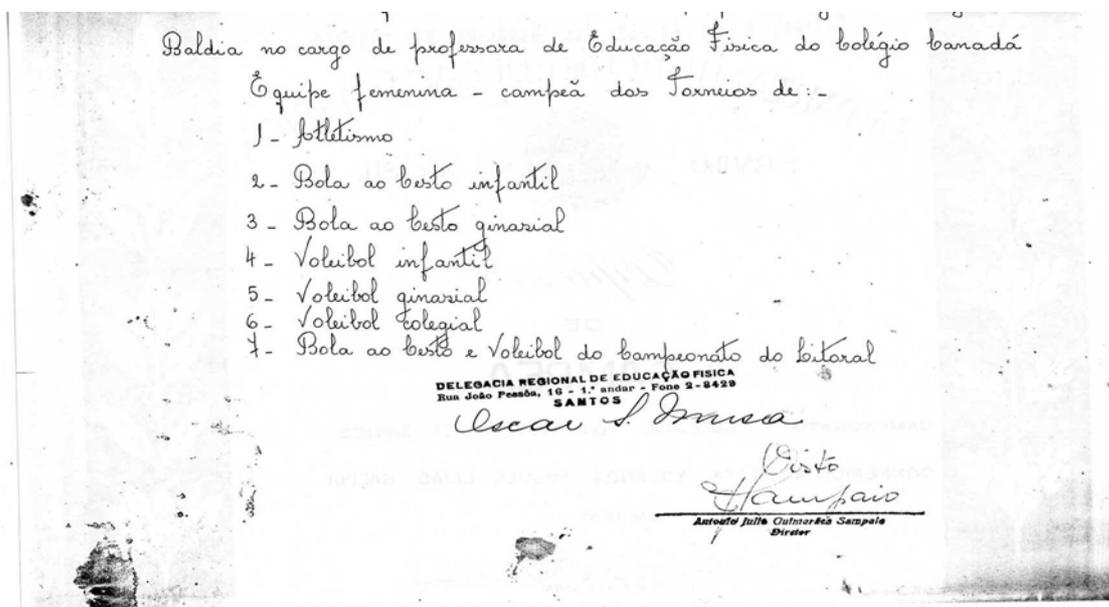
Diploma da Secretaria de Educação, Departamento de Educação Física a profa. Yolanda Baldia campeã, 1954– Verso.



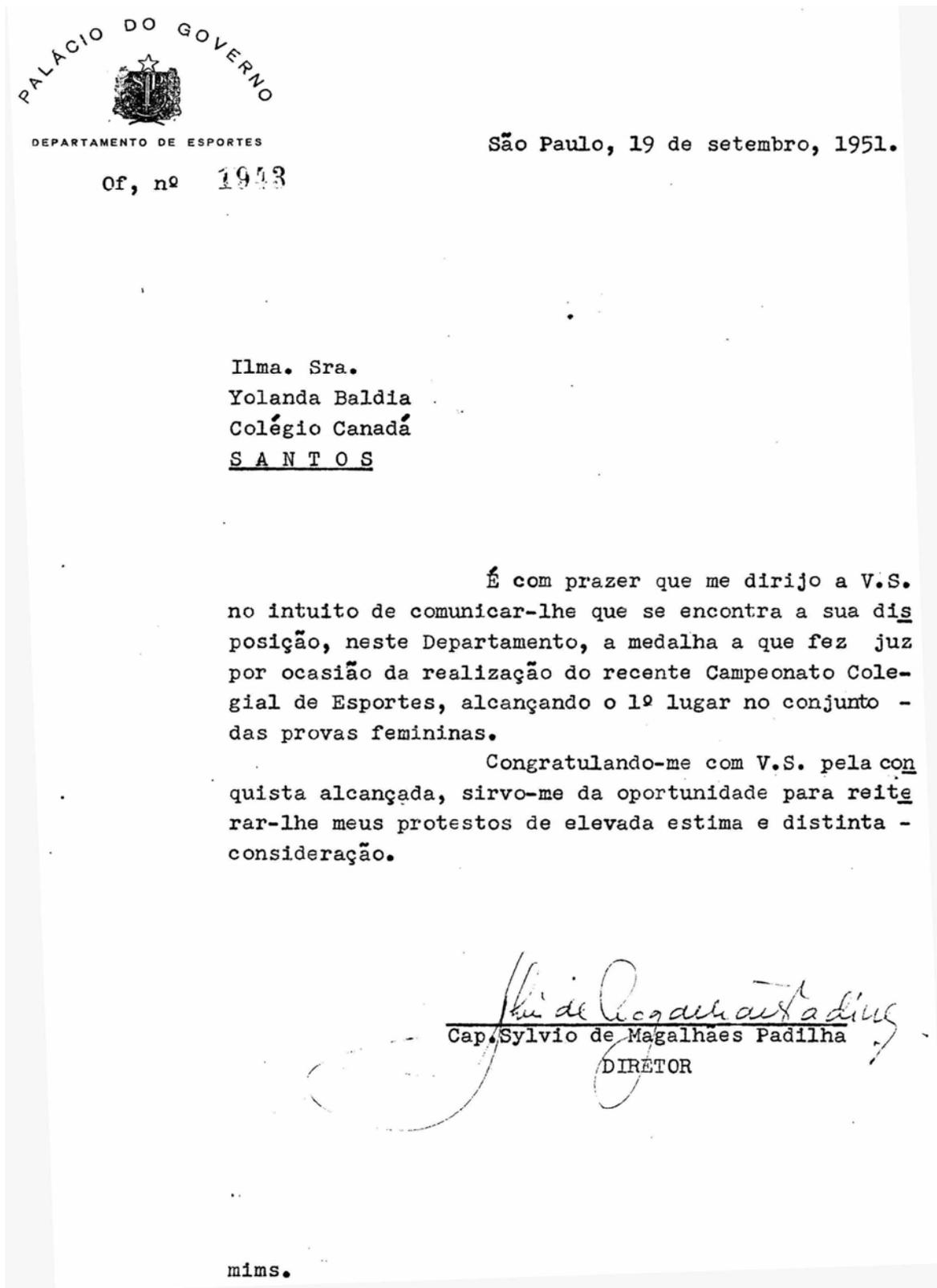
Diploma da Secretaria de Educação, Departamento de Educação Física a profa. Yolanda Baldia campeã, 1951 – Anverso.



Diploma da Secretaria de Educação, Departamento de Educação Física a profa. Yolanda Baldia campeã, 1951 – Verso.



Comunicado e cumprimento do Diretor do Departamento de Esportes do Governo do Estado de São Paulo, Sylvio de Magalhães Padilha a profa. Yolanda Baldia, 1951.



Agradecimento do Diretor do Departamento de Esportes do Governo do Estado de  
São Paulo, Sylvio de Magalhães Padilha a profa. Yolanda Baldia, 1954.



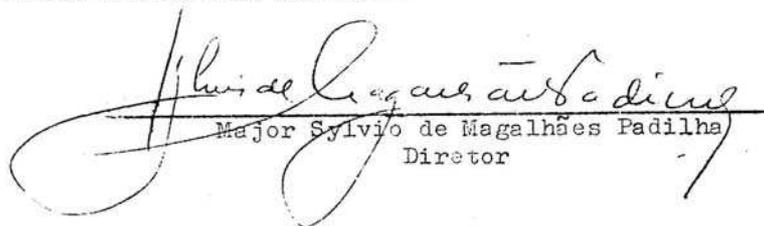
São Paulo, 21 de junho de 1.954

Senhora Professora

Terminados os jogos da fase preliminar do VII Campeonato Colegial de Esportes, recentemente realizados - nessa cidade, tenho o maior prazer em me dirigir a V.S., no sentido de agradecer-lhe toda a valiosa colaboração emprestada a este Departamento, fazendo com que os jogos se revestissem do maior êxito.

Graças ao auxílio sempre pronto e eficiente que nos proporcionou, bem como as providências que tomou, - pôde aquela fase do torneio desenrolar-se dentro do ambiente de sã esportividade que sempre temos profurado dar àquele certame, já tradicional nos meios esportivos estudantis.

Certo de continuar a receber seu valioso apoio às nossas iniciativas, sirvo-me da oportunidade para reiterar-lhe minhas atenciosas saudações

  
Major Sylvio de Magalhães Padilha  
Diretor

A Sua Senhora a Profa. Yolanda Baldia

30 1 10 4

A atuação da profa. Yolanda Miguel Elias Baldia em competições da Secretaria de Esportes do Estado de São Paulo na década de 1950, dirigindo equipes colegiais do Colégio “Canadá”:

1951	1º lugar nas modalidades de Atletismo, Basquete, natação e Voleibol no IV Campeonato Colegial de Esportes.
1952	1º lugar na modalidade de Atletismo e Natação no V Campeonato Colegial de Esportes. Campeã do Campeonato Colegial de Ginástica.
1953	1º lugar na modalidade de Natação no VI Campeonato Colegial de Esportes. Campeã do campeonato Colegial de Ginástica.
1955	1º lugar nas modalidades de Atletismo, Ginástica, Natação e Voleibol no Campeonato Colegial de Esportes.
1956	Diploma de Demonstração Coletiva de Ginástica. Diploma de Juiz de Natação.
1957	Diploma de professora Campeã no IV Concurso de Cartazes.
1958	Diploma de 3º lugar no Concurso de Cartazes.

Na década de 1960 dirigiu as equipes do Colégio Canadá, campeãs de basquete, xadrez e voleibol nas III e VI Olimpíadas Colegiais de Estreantes.

O trabalho desenvolvido pela professora Yolanda Baldia no ano de 1954, objeto dessa pesquisa, foi de extrema relevância daí consideramos importante compreender os motivos objetivos como também as motivações subjetivas que os produziram. O major Sylvio de Magalhães Padilha, diretor do Departamento de Esportes do Estado de São Paulo, tornou público agradecimento a Profa, Yolanda Baldia, pela participação e colaboração na fase preliminar do VII Campeonato Colegial de Esportes (1954).

### **3.5. Os campeonatos colegiais.**

No período no qual o professor Oscar da Silva Musa esteve como Diretor do CCE (Comissão Central de Esportes) assistimos à valorização das

práticas esportivas. Suas iniciativas produziram circunstâncias até então inéditas para o ensino da Educação Física, a partir de sua chegada a Santos em 1942, levando-nos a afirmar que na década de 1950 a prática do esporte na educação física escolar santista chegou ao ápice.

Como Delegado Regional de Educação Física, vimos que o professor Musa organizou os Campeonatos Colegiais e as Demonstrações de Ginástica entre colegiais da região. Foi idealizador dirigente e técnico de equipes. Parece difícil distinguir o professor do dirigente, o idealista do orientador. Sua ação aparece de forma inequívoca na iconografia que foi alvo desta pesquisa.

Por ser filho de educadores, aqui comporta registrar o fato de que as representações têm uma certa autonomia que por força das conexões lógicas e das reações afetivas lhe dão força de estruturar as práticas e de modificar o mundo.

Tendo como ponto de partida as imagens, a grande preocupação está na análise do que elas buscam representar e o que se esconde no modo como elas cristalizam determinados significados por meio de suas representações. Lançando mão de outras fontes, é na aproximação entre esses diferentes tipos de documentos que se estabeleceu a intenção deles extrair sentidos.

Na verdade, tratando-se da sociedade moderna pelo viés do esporte, encontramos na cidade de Santos um terreno privilegiado, na análise de todo esse processo e sua importância.

A análise das imagens, do acervo da professora Yolanda, nos sugere uma questão: seriam memória ou registro de uma seqüência de realizações didáticas? Seriam dois caminhos indissociáveis? As ausências, os silêncios são férteis indícios para pensar e escrever a história.



Figura 43 - Madalena e Marlene Mazzei no Clube Internacional de Regatas de Santos.

Desta forma, configurar espaços e tempos que continuam a agir sobre a atualidade possibilita uma penetração naquilo que o tempo tem de ininterrupto e de descontínuo na sua complexidade e multiplicidade. O trabalho pretende assim analisar o quadro de idéias e da ação pedagógica nos anos de 1950, contribuindo para a produção de uma cultura escolar no âmbito da disciplina Educação Física, rica e repleta de valores a serem disseminados e essa adesão ocorrendo num espectro social bastante amplo no caso santista, congregando atores sociais aparentemente diferenciados. Sua força residia exatamente na interlocução com outros setores da sociedade da cidade, como partícipes ou como simpatizantes.

Essas estratégias de aproximação com iniciativas de outros setores da sociedade santista recriaram de forma generalizada, práticas sociais estritamente vinculadas ao esporte, num contexto amplamente favorável criado localmente e com difusão de uma matriz peculiar santista dentro do Estado.

Promovendo a desconstrução do pré-estabelecido, a prática do esporte escolar liberava as alunas abrindo novas instâncias de relacionamento, pois o deslocamento físico para espaços diferentes do escolar favorecia o desbloqueio emocional e a pluridisciplinaridade, ao ligar os pontos de contato do sistema educativo com outros níveis de linguagem, mesmo que num contexto mais amplo

permanecesse a expectativa de enquadramento social sobre instituições, entre elas a escola, pelas estruturas de dominação; de forma consciente e inovadora rompendo a parcialidade da educação de preparo linear, as práticas da educação física especificamente do esporte feminino, no caso da professora Yolanda Baldia, possibilitou às suas alunas ampliar seus referenciais do mundo, ao inserir um espaço novo e ampliado do espaço escolar: os clubes.

Algumas de suas contemporâneas e professoras de educação física à época eram Elisabete Otvos do José Bonifácio, Maria Cecília da Silva do Escolástica Rosa, Vanda Bezerra do Tarquínio Silva e Maria Cecília Rayel do Liceu São Paulo.

Na construção histórico-cultural dos estereótipos sexuais, no contexto escolar, a educação física constitui um campo onde por excelência acentuam-se de forma hierarquizada as diferenças entre meninos e meninas. A relevância do trabalho da professora Yolanda Baldia e demais professoras que estimularam a prática do esporte feminino na escola se deve ao fato de que o ensino escolar tem um potencial limitado para a conquista de objetivos que afetam valores e comportamentos enraizados, nos quais a tendência conservadora lógica choca-se com a que busca modificar os caracteres dessa formação no complexo e conflitante tecido social, até porque as alunas tinham uma bagagem prévia de atitudes, valores e comportamentos adquiridos fora da escola. Uma das questões pertinentes diz respeito às aulas separadas, em que educadores e educadoras eram responsáveis nas aulas de educação física por turmas diferenciadas de moças e rapazes; havia resistência à co-educação nas aulas de educação física o que não ocorria nas disciplinas de conteúdo intelectual. No caso de Yolanda Baldia parece importante assinalar sua relação muito profissional de apoio mútuo em relação ao professor

Guaraná, responsável pelas turmas masculinas na referência que faz ao colega dizendo: “o professor Guaraná era um companheiro!”.

Certamente estava inculcada, em alguns alunos, a naturalização da assimetria na prática do esporte por meninos e meninas, e, tensões naturalmente existiram como uma reação natural à quebra da privacidade e privilégio do seu mundo masculino. Quanto à maioria das alunas do Canadá demonstravam excelente resultado intelectual, equilibrado com inegável desempenho esportivo. Seu brilho no esporte foi resultado de sua dedicação.

Lauret Godoy, uma de suas alunas, pode ser citada como exemplo, nome que aparece nas competições do “Canadá”, sua irmã Lucy também era atleta destacada. Destacou-se como atleta, defendendo os clubes de Regatas Saldanha da Gama, Internacional de Regatas e Club Athletico Paulistano. No prefácio de seu livro “Os jogos Olímpicos na Grécia Antiga”, publicado pela editora Nova Alexandrina em 1996, Sylvio de Magalhães Padilha, Presidente de Honra do Comitê Olímpico Brasileiro e Membro do Comitê Olímpico Internacional, assim se expressa:

Lauret conheceu o esporte como atleta, professora e dirigente, acompanhando delegações esportivas. As diferentes vivências ajudaram-na a percebê-lo sob variados prismas. Isso torna mais rica sua exposição e fortalece o papel de educadora - traço marcante da sua postura pessoal e profissional.

Lauret faz a seguinte dedicatória de seu livro à professora Yolanda

Baldia:

Minha querida Mestra  
Com a senhora aprendi a ser prestigiada no esporte. Hoje apresento-lhe o meu trabalho. Fico devendo, apenas, o reconhecimento e agradecimento público.  
Beijo carinhoso  
Lauret  
Nov/2000.

Tornamos aqui público a vontade expressa da antiga aluna que trilhou o caminho do esporte, nele realizou suas aspirações, conduzida pelo trabalho da professora Yolanda, tornando-se fundamentalmente uma educadora e figura de destaque do desporto santista e paulista.

Como nos diz Goellner (2005, p.93): "A partir dos anos de 1940 as práticas esportivas seduziram e desafiavam muitas mulheres que indiferentes às convenções morais e sociais aderiram à sua prática, independente do discurso hegemônico".

Os problemas encontrados que existiram com a prática diária, com certeza, não desapareceram de uma hora para outra. Mas a história da Educação Física após os anos de 1950 é uma outra história que está para ser contada, pois é parte integrante para o entendimento histórico da Educação Física no ensino santista. Na história de uma disciplina escolar a presença dos profissionais responsáveis por ela é elemento fundamental para entendermos o seu funcionamento e também percebermos a importância atribuída à disciplina.

Na compreensão da modernidade surgem categorias relativas à idade tais como infância e adolescência, sendo as disciplinas sociais, médicas e educativas encarregadas de determinar o que corresponde, em termos físicos e intelectuais, a cada uma delas. Existem categorias centrais que ordenam aspectos básicos da experiência humana. A definição de "habitus" corporal resulta da ação dos sistemas sobre as formas de compreensão social da realidade. O "habitus" corporal designa disposições duradouras ou transferíveis, vinculadas a uma determinada classe de condições de existência que atuam como fundamento para a produção e o ordenamento de práticas e representações.

Trabalhando com outra categoria, o espaço, no qual se desenvolve a vida individual, este é concebido, em termos públicos e, privados, de designação da subjetividade moderna. A plasticidade permite ao indivíduo ajustar-se às condições nas quais se apresentam as normas da vida pública, com restrição dos impulsos pessoais em favor do bem comum e/ou alargar-se o foro interno do desejo e da liberdade. O desempenho em cada um desses âmbitos incide sobre a existência corporal. O emaranhado dessas ordens e a valorização das suas múltiplas expressões compõem um “corpus” de recursos com os quais a ordem social é instituída e reproduzida. Por meio de uma gramática do corpo e de recorrer à ordem como princípio civilizador, a urbanidade consegue uma definição de espaços vitais nos quais se deve desenvolver essa identidade.

Na maioria das vezes passam despercebidas as complexas interligações corpo/mente/meio ambiente, comprometendo o equilíbrio do ser humano. Podemos examinar as relações sociais através de suas projeções sobre o espaço ou analisar um espaço, tendo em mente as relações sociais que ali se desenvolveram. Procedendo de uma ou outra forma, do geral para o particular e vice-versa, poderemos compreender melhor como os relacionamentos que ocorrem na escola estão ligados a uma carga que vem da família e de toda a sociedade. Podemos dizer que há uma relação entre o conteúdo material e a forma espaço-temporal, pois o espaço não é independente dos corpos que contém.

Ao considerar o corpo independente do entorno social, porém determinante, para ele acolheu-se à educação pedagógica, incluindo a educação física para constituir uma cidadania plena. A infância e a juventude modernas são categorias que são requeridas para que o desenvolvimento físico forme o adulto. A promoção dos discursos e das práticas que eles envolvem é evidente nos métodos

pedagógicos e na cultura física, incorporando maneiras ativas de conhecimento e experimentação corporal, dando preferência aos jovens entre os quais se fazia pertinaz a atribuição de funções e capacidades.

O lócus escolar ganha uma euforia própria da juventude da época, o lugar do treino, mesmo fora do tempo marcado das aulas, o lugar onde se forjam os times A, B, C etc. na prática das modalidades. Pelos depoimentos de professores e alunos, tantos eram os que se envolviam que em várias instituições escolares santistas como o “Canadá” e outras se formavam diversas equipes.

Em seu depoimento assim se expressa Marlene Mazzei, professora aposentada e antiga aluna, participante da equipe do “Canadá”:

Tinha tanta gente boa que no colégio tínhamos várias equipes. Eram as equipes A, B,C, eram muitas as alunas que jogavam muito bem, era tão motivadora que muitas queriam participar.Tinha a Eliane Muniz, Abigail Cecherelo, Marilda Soares Cruz, Célia de Oliveira, Lílian Barrinuevo, Célia Regina casada com o Janca do Santos, Madalena de Oliveira, Hilda Cunha, Ruth Pereira, Maria Nilza Pasqualine, a Lucy Godoy. A Dona Yolanda preparava a apresentação de Ginástica no campo do Santos e essa apresentação nós repetíamos no campeonato. A Marly de Oliveira disputava o 100 metros com barreira. A Darcy Chagas e eu, o arremesso de peso a Lucy Godoy e a Maria Nilza Pasqualine o revesamento 4 X 100. Na natação disputavam a Alcina Carneiro, a Judith Bitran a Maria Helena Rodrigues. A quadra de esportes do colégio era de saibro, depois cimento, depois cobriram. Nosso diretor era o Antonio Júlio Guimarães Sampaio. Nossa aula de Educação Física era sempre uma antes do recreio ou a última do período. As colegas Abigail Cecherelo e Célia Oliveira fizeram o curso de Educação Física. Era marcante a participação do Canadá nos Jogos Colegiais do Estado, realizados no estádio do Pacaembu onde ficávamos alojadas. Antes passávamos pelas eliminatórias em Santos e nas cidades que haviam vencido as pré-eliminatórias, como Bauru, Araçatuba, Sorocaba que eram mais fortes. Só depois de vencer estas etapas íamos jogar no Pacaembu. No término dos Jogos havia o desfile apoteótico das delegações dos colégios que participavam, com as autoridades no palanque (governador, secretário de cultura, secretário de esportes). Anunciavam a escola e as modalidades em que haviam vencido ao passar pelo palanque. Era emocionante!



Figura 44 - Alunas Nilza e Marlene Mazzei do Canadá.

Numa ação coordenada os clubes esportivos da cidade cedem seus ginásios e dependências, onde são realizados treinamentos, apresentações e alguns dos jogos e competições de atletismo dos jogos colegiais. Essa associação quase que natural leva alguns estudantes a serem mais tarde convidados a integrar as equipes destes clubes, enquanto alguns já neles atuavam. Podemos mesmo falar que na prática do esporte escolar surge um celeiro de atletas. Assim, parece que não havia neste momento a forma esteriotipada tomada comumente como ambientes opostos à prática da educação física, a escola e os clubes esportivos.

As práticas e os interesses escolares (com) formam a prática de esportes, ao mesmo tempo em que os “formatos” instituídos no campo esportivo também adentram a escola. Entre esses formatos podemos citar os clubes e as agremiações, de uma ou mais modalidades esportivas: os “matches” ou “certamens”. Relacionar clube e escola significa, então, aproximar interesses e compartilhar um tipo próprio de socialização. (LINHARES, 2006, p.98).

Neste conjunto a iconografia destaca-se também como uma ferramenta importante a ser utilizada. Transporta-nos a diferentes tempos e espaços, tornando-se um elemento essencial para a compreensão dos fenômenos contemporâneos em sua dimensão cultural e ideológica. Forma-se um espaço de convivência que

ultrapassa os muros da escola e nos permite reconstruir redes sociais e percursos de indivíduos no tecido urbano, promovendo o levantamento de práticas sociais, identidades e das formas de coesão enfatizadas pelas relações que se estabelecem entre indivíduos e grupos em um território compartilhado. Nesta investigação específica ganha contorno definido o perfil esportivo, pela apropriação prática e simbólica, portanto cultural desses espaços urbanos, que se tornam partes de um todo que delinea o perfil da cidade de Santos. Um recurso mobilizado na vida social, espaços de sociabilidade. São espaços de harmonia entre a sociedade e a escola, de articulação, convivência e solidariedade.

O esporte ganha um status irradiador e propagador e aqui o sucesso da escola se mescla ao sucesso da sociedade santista, um é espelho do outro, em um movimento dialético. Não se propõe aqui nesta abordagem nem a adesão ao idealismo fácil ou à visão ingênua da mudança, mas um reconhecimento do processo histórico: reconhecer o quanto de embrionário está posicionado o esporte, sendo responsável por conectar a memória santista no tempo a partir da categoria educação/educação física escolar.

Parece que a urbe santista a partir de sua direção à natureza, em direção ao mar, nos leva a detectar com mais clareza o começo do processo de idéias e vínculos na adoção dos costumes que se tornaram específicos do próprio imaginário da cidade que foi sendo construído no decorrer do século XX. Isto nos leva a uma historiografia, fazendo uso da iconografia que ganha novos elementos críticos e se insere no cotidiano de forma mais incisiva e intrínsecamente atrelada à realidade vivida pelos seus protagonistas. A iniciação à vida social e coletiva, através do jogo e da competição desportiva entre grupos, substituiu o exercício feito por

obrigação, pelo exercício executado por prazer. Passado, presente e futuro são faces de um mesmo cotidiano, contínuo e representativo do perfil da cidade.

No entanto na análise de textos e imagens resta sempre uma indagação que concerne a um limite ou a uma distinção, se é que estes existem, manifestações que nele se instalam ou dele tomam conta, já que o cruzamento de dados torna as fotografias uma brecha privilegiada para compreender o que estava implicado na prática esportiva dentro da educação física escolar na década de 1950. Tais formas de representação ou registro estavam no nível da documentação, parecendo pouco provável que sua produção tivesse finalidade didática, remetendo a um modelo tomado como inspiração, exaltando as identidades e uma visão objetiva sobre o que deveria ser destacado. O que fazia do esporte um atrativo nas aulas de Educação Física era a emulação de jogar contra um adversário, era buscar a superação de uma marca ou de um recorde.

Utilizamos aqui os depoimentos orais que viemos analisando ao longo do trabalho como referência da vida profissional de uma professora, bem como de algumas de suas antigas alunas. Não foi possível localizar senão algumas fontes impressas e iconográficas o que nos levou a utilizar também as fontes orais para uma interpretação da história da prática do esporte escolar.

Os ritos, rotinas e valores permitem construir o processo responsável pela história das práticas esportivas, sua memória, sua organização e seu patrimônio cultural; a construção de uma matriz de identidade daquele grupo, deixando marcas de identificação nas gerações que se sucederam. Pensando o conjunto, as transformações dos comportamentos pressupõem a interiorização individual da regra como elemento principal da sua eficácia. Assim, ao pensar nos gestos como signos que expõem à interpretação e permitem um reconhecimento, torna-se possível

regulamentar corretamente as manifestações do corpo; esse gestual comum permite uma transparência social que concretiza a sociabilidade.

A valorização do cotidiano não significa negligenciar os conflitos sociais e culturais na verdade presentes nele.

O depoimento da atual Diretora da E.E. Azevedo Junior, Maria Luisa Hernandez Tobar, ex-aluna e figura de destaque da equipe do “Canadá”, marca em seu início uma face desse conflito:

Era meu desejo cursar a faculdade de Educação Física, porém minha mãe se opôs. Lembro-me que a Dona Yolanda exigia disciplina, o lenço sempre pendurado e o tênis limpo. Ela “se dava” para a escola. Estava lá às seis horas da manhã fora do horário das aulas. A professora Yolanda era por nós idolatrada. Eu praticava corrida e salto em altura no Saldanha. O esporte representava para nós a competitividade, a união e prazer de fazer o melhor. Como diretora hoje sempre procuro valorizar a Educação Física, o esporte. Cobri a quadra e cobro dos meus professores.

Ao ressaltar a disciplina, fica implícito que o professor estabelece uma boa base de ordem para conseguir desenvolver lições de ginástica com êxito, uma vez que a desorganização e a pouca disciplina influem perniciosamente no espírito dos alunos e comprometem o ensino e para isso recorria-se a uma estratégia central dentro da proposta pedagógica, a voz de comando.

A professora Yolanda Elias Miguel Baldia em seu depoimento assinala que ia pessoalmente às casas das alunas para falar com os pais, quando das viagens ao interior ou à capital por ocasião dos jogos.

Tinha que falar com um por um dos pais pessoalmente. Com a senhora tudo bem ela pode ir, me respondiam. Lembro-me bem do uniforme, saia branca, agasalho vermelho escrito Canadá. Eu dormia e acordava pensando na apoteose, como deveria ser nossa apresentação. Lembro-me que eram doze exercícios de dezesseis tempos que eu criei para a apresentação de ginástica no campo do Santos.

Em outro depoimento Maria Aparecida Franco Pereira, atual professora da UNISANTOS, também ex-aluna e participante da equipe do “Canadá” dizia do rigor do pai, quando se tratava de se juntarem nas competições.

Meu pai foi uma vez me levar ao encontro da equipe do “Canadá” que ía partir para jogo na cidade vizinha e ao notar a presença dos rapazes imediatamente me trouxe para casa.

A respeito das demonstrações de ginástica apresentadas pelas alunas do “Canadá”, tendo à frente o trabalho da professora Yolanda Baldia, registre-se a crônica do jornal “A Tribuna” de 14/11/1954 na sessão Esporte Feminino:

Pagando uma dívida – A mais perfeita demonstração de ginástica feita por colegiais do Brasil – As alunas do Canadá, campeãs do feito – Reações de um coração. E aqui está o que eu queria dizer das garotas do “Canadá”. Creio, até, que posso dizer a cada uma dessas ginastas, tão orgulhosas de concorrerem para o engrandecimento da educação física neste pedacinho de terra paulista e brasileira. Meninas três palavras que Yolanda ouviu explodirem, sem que eu me desse conta, do fundo do meu coração comovida. “Deus te abençoe!”



Figura 45 - Demonstração de ginástica sob o comando da profa Yolanda Baldia.



Figura 46 - Demonstração de Ginástica no estádio do Santos Futebol Clube, na Semana da Pátria em 1954.

Nas demonstrações de ginástica o todo constituía uma série que tinha sentido como conjunto, e a realização dos movimentos rítmicos realizava-se dentro de uma organização espaço-temporal, com total controle do corpo e do comportamento dos alunos. A ginástica rítmica era o desenvolvimento dos exercícios ginásticos, porém acompanhados de música. A música obriga a que os movimentos sejam executados dentro de igual tempo, levando em consideração a homogeneidade dos alunos. No caso do “Canadá” a parte musical cabia à professora Iolanda Quadros Arruda.



Figura 47 – Ruth Ribeiro, Maria Aparecida Franco Pereira, Eliane Muniz dos Santos (1. plano) e Neyde Moreira e Maria Luisa Tobar (atrás) atletas do Canadá no Pacaembu.

Tomando o ano de 1954 para a análise do esporte escolar, torna-se evidente a hegemonia da equipe do “Canadá” como Campeã dos Jogos Colegiais realizados neste ano na cidade, fato que repete o acontecido nos anos anteriores. Outras instituições escolares como Tarquínio Silva, Escolástica Rosa, José Bonifácio, Marçal, Martim Afonso, Educacional e Macuco, também alcançavam excelentes resultados nas disputas das várias modalidades, o que prova quão preparados estavam estes alunos, e o que poderia significar para eles e para seus professores a prática do esporte na educação física escolar.

Os Campeonatos Colegiais de Esportes da Região realizavam-se em etapas no transcorrer dos meses de maio, junho e agosto, adentrando no mês de setembro, com os torneios de voleibol, basquete, atletismo e natação, para ambos os sexos.

As tabelas dos jogos e resultados do Campeonato Colegial aqui apresentado (ver apêndices) foram organizadas a partir do levantamento feito no Jornal “A Tribuna”, ano 1954.

A partir de sua análise fica explícito o estreito relacionamento dos clubes com as escolas e com a Comissão Central de Esportes na utilização de seus espaços bem como se evidenciam as vitórias obtidas pelo “Canadá”. Observamos a quantidade de colégios envolvidos nesta competição nas suas várias modalidades, reforçando a análise da importância das atividades esportivas na educação física escolar neste período.

Detalhamos o “Campeonato Colegial de Esporte da Região” no ano de 1954, como exemplo de evento escolar de toda a década de 1950. Escolhido este ano para ser focado nesta pesquisa, por nos parecer importante seus jogos e resultados. Fica claro ao pesquisador, o papel dos alunos atletas e particularmente o destaque do Colégio “Canadá”. As conquistas nestes jogos preparam a grande conquista do “Tetra-Campeonato nos Jogos Colegiais do Estado”.

Destaca-se a atuação das alunas do “Canadá” em todas as modalidades e alguns nomes aparecem com realce como Marlene Mazzei, Abigail Checherelo, Marli de Oliveira, Célia de Oliveira, Madalena, Liane Muniz dos Santos Neide Moreira, Maria Luisa Tobar e Lauret Godoy entre outras.

Havia toda uma rede entre os praticantes do esporte, observamos que alguns esportistas tinham como companheiros irmãos, como Lauret e Lucy Godoy;

Célia Regina era casada com o Janca, este e o irmão de Jurema Cléa Figueirôa, eram jogadores de futebol do Santos Futebol Clube; Liane Muniz dos Santos era irmã do Alceu, do “Canadá” e do Clube Internacional.

Podemos perceber que as mulheres no acesso às práticas esportivas tiveram oportunidade de encontrar novos espaços de resistência e de tentar rompê-la. Masculinidade e feminilidade são posições sociais que se aprendem a partir de determinadas práticas e, certos discursos que se aprendem e também se negociam e que podem modificar-se. Com relação à prática do esporte feminino escolar podemos considerá-lo, indo além da masculinidade hegemônica e da legitimação da construção de estereótipos sexuais. Romperam também com a construção de características binárias, opostas e hierárquicas. Suas façanhas a partir da dedicação e empenho com que essas alunas se ativeram aos treinos escolares e/ou fora deles ganhariam notoriedade, colocando em suspeição as representações hegemônicas de masculinidade no esporte escolar.

Pelo depoimento da professora Yolanda, as aulas compreendiam a ginástica rítmica e plástica, além dos jogos e desportos. As aulas masculinas estavam a cargo do professor Guaraná da Costa Rodrigues. Merece ser assinalado aqui, que a professora Yolanda e o prof. Guaraná compartilhavam procedimentos na organização das aulas até mesmo pelo envolvimento das equipes masculinas do “Canadá” de práticas escolares comuns no que se refere ao conteúdo esportivo.

Uma rede de incentivo e propaganda é visível na imprensa. No jornal “A Tribuna”, na sua seção de esportes, através da penetração marcante de suas crônicas, Lidya Federici reforça o trabalho de professores e alunos que participavam das práticas esportivas. Vão convergir condições sociais, materiais e humanas.

Jornalista, cronista e esportista Lydia Federici (1918-1994) tinha os olhos atentos para Santos cujas peculiaridades retratava diariamente em crônicas publicadas em “A Tribuna”.<sup>56</sup> Traço marcante em sua vida foi o esporte. Foi capitã dos times de voleibol e basquete, no colégio onde estudou, “Stella Maris”, ao final da década de 1930, onde as jovens estavam apenas começando no esporte. A cronista se destacou como jogadora de vôlei e arremessadora de disco, sendo campeã dessa modalidade ao disputar a taça Adhemar de Barros, nos Jogos Abertos do Interior. Em 1940, escreveu para o editor de esportes de “A Tribuna”, Antônio Guenaga propondo-se a fazer comentários esportivos para estimular as atletas e conseguir novas adeptas para o esporte. Começou sua carreira em “A Tribuna”, comentando esportes em 1939, quando lançou a coluna “Quando Elas Voleiam”. Foram mais de três mil comentários, publicados até 1968, com o pseudônimo de Ly. Integrou os conselhos de várias entidades esportivas. Lydia Federici conquistou espaços que na década de 1940 eram eminentemente masculinos.

Por ocasião da inauguração de seu busto na orla, próximo ao canal 3, escultura projetada e elaborada pelo artista espanhol Luís Garcia Jorge, o então prefeito David Capistrano a ela assim se referiu: “Lydia Federici não se contentou em ser apenas uma cronista foi protagonista da história da cidade”. “O que aconteceu um dia e mereceu a atenção de uma sensibilidade voltada para os valores de nossa comunidade, como era a de nossa cronista, não se diluirá no tempo” (FERNANDES,1994.)

---

<sup>56</sup> Nasceu em São Paulo, vindo para Santos ainda criança. Integrou os conselhos de várias entidades esportivas. Foi presidente da Liga Santista de Esportes Aquáticos (LSEA). Colaborou também para a revista “Tênis Ilustrado” e jornais do Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. A independência feminina foi retratada em suas crônicas. Recebeu o título de mulher do ano em 1978, por sua atuação junto a entidades e clubes de servir. Em 1988 recebeu da Câmara Municipal o título de Cidadã Santista. Uma seleção de suas crônicas foi publicada no livro “Gente e Coisas da Cidade”, título de sua coluna publicada pela primeira vez em 1961.

Ao confeccionar perfis esportivos, coloca-se o jornal como veículo na reafirmação dessa construção, no que se refere à sua atuação junto aos grupos com os quais conviveu: o jornalismo e o esporte feminino. A jornalista nas inferências que fez seja na construção de perfis seja nas homenagens que presta demonstrou certo grau de identificação nos conteúdos de suas crônicas nas primeiras décadas de sua produção, cujo tema desenvolvido vai sistematicamente se repetindo, sendo ela própria a autora desses perfis que adquiriram certa relevância para a história da cidade.

O esporte passa a ser expressivo, na década que estudamos, na educação escolar, evidenciado na grande quantidade de jovens que demonstravam por ele grande interesse, tendo implícito a formação moral e do caráter, desenvolvendo no próprio corpo uma identidade própria e um espírito de companheirismo e solidariedade, ao incorporar uma disciplina que lhes proporcionava o rendimento que almejavam com as vitórias.

Os alunos atletas participavam como os demais alunos, das sessões cotidianas de Educação Física em suas respectivas turmas. Apesar da relação estreita entre os esportes e a Educação Física é importante lembrar que estas atividades nem sempre ocupavam os mesmos espaços e tempos. Muitos treinamentos não eram realizados exclusivamente nos mesmos locais e horários das sessões de Educação Física, pois a atenção dos professores para com os atletas deveria ser diferente da despendida a uma turma de alunos.

O brilhantismo dos resultados alcançados pelas alunas esportistas do “Canadá” poderia estar sendo utilizado como estratégia para atrair as demais alunas para a prática da Educação Física. Essas alunas atletas obtinham certo reconhecimento nos certames realizados fora da cidade, sendo seus feitos

ressaltados e tornando-se exemplo para as demais. As suas conquistas nas competições das diversas modalidades esportivas, contra equipes colegiais de todo o Estado, nos levam a concluir que era alto seu nível esportivo.

No caso do esporte feminino do “Canadá”, este era motivo de destaque e diferenciação em relação a outros estabelecimentos de ensino. O trabalho realizado pela professora Yolanda Baldia, objeto desta pesquisa, é destacado pelas inúmeras matérias publicadas nas crônicas sobre o esporte feminino santista.



Figura 48 - A atleta brasileira Benedita de Oliveira cumprimenta a profa. Yolanda Baldia sob o olhar de Lydia Federici.

Assim se expressa Lydia Federici em uma de suas crônicas:

Eram os seguintes os dois times do “Canadá” campeão e vice-campeão: Time “B” : Tobar, Maria Luiza, Rosário (Atlético) Wilma (Atlético) Sonia (Saldanha) Marilene (Atlético) Marilda e Maria C. Braga (nadadora do Internacional); Time “A”: Lais, Lauret, Maria Cecília, Cida ( as quatro do Internacional) Lenny, Sonia dos Santos, Deolinda e Neidinha (Atlético). Compreende agora porque o Canadá sempre brilha, em todos os certames organizados pela delegacia de Educação Física? Por duas razões: possui uma professora que trabalha, formando turmas para disputar os certames e insiste com suas alunas para que treinem nos clubes, onde aperfeiçoarão seus conhecimentos iniciais. Finalmente, parece que outras professoras perceberam o “truque” de Yolanda Baldia. Se todas fizessem isso, conjugando esforços, nossos colégios apresentar-se-iam como verdadeiros campeões. E o esporte da cidade receberia dezenas e dezenas de novas praticantes. Professoras e clubes trabalhando em conjunto elevarão o esporte de Santos a uma altura nunca dantes alcançada!

O ano de 1954, como referência da projeção do esporte escolar santista no Estado, ressalta de forma incontestante o grande feito do colégio “Canadá”, com o “Tetra-Campeonato dos Jogos Colegiais do Estado de São Paulo”.

No jornal “A Tribuna” de 08/09/1954, p.7:

Campeonato Colegial de Esportes do Estado  
Encerrado ontem o certame do D.E.E.S.P. com a competição de atletismo – Brilhou o Colégio Canadá, de Santos, tetra-campeão estadual, vencendo também o certame do esporte base no setor feminino – Marli de Oliveira teve espetacular atuação. Marli de Oliveira foi destaque no salto em altura ganhando o 1º lugar para o Canadá com a marca de 1,40. No 4X75 metros rasos outro destaque, o 1º lugar da equipe do Canadá com Marli, Lauret, Neide e Marlene, com a marca de 40,6, igual ao recorde. Marli obteve a marca de 10s.nos75ms.

No jornal “A Tribuna” em 09/09/1954 à p.6 em sua crônica Lídia Federici enaltece o valor de Marli de Oliveira, grande campeã de nossa cidade, que muito contribuiu para que a equipe do Canadá vencesse com vantagem nas três provas do programa do atletismo com três significativas vitórias, sendo campeã dos 75 metros, do salto em altura e integrante do 4x75m. com as excelentes marcas de 10s. nos 75 m. e 1m40 em altura. Diz ainda a cronista:

Grandes palmas a essas 23 garotas que, dentro do esporte colegial, fizeram brilhar intensamente, o grande renome esportivo de Santos, entre todas as cidades do interior e da capital do nosso Estado! Essa vitória de nossos estudantes secundários é de fazer-nos inchar de justificado orgulho!

A equipe do Canadá que obteve o 1º lugar do voleibol feminino era composta por: Liane, Laís, Tereza, Neide, Cida, Célia, Cecília e Lauret. Na campanha do campeonato as voleibolistas do “Canadá” venceram Pirassununga por 2 a 1, derrotaram Pindamonhangaba na semifinal por 2 a 0 e finalmente agigantaram-se frente à equipe de São João da Boa Vista, vencendo por 2 a 1 em sets de 10-15, 15-7 e 17 a 15, conquistando o título do voleibol feminino.

O Campeonato Inter-Colegial estadual compreendia a disputa dos torneios de atletismo, de natação, de voleibol e de basquete feminino e masculino. Nos campeonatos dos esportes coletivos a apuração das oito equipes finalistas era feita em fases regionais. Na Semana da Pátria, então se reuniam no Estádio do Pacaembu todas as representações do Estado que iriam disputar os campeonatos de natação e atletismo e as oito equipes classificadas para as disputas decisivas de voleibol e de basquete.



Figura 49 - Equipe vencedora do Canadá no Pacaembu em 1951.



Figura 50 - Professores Guaraná e Yolanda com os campeões de natação de 1952



Figura 51 - Equipe de voleibol do Canadá no estádio do Pacaembu em 1953. (Liane, Cida, Laís, M.Tereza, Célia e Neide Moreira, da esq. para dir.).



Figura 52 - Alunos do Canadá no Pacaembu, São Paulo, em 1953, acompanhados dos professores Yolanda e Guaraná (no canto à direita).

No jornal “A Tribuna de 09/09/1954, p.9:

O magnífico feito dos estudantes representa o resultado do esplendido preparo das equipes nas diferentes modalidades, constituindo-se por outro lado, segura expressão de sua pujança a par de revelar o carinho que aquele educandário dispensa aos esportes. Para o sucesso do Canadá contribuiu ainda mais uma vez, o trabalho entusiasta e eficiente dos professores Guaraná da Costa Rodrigues e Yolanda Baldia, que voltaram a conduzir os seus pupilos a um triunfo significativo contra as melhores representações dos colégios oficiais do nosso Estado.

E ainda:

A equipe do Canadá que registrara brilhante vitória nas provas aquáticas e que nas semi-finais de vôleibol masculino e feminino

classificara para as provas decisivas, alcançou ontem o título máximo ao enfrentar a turma de São João da Boa Vista, ao mesmo tempo em que se colocava vice-campeão e seu sexteto masculino, vencido pelo conjunto do Tietê, bi-campeão de voleibol colegial por dois "sets" a um.



Figura 53 - Chegada à cidade dos Tetra-campeões.



Figura 54 - No trem a caminho com o troféu.



Figura 55 - Nas escadarias do Paço Municipal na recepção aos "tetra-campeões". Na foto, os professores Yolanda Baldia, Guaraná e o diretor do Canadá Antonio Júlio Guimarães Sampaio.

### Completando:

Prepara-se festiva recepção aos tetracampeões colegiais do estado, esperados amanhã na "gare" da E.F. Santos a Jundiaí às 10 horas, organizando-se um cortejo até o Paço Municipal, em cujas escadarias haverá a saudação oficial aos jovens esportistas.

Foi a seguinte a Contagem Geral do “Campeonato Colegial de Esporte do Estado” no ano de 1954: 1º lugar – Campeão absoluto: Santos – “Colégio Canadá” (tetra-campeão) com 60 pontos, seguidos de Rio Claro com 31 pontos, Araçatuba com 24 pontos, Tietê com 21 pontos, Sorocaba com 14 pontos e São José do Rio Preto com 10 pontos.

Os atletas do Colégio Estadual e Escola Normal “Canadá” sagraram-se campeões, conquistando esta grande honra para a cidade de Santos, uma vez que seus quarenta atletas tiveram que concorrer com mais de 5.000 esportistas provenientes de mais de 200 estabelecimentos oficiais de ensino e representantes de outros municípios de Estado de São Paulo.

Na contagem geral feminina o “Canadá” sagrou-se campeão com 39 pontos; 2º Rio Claro com 16 pontos; Sorocaba com 14 pontos; 4º Araçatuba, Tietê, São João da Boa Vista com 8 pontos; 7º Ribeirão Preto e Pindamonhangaba com 5 pontos; 11º Macuco e Pirassununga com 4 pontos; 13º Garça, Nova Granada e Tupã com 2 pontos.

Esses números gritam o valor das colegiais do Canadá, sua eficiência, seu preparo. Essas 23 atletas dentro do esporte escolar brilharam mantendo elevado o nome esportivo de Santos entre todas as cidades do interior e da capital do Estado de São Paulo.

Devemos observar, na atuação do professor Oscar da Silva Musa e dos professores Yolanda Miguel Elias Baldia e Guaraná da Costa Rodrigues um traço comum de construção de um modelo para a Educação Física escolar em Santos e que pode ser atribuído ao seu pertencimento acabando por se exprimir nele mesmo, o esporte. Remetem e reforçam a tese de que é possível reconhecer aspectos significantes da atuação do esporte escolar, utilizando critérios que

identificam o sentido indicado pela iconografia e outras fontes. Podemos mesmo afirmar que, fixando suas próprias perspectivas tornaram-se um marco de referência na identidade do esporte e/ou esporte escolar nas décadas de 1940 e 1950.

Para Edward Thompson, a evidência histórica possui determinadas propriedades às quais logicamente os historiadores devem estar atentos. Embora seja possível formular-lhe qualquer pergunta, apenas algumas serão respondidas pelas evidências. Nas palavras do historiador inglês: “embora qualquer teoria do processo histórico possa ser proposta, são falsas todas as teorias que não estejam em conformidade com as determinações das evidências”.(1981, p.50).

Aos professores Oscar da Silva Musa, Guaraná da Costa Rodrigues e Yolanda Miguel Elias Baldia cabem os louvores pelo eficiente trabalho no preparo das equipes que representaram o “Canadá”, na conquista do significativo título de “Tetracampeã do Campeonato Colegial de Esportes do Estado”, no ano de 1954, representando a pujança do esporte amador colegial da cidade de Santos. A estes professores, os méritos pela competência excepcional, como educadores conscientes dos valores como atributos principais, se não únicos da verdadeira grandeza humana, que ainda hoje no caso de Yolanda Baldia tem a animação do vivido, a emoção da coisa recontada por quem a viveu e presenciou e que ainda vibra às sensações experimentadas, na quase intimidade, na informalidade do convívio social, conversadora das mais agradáveis, cheia de espírito e inteligência, depositando sua confiança naquela que coloca agora seus pensamentos, na folha de papel, cujos trâmites futuros a ninguém é dado prever.

Partindo da premissa da presença da unidade entre a forma e o sentido da ação, o comportamento de um docente seria plasmado por suas noções, sentimentos e inclinações. Isto nos levaria a entender o desempenho de seu ofício

pela via de retratar seu pensamento, sua auto-imagem, suas motivações e o saber fazer proporcionado por sua experiência pessoal. As indagações desse gênero têm a grande virtude de recuperar a figura do professor como sujeito ativo do currículo e da vida escolar. Porém temos que admitir que a prática de um professor não é só produto de seu interior e sua experiência idiossincrásica, senão uma construção social, histórica e política: construímos nossa prática tanto como a prática é construída pelo marco em que opera.

Na luta pela conquista de igualdade de gênero, pela ousadia de questionar ou através da ação conquistar, mudando valores herdados e estabelecendo mudanças paulatinas nos âmbitos familiar e educacional, o esporte escolar feminino na década de 1950 em Santos firmou precedente que mais tarde pôde ser utilizado para forçar uma abertura ainda mais ampliada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos direcionar os nossos estudos para a relação entre as estratégias adaptativas e os valores culturais da atividade física e para os esportes em particular, tentando reconstruir os padrões de comportamento de culturas anteriores para a explicação de grupos sociais atuais.

Como historiadores da educação sabemos que o presente determina as escolhas dos lugares, das pessoas e das ações humanas, objeto das nossas incursões sobre as idéias do passado, pois sempre permanecem nossas expectativas e aspirações para melhorar nossas ações no campo educacional no qual estamos inseridos.

Recuperar as diferenças e os sentidos do passado pode servir de base para nos orientar no presente ou projetar outro futuro. A não-linearidade significa que “o ato de jogar o jogo modifica de certa maneira as regras”.

Nosso foco de análise se centrou no processo de longa duração de articulação da identidade santista e suas características. Investigando as formas de organização e espaços de sociabilidade a partir do contexto da cidade e da análise para compreensão da urbanização e a modernização de Santos, então intimamente relacionados (à barra) à praia, e esses novos espaços de compartilhamento de experiências de seus moradores.

Pudemos perceber a cultura como parte integrante do processo social e escolar, ao trazer à tona situações vividas no cotidiano. O estudo das imagens, do processo de formação da identidade da cidade, e também do conjunto de memórias docentes e discentes, nos diálogos que são capazes de estabelecer entre si, como categorias de análise, nos levaram a constatar que resultaram em modificações das práticas culturais, em conformidade com a ordem burguesa que se pretendia

estabelecer, nas quais as atividades físicas estão marcadamente presentes. Essas atividades são apropriadas dando sentidos a grupos sociais enquanto moradores de determinados bairros e localidades a partir dos impactos do projeto de urbanização e modernização da cidade, quando a elite migra para regiões mais “higiênicas”. Essa identidade santista construída é dinâmica diante dos problemas com os quais os atores sociais são confrontados, um campo de transformações que ocorrem como resultado do agir de grupos e indivíduos.

Fizemos uso de um conjunto diversificado de fontes para a realização dos objetivos do trabalho como periódicos da imprensa santista, legislação escolar e arquivos da cidade. Informações estas que foram enriquecidas pelas entrevistas com ex-professores e ex-alunos.

Nossa pretensão também foi indagar as relações e processos que se estabeleceram entre a cidade, a escola e o esporte feminino na educação física escolar nos anos de 1950.

Nesta análise o discurso pedagógico, através do qual se formulou e legitimou o que ocorreu no período estudado, não se limitou ao ambiente escolar, levando-nos a colocar nosso foco sobre os processos informativos sobre os corpos. Neste ponto tentamos também fazer uso da função formativa e propedêutica do estudo histórico para o conhecimento do desempenho cotidiano.

Pudemos então pensar e constatar que a disciplina educação física é tão antiga quanto a educação e da mesma forma configurada pelo Estado, a partir da influência de três campos: o campo pedagógico, o campo cultural das atividades físicas e esportivas e o campo das ciências biológicas, sociais e da saúde. E estes campos disputaram sua influência sobre os setores governamentais acerca da

inclusão de determinados saberes legitimados como relevantes, tornando-se central o pedagógico, em aberta disputa para posicionar determinadas concepções.

Chamou-nos igualmente a atenção o fato de que no caso da educação física - em relação ao seu conteúdo no desenrolar do tempo - se fez pertinente a preocupação em encontrar o mais conveniente entre os métodos de ensino. Fato este que se manifestou como uma inquietude, analisada por vários autores da área, esporádica e recorrente ao longo da história da disciplina. Observamos, tendo como base a legislação escolar, que a disciplina apresentou-se por vezes, relevante e outras não, para a promoção do ano na escola, e talvez, por isso mesmo, também pudemos constatar a importância de determinados sujeitos e suas ações, configurando-lhe certo prestígio e visibilidade.

No caso santista a pesquisa tornou evidente a carência de instalações adequadas no espaço escolar para a sua prática. Daí a utilização de outros locais em instituições como os clubes desportivos e sociais da cidade.

Pela análise das fontes constatamos uma “marca” dentro da disciplina: o esporte. E nos detivemos, pelo material encontrado, na prática do esporte feminino escolar através das competições desportivas colegiais. Permitimo-nos concluir que a relação educação física/esporte é um marco nas normas que impactaram as escolas nos anos 1950 em Santos e determinaram sua prevalência.

Os problemas de gênero permearam toda a análise e se configuraram na prática, no caso da educação física mais do que em qualquer outra disciplina e notadamente no esporte escolar. A partir dos anos de 1940 verificamos em Santos o início do rompimento com os anteriores objetivos dessa disciplina notadamente diferenciados no caso de meninos pela “força” e das meninas pelo “encantamento”. Tornam-se visíveis os rompimentos em tentativas, a princípio acanhadas, no entanto

contínuas de re-configurar os sujeitos, não mais com um gênero de um tipo determinado. Isto se torna evidente no número bastante elevado a partir dos anos 1940 e na década de 1950, de alunas/atletas que participaram das equipes femininas na prática do esporte, no caso do “Colégio Canadá” e em outros estabelecimentos de ensino.

Estas alunas através de seu desempenho rompem a discriminação, subordinação e desvalorização das mulheres durante as práticas físicas e esportivas. Implica dizer que com certeza estas esportistas amadoras colegiais, ao perder a delicadeza e desviar-se do destino feminino arcaram algumas delas com o custo de serem consideradas “masculinizadas”, por não estarem em conformidade com estereótipos naturalizados tais como a passividade, intimidade e encapsulamento da mulher. Neste ponto evidenciou-se a emergência do trabalho de determinados sujeitos que ajudaram a romper com certas premissas e supostos e, até mesmo, com a institucionalização de certas normas, práticas e prioridades para cada gênero, o que não significa dizer que as diferenças hierarquizadas não continuassem instaladas no âmbito escolar. Entretanto, fazendo uso da metáfora, nos atrevemos mesmo a afirmar que no caso retratado pela pesquisa, e realçando o trabalho da professora Yolanda Baldia, responsável pela educação física feminina do “Colégio Canadá” (e certamente outras professoras suas colegas à época): “ela parou a bola e mudou a regra do jogo”. A importância do campo religioso deve aqui ser assinalada, no caso dos colégios confessionais, onde se verifica certa resistência às práticas corporais, que representavam a saída da inércia e introspecção tão necessárias ao recolhimento e preservação dos aspectos formativos éticos especialmente no tocante à educação das meninas. Também constatamos a força e

influência de sujeitos representativos dos poderes municipal e estadual, configurando toda uma rede de relações de poder.

É importante assinalar que, ou culturalmente ou biologicamente, os estereótipos e as relações de poder continuam de certo modo a eternizar certa subordinação feminina assim como a interferir na configuração do pedagógico.

Ao final desta pesquisa ficou a sensação ambígua de certa insatisfação que implicaria em um trabalho de maior fôlego, com problemas teóricos e metodológicos de complexidade mais ampla e, por outro lado, a satisfação de ter o trabalho possibilitado a aquisição de experiências em pesquisa que nos ofereceram subsídios relevantes. Entregamos esse trabalho aos professores da banca para seu crivo, com o sentimento de que nos empenhamos para a realização da tarefa a que nos propusemos, de contribuir de alguma forma com o resgate da memória da educação santista. E assim pensar sobre que experiências e legados podemos começar a imaginar, para responder à pergunta: qual o tipo de escola queremos ou aspiramos hoje?

## FONTES E BIBLIOGRAFIA

### I. Fontes primárias:

ANUÁRIOS do Ensino do Estado de São Paulo, 1909;1916; 1917; 1918; 1934.

ASSIS, Arthur Porchat de. **Eduquemos**. Santos: Instituto D. Escolástica Rosa, 1915.

AZEVEDO, Fernando de. **Da Educação Física**: o que ela é, o que tem sido e o que deveria ser. 2.ed.,São Paulo: Weiszflog irmãos, 1920.

BRITO, Francisco Saturnino Rodrigues de. **Planta de Santos**. São Paulo: Rothschild, 1915.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTOS. **A história do Remo em Santos**. Santos [s.n.].

### Legislação

BRASIL. Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, de 16 de julho de 1934.

\_\_\_\_\_ . Constituição dos Estados Unidos do Brasil, de 10 de novembro de 1937.

\_\_\_\_\_ . Decreto n. 19.890, de 18 de abril de 1931. Dispõe sobre a organização do ensino secundário.

\_\_\_\_\_ . Decreto n. 21.324, de 27 de abril de 1932. Aprova o regulamento de Educação Física.

\_\_\_\_\_ . Decreto-Lei n. 1.212, de 17 de abril de 1939. Cria na universidade do Brasil, a Escola Nacional de Educação Física e Desportos.

\_\_\_\_\_ . Decreto-Lei n. 2. 072, de 08 de março de 1940. Dispõe sobre a obrigatoriedade da educação cívica, moral e física da infância e da juventude, fixa as suas bases, e para ministra-la organiza uma instituição nacional denominada Juventude Brasileira.

\_\_\_\_\_. Decreto-lei n. 4.244, de 09 de abril de 1942. Lei orgânica do ensino secundário.

\_\_\_\_\_. Decreto-lei n. 5.342, de 25 de março de 1943. Dispõe sobre a competência do Conselho nacional de Desportos e a disciplina das atividades desportivas, e dá outras providências.

\_\_\_\_\_. Decreto-lei n. 5.343, de 25 de março de 1943. Dispõe sobre a habilitação para a direção da educação física nos estabelecimentos de ensino de grau secundário.

\_\_\_\_\_. Decreto-lei n. 8.193, de 20 de novembro de 1945. Dispõe sobre promoção no corrente ano letivo.

\_\_\_\_\_. Decreto-lei n. 8.347, de 10 de dezembro de 1945. Dá nova redação aos arts. 5º, 15, 19, 20, 24, 25, 28, 35, 36, 38, 39, 43, 45, 49, 50, 51, 85, 88 e 91 do Decreto-Lei n. 4.244, de 09 de abril de 1942.

\_\_\_\_\_. Lei n. 378, de 13 de janeiro de 1937. Dá nova organização ao Ministério da Educação e Saúde Pública.

### **Arquivos/Acervos**

FUNDAÇÃO Arquivo Memória de Santos  
ARQUIVO do Santos Futebol Clube  
ACERVO Museu Devaney.  
ACERVO particular Yolanda Miguel Elias Baldia.  
ACERVO particular Maria Aparecida Franco Pereira.  
ACERVO do Clube Internacional de Regatas.

### **Jornais**

A TRIBUNA, Santos, anos 1951 a 1954.  
Hemeroteca Roldão Mendes Rosa.

## **II. Fontes bibliográficas e periódicos:**

ADELMAN, Miriam. Mulheres Atletas: Re-significações da Corporalidade feminina? **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v.11, n.2, p.445-465, 2003.

ANDRADE, Wilma Therezinha Fernandes de. **O discurso do progresso: A evolução urbana de Santos 1870-1930**. 1989. Tese (Doutorado em História). FFLCJH-USP, São Paulo.

\_\_\_\_\_. Canais traçam história urbana. In: **A cidade em debate**. São Paulo: Olho D'Água, 1999. p. 155-180.

ALMEIDA, Marta de. **República dos invisíveis: Emílio Ribas, microbiologia e saúde pública em São Paulo ( 1898-1917 )**. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

ALVES, C. M. C. A visão militar da educação no Império. In: GONDRA, J. (org.). **Dos Arquivos à escrita da História: A educação brasileira entre o Império e a República**. 2. ed. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

ASSOCIAÇÃO DOS EMPRESÁRIOS DA CONSTRUÇÃO CIVIL DA BAIXADA SANTISTA (Assecob). **Introdução à Formação Econômica da Baixada Santista**. Santos, 1984.

AZEVEDO, C. M. M. **Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites no século XIX**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

BENCOSTTA, M.L.A. Imagem e história: as fotografias escolares no estudo da escola primária curitibana(1903-1971). In: **Anais Simpósio Nacional de História**. João Pessoa: UFPB/ANPUH, jul.2003. p.10-25.

BRESCIANI, L. M. História e historiografia das cidades, um percurso. In: FREITAS, M. C. de ( org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

\_\_\_\_\_. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

\_\_\_\_\_. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. 5. ed. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

CANDIDO, Antonio. Literatura e vida social. In: **Literatura e sociedade**. São Paulo: Ed. Nacional, 1976.

CANTARINO FILHO, Mario Ribeiro. **A Educação Física no Estado Novo: História e Doutrina**. 1982. Dissertação ( Mestrado em Educação) UnB, Brasília.

CARVALHO, J. M. **Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CARVALHO, Maria Alice Rezende de. **Quatro vezes cidade**. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1994.

CARVALHO, Marta M. Chagas de. **A escola e a república e outros ensaios**. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil – a História que não se conta**. 6. ed. Campinas: Papyrus, 2001.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. A operação histórica. In: LE GOFF, J.; NORA, P. (dir.). **História: novos objetos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995. p. 17- 42.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CORBIN, Alain. **O território do vazio. A praia e o imaginário ocidental**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CORREA, Álvaro. **A História do Clube Internacional de Regatas Santos: parte histórica e administrativa 1898-1982**. Santos: A Tribuna, 1982.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

COSTA, L.A.M. **O ideário Urbano Paulista na Virada do Século –o engenheiro Theodoro Sampaio e as questões territoriais urbanas modernas(1886-1903).** São Carlos: Fapesp, 2003.

CUNHA JR., Carlos Fernando F. Os exercícios gymnasticos no Imperial Colegio de Pedro Segundo (1841 –1870). **Revista Brasileira de Ciências do Esporte.** Campinas: Autores Associados, v. 25, n. 1, p. 69-81,set./2003.

CRITELLI, Dulce. O limite das arquiteturas. **Folha de São Paulo**, 6. set. 2007. Caderno Equilíbrio, p.2.

ELIAS, Norbert. **O Processo civilizador: uma história dos costumes.** Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FARIA FILHO, Luciano M. **Dos pardieiros aos palácios: forma e cultura escolar em Belo Horizonte.** 1996.Tese (Doutorado em Educação).USP/FEUSP, São Paulo.

\_\_\_\_\_ e VIDAL, Diana Gonçalves. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação. **Educação e Pesquisa.** São Paulo, v.30, n.1, p.139-159, jan./abr. 2004.

\_\_\_\_\_.Escolarização e cultura escolar no Brasil: reflexões em torno de alguns pressupostos e desafios. In: Marcus Levy Bencosta. (Org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos.** 1 ed. São Paulo: Cortez, 2007,v.1, p. 191-211.

FERREIRA NETO, Amarílio. O método francês e militarização da educação física na escola brasileira. **Pesquisa Histórica na Educação Física Brasileira.** Vitória: UFES/Centro de Educação Física e Desportos, 1996.

FERREIRA NETO, Amarílio. **A pedagogia no exército e na escola.** Aracruz: FACHA, 1999.

FONSECA, Thaís Nívia de Lima e VEIGA, Cyntia Greive (orgs.). **História e Historiografia da Educação no Brasil.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e Cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar.** Trad. de Guacira Lopes Louro. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1993.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRAGO, A. V. História de la educación e história cultural: posibilidades, problemas, cuestiones. **Revista Brasileira de Educação**, n.0, p.63-82, set./out./nov./dez. 1995.

\_\_\_\_\_. Do espaço escolar e da escola como lugar: propostas e questões. In: VIÑAO, Antonio; ESCOLANO, Augustin. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. Trad. Alfredo Veiga Neto. Rio de Janeiro:DP&A, 1998.

FRANCO, Jaime. **A Beneficência**. Santos [s.n.] 1951.

GHIRALDELLI JR., Paulo. A evolução das idéias pedagógicas no Brasil Republicano. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n.60. p. 28-37, 1987.

\_\_\_\_\_. **Educação Física Progressista: a pedagogia crítico superadora dos conteúdos e a Educação Física brasileira**. 6. ed. São Paulo: Loyola, 1997.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Bela, Maternal e Feminina: imagens da mulher. **Revista Educação Física**. Ijuí: Editora Unijuí, 2003.

\_\_\_\_\_. (org.). **Garimpando memórias: o esporte, educação física, lazer e dança**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

\_\_\_\_\_. **O método francês e a Educação Física no Brasil. Da caserna à escola**. 1992. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Escola Superior de Educação Física, UFRGS, Porto Alegre.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e Esporte no Brasil. Fragmento de uma História Generificada. In: SIMÕES, A.C.; KNIJIK, Jorge D. **O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho**. São Paulo: Aleph, 2004. p.359-374.

\_\_\_\_\_. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a prática**, Goiânia, v. 8, n.1, p. 85-100, 2005.

\_\_\_\_\_. A bela mãe e mulher. **Pro-posições**, Campinas, v.16, n.2, p 79-102, 2005.

GONÇALVES, Alcindo. **Lutas e sonhos: cultura política e hegemonia progressista em Santos**. São Paulo: Edit. UNESP; Santos: Prefeitura Municipal de Santos, 1995.

GONDRA, José Gonçalves. A sementeira do porvir: higiene e infância no século XIX. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 26, n.1, p.99-117, jan./jun.2000.

\_\_\_\_\_. A configuração do discurso pedagógico – a contribuição da medicina. In: FARIA FILHO, L. M. (org.). **Educação, Modernidade e Civilização**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

\_\_\_\_\_. Medicina, higiene e educação escolar. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira et al. ( orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p.519-550.

\_\_\_\_\_. **Artes de civilizar: medicina higiene e educação escolar na corte imperial**. São Paulo, 2000. Tese (Doutorado em Educação) FE/USP, São Paulo.

\_\_\_\_\_. Arquivamento da vida escolar: um estudo sobre O Ateneu. In: Vidal, D. (org.). **Memória e a sombra: a escola brasileira entre o Império e a República**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p.33-58.

\_\_\_\_\_. & ROCHA, Heloisa Helena Pimenta. Estratégias de higienização da organização escolar: a questão do corpo (1852-1902). **Boletín de la Sociedad Argentina de Historia de la Educación**. N.1, p.33-38, 2000.

\_\_\_\_\_(org.). No repouso dos arquivos: o “Ensino Público” na escrita do dr. Pinheiro Guimarães. In: **Dos arquivos à escrita da história**. Bragança Paulista: EDUSF, 2002. p.59-70.

GONDRA, José Gonçalves; GARCIA, Inára. A arte de endurecer “miolos moles e cérebros brandos”: a racionalidade médico-higiênica e a construção social da infância. **Revista Brasileira de Educação**, n.26, p.69-84. Maio/Jun./Jul./Ago. 2004.

HERSCHMANN, Micael e LERNER, Kátia. **Lance de sorte: O futebol e o Jogo do Bicho na Belle Époque Carioca**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1993.

HOBBSAWN, Eric. Certezas solapadas: as ciências e Razão e sociedade. In: **A Era dos Impérios**. São Paulo: Paz e Terra, 1992. p. 339-381.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, n.1, p.9-44, 2001.

KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

LANNA, A. L. D. **Uma cidade na transição: Santos 1870-1913**. São Paulo: Hucitec, 1996.

LINHARES, Meilt Assbú. A produção de uma forma escolar para o esporte: os projetos culturais da Associação Brasileira de Educação (1926-1935) como indícios para a historiografia da Educação Física. In: TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurélio.(Org.). **Educação do Corpo na escola brasileira**. Campinas: Autores Associados. 2006. p. 93-110.

LISTELLO, Auguste. Considerações sobre uma concepção do ensino de Educação Física, Esportes e Recreação. **Revista Brasileira de Educação Física e Desporto**, n.14, p.22-29, mar./abr., 1973.

LISTELLO, Auguste. Considerações sobre uma concepção do ensino de Educação Física, Esportes e Recreação. **Revista Brasileira de Educação Física e Desporto**, n.16, p.63-73, jul./ago., 1973.

MARINHO, Inezil Penna. **A História da Educação Física e dos Desportos no Brasil**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1953.v. 3.

\_\_\_\_\_. **A História da Educação Física e dos Desportos no Brasil**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1954.v. 4

MARINHO, Inezil Penna. **História Geral de Educação Física**. São Paulo: Brasil Editora, 1980.

\_\_\_\_\_. **Educação Física Recreação e Jogos**. São Paulo: Brasil Editora, 1971.

MARQUES, Vera Regina Beltrão. **A Medicalização da Raça: Médico, Educadores e Discurso Eugênico**. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

MELO, Victor Andrade de. **História da educação física e do esporte no Brasil: panorama e perspectivas**. São Paulo: IBRASA, 1999.

\_\_\_\_\_. **Escola Nacional de Educação Física e Desportos: uma possível história**. 1996. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Unicamp, Campinas.

\_\_\_\_\_. A Educação Física nas escolas brasileiras no século XIX: esporte ou ginástica?. In: FERREIRA NETO, Amárico. **Pesquisa Histórica na Educação Física Brasileira**. Aracruz: FACHA, 1998.v.3. p. 180-209.

MILSTEIN, D.; MENDES, H. **La escuela em el cuerpo: estúdios sobre el orden escolar y la construcción social de los alumnos en escuelas primarias**. Madrid: Unigraf S.L. Mósteles, 1999.

MOREIRA, Fernando Diniz. A formação do urbanismo moderno no Brasil: as concepções urbanísticas do engenheiro Saturnino de Brito. In: **Espaço & Debate**. Revista de Estudos Regionais e Urbanos, Ano XVII, n.40 p. 55-69, 1997.

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na Primeira República**. São Paulo: EPU, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.

NICOLINI, Henrique. **Tietê: o Rio do Esporte**. São Paulo: Phorte, 2000.

NUNES, Clarice. (Dês) Encantos da Modernidade Pedagógica. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira et al. **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 385 – 386.

\_\_\_\_\_. A escola reinventa a cidade. In: HERSCHMANN, Micael & PEREIRA, Carlos Alberto Messeder (orgs.). **A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PEREIRA, Maria Aparecida Franco. **Santos nos caminhos da educação popular**. São Paulo: Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. Eduquemos: um manual para formação de professores em Santos, em 1915. **Cadernos do Liceu Santista**, Santos, ano 5, n.8, p.7-18, mar. 2006.

\_\_\_\_\_. A participação da Sociedade Santista numa experiência de Educação Feminina (1902 – 1920). **IV Congresso Brasileiro de História da Educação**. Goiânia, 2006.

\_\_\_\_\_. Liceu Santista e a elite de missionários do progresso. **Cadernos do Liceu Santista**, Santos, ano IV, n.6, p.31-39, mar.2005.

\_\_\_\_\_. Júlio Conceição, um grande homem. **Leopoldianum**, Santos, v. XVI, n. 47, abr.1990.

REVISTA FLAMMA. Santos. 1939.

REVISTA ESTRELLA AZUL. 1905-1930. Associação dos Funcionários da Companhia Docas de Santos.

ROCHA, Heloísa Helena Pimenta. **A higienização dos costumes: educação escolar e saúde no projeto do Instituto de Higiene de São Paulo (1918-1925)**. Campinas: Mercado das Letras ; São Paulo: FAPESP, 2003.

SALOMON, Marlon. O movimento entre duas tecnologias de produção do Espaço. In: \_\_\_\_\_.; SILVA, J. F.; ROCHA, L. M.(orgs.). **Processos de territorialização: entre a História e a Antropologia**.Goiânia: Ed.da UCG, 2005.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil**.(1870-1930). São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **No tempo das certezas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. **As barbas do imperador: D.Pedro II, um monarca nos trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SENNETT, Richard. **Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

SILVA, Ilíada Pires da. Educadores Paulistas: Regeneração Social, República e Nação. In: FERREIRA, Antonio Celso, LUCA, Tânia Regina de, IOKOI, Zilda Gricoli (orgs.). **Encontros com a História: percursos históricos e historiográficos de São Paulo**. São Paulo: Editora UNESP, 1999. p. 125-140.

SILVEIRA, Eder. **Revisitando Artur Neiva: Eugenia, Educação Física e Identidade Nacional**. Disponível em: <[http://www.uol.com.br/Intellèctus/Revista\\_Eletrônica/INSS\\_1676-7640.html](http://www.uol.com.br/Intellèctus/Revista_Eletrônica/INSS_1676-7640.html)>. Acesso em: 22 abr.2006.

SOARES, Carmem Lucia. **O pensamento médico-higienista e a educação física no Brasil: 1850-1930**. São Paulo:Edit. da PUC, 1990.

\_\_\_\_\_. Imagens do Corpo "Educado": um olhar sobre a Ginástica no século XIX. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, supl. 2, p.6-12, 1996.

\_\_\_\_\_. **Educação Física: raízes européias e Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2001.

\_\_\_\_\_. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992. p.61-62.

\_\_\_\_\_. **Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX**. Campinas: Autores Associados, 1998.

\_\_\_\_\_. Corpo, Educação e Natureza. **Projeto História**, Corpo & Cultura. São Paulo, 25, p.69-79, dez./2002.

\_\_\_\_\_. (org.). **Pesquisas sobre o corpo: ciências humanas e educação**. Campinas: Autores Associados, 2007.

SOUSA, Eustáquia Salvadora de. **Meninos, à marcha! Meninas, à sombra!**: a história do ensino da Educação Física em Belo Horizonte (1897-1994). Tese 1994. (Doutorado em Educação) UNICAMP, Campinas.

\_\_\_\_\_ & VAGO, Tarcísio Mauro. A nova LDB: repercussões no ensino de educação física. **Revista Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, v. 3, n.16, p.19-29 jul./ago., 1997.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo: (1890-1910)**. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

\_\_\_\_\_. Inovação educacional do século XIX: a construção do currículo da escola primária no Brasil. **Cadernos CEDES**, Campinas, ano XIX, n.51, p.9-28, nov./2000.

STEPHANOU, Maria. Discursos Médicos e a Educação Sanitária na Escola Brasileira. In: \_\_\_\_ e BASTOS, Maria Helena Câmara (orgs.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2005.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3. p.516-619.

\_\_\_\_\_. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

\_\_\_\_\_ (Org.) "Introdução". In: **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras,. 1998. v.3. p.7-15.

SOUZA NETO, Samuel; ALEGRE, Atilio de Nardi; HUNGER, Dagmar & PEREIRA, Juliana Martins. A formação do profissional de educação física no Brasil: uma história sob a perspectiva da legislação federal no século XX. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, Autores Associados, v.25, n.2, p.113-128, jan.2004.

TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurélio; RANZI, Serlei M. Fischer (orgs.). **História das disciplinas escolares no Brasil**: contribuições para o debate. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

TAGÉ DIAS FERNANDES, Terezinha Fátima. **A Tribuna**. 10,maio,1994.

TELAROLLI JUNIOR, Rodolfo. **Poder e saúde: as epidemias a e formação dos serviços de saúde em São Paulo**. São Paulo: UNESP, 1996.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da Teoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VAGO, Tarcísio Mauro. **Cultura Escolar, cultivo de corpos: educação física e gymnastica como práticas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte**. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

\_\_\_\_\_. Da ortopedia à eficiência dos corpos: a Gymnastica e as exigências da “vida moderna” (Minas Gerais, 1906-1930). **Revista Movimento**, Escola de Educação Física, UFRGS, v.10, n.2, p.77-97, set./dez. 2004.

\_\_\_\_\_. Cidade e educação, modernidade e modernismo. In: SOUSA, C. P. e CATANI, D. B. (orgs.). **Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente**. São Paulo: Escrituras, 1998.

\_\_\_\_\_. Educação Física: um olhar sobre o corpo. **Revista Pedagógica**, p. 65-70, mar./abr. 1995.

\_\_\_\_\_. Educação Física na Revista de Ensino de Minas Gerais (1925-1930): escolarizando jogos para produzir eficiência dos corpos. In: **III Congresso Brasileiro de História da Educação**, 2004. Curitiba, Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

VIDAL, Diana Gonçalves; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **As lentes da história: estudos de história e historiografia da educação no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2005.

VIGARELLO, Georges. A história e os modelos do corpo. **Revista Pro-posições**, Campinas, v.14, n.2 (41), p.21-29, maio/ago. 2003.

VIÑAO, Antonio. Do espaço escolar e da escola como lugar: propostas e questões. \_\_\_\_\_ e ESCOLANO, Agustín. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. Trad. por Alfredo Veiga Neto. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

### III. Fontes Orais:

ENTREVISTA com José Roberto Musa, filho de Oscar da Silva Musa, em 23/01/07.  
ENTREVISTA com Marlene Mazzei, em 30/03/07.

ENTREVISTA com Yolanda Miguel Elias Baldia, em 03/04/07.  
ENTREVISTA com Maria Luisa Tobar, (por telefone) em 21/06/07.

#### **IV. Crédito das ilustrações**

Jornal A Tribuna: 33, 40, 41, 48.

Museu Devaney: 34, 35, 36, 37, 38, 39.

Acervo pessoal de Yolanda Elias Miguel Baldia: 31, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 49, 50, 51, 52.

Acervo pessoal de Maria Aparecida Franco Pereira: 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 21, 22, 24, 25, 26, 29, 30, 53, 54, 55.

Jornal Folha de São Paulo: 20.

Arquivo do Santos Futebol Clube: 32.

Acervo do Clube Internacional de Regatas: 16, 17, 18, 19.

Revista Flamma, 1939: 14, 23.

Revista Estrella Azul, 1905 -1930: 28.

## **APÊNDICES**

Tabelas dos Jogos e Resultados dos “Jogos Colegiais”.

Fonte: Jornal “A Tribuna” no ano de 1954.

<b>Campeonato Colegial de Esportes da Região VOLEIBOL</b>		
<b>Data:</b> 06/05/1954		
<b>Local:</b> Ginásio do Clube Internacional de Regatas		
Horário	Jogos-Categoria	Escolas
15h	1º jogo infantil masculino	Ginásio do Carmo “B” x Colégio Canadá “A”
	2º jogo principiante masculino	Colégio Marçal x Colégio do Carmo “B”
	3º jogo principiante masculino	Colégio Canadá “A” x Ginásio José Bonifácio “A”

<b>Data:</b> 07/05/1954		
<b>Local:</b> Ginásio do Clube Internacional de Regatas		
Horário	Jogos-Categoria	Escolas
8h	infantil masculino	Tarquínio Silva “B” x José Bonifácio “A”
17h	1º jogo principiante masculino	Ginásio do Carmo “A” x Colégio Tarquínio Silva “A”
	2º jogo principiante masculino	Ginásio José Bonifácio “B” x Escolástica Rosa “B”

<b>Data:</b> 08/05/1954		
<b>Local:</b> Quadra do Colégio Marçal		
Horário	Jogos-Categoria	Escolas
15h	1º jogo principiante feminino	Martim Afonso x Colégio Marçal “A”
	2º jogo infantil feminino	Canadá x Tarquínio Silva
	3º jogo infantil feminino	Escolástica Rosa x Educacional
<b>Data:</b> 08/05/1954		
<b>Local:</b> Quadra do Escolástica Rosa		
Horário	Jogos-Categoria	Escolas
16h	1º jogo infantil masculino	José Bonifácio “A” x Tarquínio Silva “B”
	2º jogo infantil masculino	Colégio Santista “B” x Escolástica Rosa “A”

<b>Data:</b> 09/05/1954 <b>Local:</b> Quadra do Escolástica Rosa		
<b>Horário</b>	<b>Jogos-Categoria</b>	<b>Escolas</b>
9h	1º jogo principiante feminino 2º jogo principiante feminino 3º jogo infantil masculino	Educacional x Escolástica Rosa "A" Escolástica Rosa "B" x Canadá "A" José Bonifácio "B" x Tarquínio Silva "A"
11h	Infantil feminino Principiante feminino Infantil masculino Principiante masculino	Canadá x Tarquínio Silva Ginásio do Instit. Educacional x Escolástica Rosa. Martim Afonso x Marçal "A" Educacional x Escolástica Rosa Tarquínio Silva x José Bonifácio "B" Tarquínio Silva "B" x José Bonifácio "A" Tarquínio Silva "A" x Carmo Escolástica Rosa "B" x José Bonifácio "B"  Jogo infantil do Santista e Escolástica Rosa foi interrompido no 1º set em virtude da chuva. Esse 1º set foi ganho pelo Escolástica Rosa por 18 a 16.

<b>Data:</b> 12/05/1954 <b>Local:</b> Ginásio do Clube Internacional de Regatas		
<b>Horário</b>	<b>Jogos-Categoria</b>	<b>Escolas</b>
9h	Principiante feminino	Canadá "B" x Marçal "B"
17h15	Principiante masculino	Escolástica Rosa "B" x Canadá "A"

<b>Data:</b> 14/05/1954 <b>Local:</b> Ginásio do Clube Internacional de Regatas		
<b>Horário</b>	<b>Jogos-Categoria</b>	<b>Escolas</b>
9h	Infantil feminino	Canadá x Martim Afonso
16h	Principiante feminino	Martim Afonso x Canadá "A"
17h	Principiante feminino Principiante masculino	Tarquínio Silva x Vencedor do 1º jogo Escolástica Rosa "A" x Marçal

<b>Data:</b> 15/05/1954 <b>Local:</b> em quadra a ser designada		
<b>Horário</b>	<b>Jogos-Categoria</b>	<b>Escolas</b>
16h	Rodada feminina 1º jogo principiante	Canadá "B" x Marçal "B"
	2º jogo principiante	Martim Afonso x Canadá "A"
	3º jogo principiante	Tarquínio Silva x vencedor do 1º jogo
	Rodada masculina 1º jogo principiante	Tarquínio Silva "B" x Canadá "A"
	2º jogo infantil	Escolástica "B" x Tarquínio Silva "A"

<b>Data:</b> 21/05/1954 ? (24) <b>Local:</b> Quadra do Clube Internacional de Regatas		
<b>Horário</b>	<b>Jogos-Categoria</b>	<b>Escolas</b>
16h		Ginásio Martim Afonso x Canadá "A"

<b>Data:</b> 21/05/1954 ? (24) <b>Local:</b> Quadra do Instituto Educacional		
<b>Horário</b>	<b>Jogos-Categoria</b>	<b>Escolas</b>
15h	Principiante masculino	Tarquínio Silva "B" x Canadá "A"
16h	Infantil masculino	Escolástica Rosa "B" x Tarquínio Silva "B"
17h	Principiante masculino	Colégio Santista x Tarquínio Silva "A"

<b>Data:</b> 21/05/1954 <b>Local:</b> Ginásio do C. R. Vasco da Gama		
<b>Horário</b>	<b>Jogos-Categoria</b>	<b>Escolas</b>
17h	Principiante masculino.	Conclusão do jogo Tarquínio Silva "A" x Colégio Santista
17h30	Infantil masculino	Canadá "B" x Tarquínio Silva "A"

<b>Data:</b> 22/05/1954 <b>Local:</b> Quadra do Colégio Marçal		
---	--	--

Horário	Jogos-Categoria	Escolas
16h	Principiante feminino	Educacional x vencedor do jogo Tarquínio silva x Canadá "B"

**Data:** 22/05/1954  
**Local:** Quadra do Escolástica Rosa

Horário	Jogos-Categoria	Escolas
16h30	Final do Infantil masculino	Tarquínio Silva "B" x Santista "A".

**Data:** 22/05/1954  
**Local:** Quadra do Escolástica Rosa

Horário	Jogos-Categoria	Escolas
16h45	Final do Infantil feminino	Escolástica Rosa x Canadá.
17h	Infantil masculino	Vencedor do Canadá "B" x Tarquínio Silva "A" Vencedor de Santista "B" x Colégio do Carmo "A"
17h45	Principiante masculino	Canadá "A" x vencedor Santista x Tarquínio Silva "A"

**Data:** 22/05/1954  
**Local:** Ginásio do C. R. Vasco da Gama

Horário	Jogos-Categoria	Escolas
17h	Principiante masculino	Conclusão do jogo Tarquínio Silva "A" x Colégio Santista
17h30	Infantil masculino	Canadá "B" x Tarquínio Silva "A"

**Data:** 22/05/1954  
**Local:** Quadra do Escolástica Rosa

Horário	Jogos-Categoria	Escolas
16h15	Infantil masculino	Tarquínio Silva "B" x Santista "A"
16h45	Infantil masculino	Colégio Santista "B" x Canadá "B"
17h45	Principiante masculino	Canadá "A" x Santista

<b>Data:</b> 22/05/1954 <b>Local:</b> Quadra do Colégio Marçal		
<b>Horário</b>	<b>Jogos-Categoria</b>	<b>Escolas</b>
15h30	Final infantil feminino.	Escolástica Rosa x Canadá
16h45	Final principiante feminino	Canadá "B" x Educacional

<b>Data:</b> 23/05/1954 <b>Local:</b> Quadra do Escolástica Rosa		
<b>Horário</b>	<b>Jogos-Categoria</b>	<b>Escolas</b>
9h	1º jogo final do certame infantil masculino 2º jogo final do certame principiante masculino	

<b>Data:</b> 25/05/1954 <b>Local:</b> Quadra do Escolástica Rosa		
<b>Horário</b>	<b>Jogos-Categoria</b>	<b>Escolas</b>
16h45	Infantil masculino	Tarquínio Silva "B" x Santista "A"
16h45	Infantil masculino	Colégio Santista "B" x Canadá "B"
17h15	Principiante masculino	Canadá "A" x Santista

<b>Data:</b> 27/05/1954 <b>Local:</b> Quadra do Escolástica Rosa		
<b>Horário</b>	<b>Jogos-Categoria</b>	<b>Escolas</b>
15h30	Final infantil feminino	Escolástica Rosa x Canadá
16h15	Final principiante feminino	Canadá "B" x Educacional

<b>Data:</b> 2 /05/1954 <b>Local:</b> Ginásio do Clube Internacional de Regatas		
<b>Horário</b>	<b>Jogos-Categoria</b>	<b>Escolas</b>
16h	Principiante masculino	Canadá "A" x Canadá "B"
17h	Infantil masculino	Santista "A" x Santista "B"

<b>Data:</b> amanhã – quinta-feira <b>Local:</b> Quadra do Escolástica Rosa		
<b>Horário</b>	<b>Jogos-Categoria</b>	<b>Escolas</b>
16h	1º jogo infantil feminino	Canadá x Escolástica Rosa
17h	2º jogo principiante feminino	Canadá “B” x Educacional

<b>Campeonato Colegial de Esportes da Região BOLA AO CESTO</b>		
<b>Data:</b> 26/05/1954 <b>Local:</b> Quadra do Escolástica Rosa		
<b>Horário</b>	<b>Jogos-Categoria</b>	<b>Escolas</b>
9h15	Principiante masculino	Escolástica Rosa “A” x José Bonifácio “A”
10h	Principiante masculino	Tarquínio Silva “B” x José Bonifácio “B”
15h30	Infantil masculino	Escolástica Rosa “A” x Marçal “A”
16h15	Infantil masculino	Escolástica Rosa “B” x Educacional

<b>Data:</b> 26/05/1954 <b>Local:</b> Quadra do Marçal		
<b>Horário</b>	<b>Jogos-Categoria</b>	<b>Escolas</b>
8h30	Principiante masculino	Marçal “B” x Tarquínio “A”
9h15	Principiante masculino	Marçal “A” x Macuco
15h	Infantil masculino	Carmo “A” x Macuco
15h45	Principiante masculino	Carmo “B” x Canadá “A”
16h30	Infantil masculino	São Paulo x José Bonifácio

<b>Data:</b> 29/05/1954 <b>Local:</b> Quadra do Escolástica Rosa		
<b>Horário</b>	<b>Jogos-Categoria</b>	<b>Escolas</b>
15h	1º jogo principiante masculino	Carmo "A" x São Paulo "A"
	2º jogo principiante masculino	Escolástica "B" x São Paulo "B"

<b>Data:</b> 31/05/1954 <b>Local:</b> Ginásio do clube Internacional de Regatas		
<b>Horário</b>	<b>Jogos-Categoria</b>	<b>Escolas</b>
15h	1º jogo principiante masculino	Canadá "B" x Santista
	2º jogo infantil masculino	Santista x Canadá "A"
	3º jogo infantil masculino	Educacional x vencedor Canadá "B" x Tarquínio Silva "A"

<b>Data:</b> 01/06/1954 <b>Local:</b> Ginásio do clube Internacional de Regatas		
<b>Horário</b>	<b>Jogos-Categoria</b>	<b>Escolas</b>
15h	1º jogo infantil masculino	Canadá "B" x Tarquínio "A"
	2º jogo principiante masculino	Escolástica "A" x Tarquínio Silva "A"

<b>Data:</b> 02/06/1954 <b>Local:</b>		
<b>Horário</b>	<b>Jogos-Categoria</b>	<b>Escolas</b>
	1º jogo infantil masculino	Canadá "B" x Tarquínio Silva "A"
	2º jogo principiante masculino	Escolástica Rosa "A" x Tarquínio Silva "A"

<b>Data:</b> 03/06/1954 <b>Local:</b> Ginásio do Clube de Regatas Vasco da Gama		
<b>Horário</b>	<b>Jogos-Categoria</b>	<b>Escolas</b>
16h30	1º jogo infantil masculino	Canadá "A" x Marçal "A"
	2º jogo principiante masculino	Escolástica "A" x São Paulo "B"

<b>Data:</b> 04/06/1954		
<b>Horário</b>	<b>Jogos-Categoria</b>	<b>Escolas</b>
15h30	1º jogo infantil masculino 2º jogo principiante masculino	São Paulo "A" x Macuco Vencedor de Canadá "A" x Santista x vencedor de Carmo "A" x São Paulo "A"
16h	3º jogo infantil masculino	Educacional x vencedor de Canadá "B" x Tarquínio "A"

<b>Data:</b> 05/06/1954 <b>Local:</b> Quadra do Escolástica Rosa		
<b>Horário</b>	<b>Jogos-Categoria</b>	<b>Escolas</b>
16h30	1º jogo principiante 2º jogo infantil 3º jogo principiante	Tarquínio Silva "B" x Escolástica "B" Tarquínio "B" x Santista Escolástica "A" x vencedor Santista x São Paulo "A"

<b>Data:</b> 06/06/1954 <b>Local:</b> Quadra do Escolástica Rosa		
<b>Horário</b>	<b>Jogos-Categoria</b>	<b>Escolas</b>
9h	1º jogo infantil 2º jogo	Vencedor do jogo Educacional x Tarquínio Silva "A" x vencedor Macuco x São Paulo "A" Vencedor do jogo Tarquínio Silva "B" x Santista x vencedor do jogo Escolástica Rosa "A" x São Paulo "B"

<b>Data:</b> 08/06/1954 <b>Local:</b> Ginásio do Clube Internacional de Regatas		
<b>Horário</b>	<b>Jogos-Categoria</b>	<b>Escolas</b>
16h15	Infantil	Tarquínio Silva "A" x Macuco
17h15	Infantil	Tarquínio Silva "B" x Escolástica "B"
18h	Principiante	Tarquínio Silva "B" x Colégio Santista

<b>Data:</b> 10/06/1954 <b>Local:</b> Ginásio do Clube Internacional de Regatas		
<b>Horário</b>	<b>Jogos-Categoria</b>	<b>Escolas</b>
17h	Principiante	Escolástica Rosa "A" x Colégio Santista
17h45	Principiante	Canadá "A" x vencedor Tarquínio Silva "B" x Escolástica Rosa "B"

<b>Data:</b> 11/06/1954		
<b>Horário</b>	<b>Jogos-Categoria</b>	<b>Escolas</b>
	Infantil	São Paulo "B" x vencedor do jogo Tarquínio Silva "B" x Colégio Santista

<b>Data:</b> 12/06/1954 <b>Local:</b>		
<b>Horário</b>	<b>Jogos-Categoria</b>	<b>Escolas</b>
	1º jogo semifinal do torneio de bola ao cesto infantil	Liceu São Paulo "B" x Colégio Santista. Vencedor joga contra o Tarquínio Silva "A" na final
	2º jogo semifinal do torneio de bola ao cesto principiante	Escolástica Rosa "A" x Colégio santista e Canadá "A" x Tarquínio "B"

<b>Data:</b> 13/06/1954 <b>Local:</b>		
<b>Horário</b>	<b>Jogos-Categoria</b>	<b>Escolas</b>
	1º jogo final infantil	Ginásio São Paulo "B" x Tarquínio Silva "A"
	2º jogo final principiante	Escolástica Rosa "A" x Canadá

**Campeonato Colegial de Esportes da Região  
BOLA AO CESTO FEMININO**

**Data:** 14/08/1954

**Local:** Quadra do Escolástica Rosa

<b>Horário</b>	<b>Jogos-Categoria</b>	<b>Escolas</b>
15h	1º jogo principiante	Marçal x Escolástica Rosa
	2º jogo infantil	Canadá x Tarquínio Silva
	3º jogo principiante	Macuco x Tarquínio Silva
16h	Principiante	São Paulo x José Bonifácio

**Data:** 15/08/1954

**Local:** Quadra do Escolástica Rosa

<b>Horário</b>	<b>Jogos-Categoria</b>	<b>Escolas</b>
15h	1º jogo infantil	Macuco x Escolástica Rosa
	2º jogo principiante	Canadá "A" x Educacional
	3º jogo principiante	Canadá "B" x vencedor do jogo São Paulo x José Bonifácio

**Data:** 18/08/1954

**Local:** Ginásio do Clube Internacional de Regatas

<b>Horário</b>	<b>Jogos-Categoria</b>	<b>Escolas</b>
	Principiante	Canadá "B" x Escolástica Rosa

**Data:** 22/08/1954

**Local:** Quadra do Escolástica Rosa

<b>Horário</b>	<b>Jogos-Categoria</b>	<b>Escolas</b>
8h	Final infantil	Escolástica Rosa x Canadá
	Final principiante	Canadá "A" x Canadá "B"

**Data:** 27/08/1954

**Local:** Ginásio do Clube Internacional de Regatas

<b>Horário</b>	<b>Jogos-Categoria</b>	<b>Escolas</b>
9h	Final	Canadá x Escolástica Rosa

<b>ATLETISMO</b>	
<b>Local:</b> Clube de Regatas Saldanha da Gama	
<b>Contagem Geral</b>	
1º Escolástica Rosa	139 pontos
2º Colégio Canadá	115 pontos
3º Ginásio Estadual de Iguape	78 pontos
4º Ginásio São Paulo	52 pontos
5º Colégio santista	47 pontos
6º Ginásio do Carmo	28 pontos
7º Ginásio Estadual Macuco	27 pontos
8º Ginásio José Bonifácio	16 pontos

<b>Campeonato Colegial de Natação</b>	
<b>Data:</b> 27/08/1954	
<b>Local:</b> Piscina do Clube Internacional de Regatas	
<b>Colégios</b>	
Canadá, Carmo, Tarquínio Silva, Liceu São Paulo, Marçal e Colégio Santista	

<b>Data:</b> 04/09/1954	
<b>Vencedores</b>	
1º Canadá	218 pontos
2º Colégio Santista	174 pontos
3º Liceu São Paulo	24 pontos
4º Carmo	13 pontos

<b>Campeonato Colegial Feminino de Atletismo</b>	
<b>Data:</b> 29/08/1954	
<b>Colégios</b>	
Canadá, Escolástica Rosa, José Bonifácio, Marçal e Ginásio São Paulo	

<b>Resultados</b>	<b>Voleibol</b>	
Infantil feminino	Canadá 2 X Tarquínio 0	(15-9 e 15-8)
Principiante feminino	Educacional 1 X Escolástica 2	(15-11, 10-15 e 15-1)
Principiante feminino	Martim Afonso 2 X Marçal "A" 0	(15-7 e 16-14)
Principiante feminino	Educacional 2 X Escolástica 1	(15-6, 0-15 e 15-12)
Infantil masculino	Tarquínio venceu José Bonifácio "B"	Por ausência
Infantil masculino	Tarquínio Silva "B" 2 X José Bonifácio "A" 0	(15-7 e 15-2)
Principiante masculino	Tarquínio Silva "A" 2 X Carmo 0	(15-13 e 15-6)

Principiante masculino	Escolástica Rosa "B" 2 X José Bonifácio "B" 0	(15-6 e 15-9)
Infantil masculino	Santista "B" X Escolástica Rosa	Interrompido após 1ºset (16-18)
Principiante feminino	Canadá "B" 2 X Marçal 0	(15-4 e 15-7)
Infantil feminino	Canadá 2 X Marçal 0	(15-10 e 15-2)
Principiante masculino	Canadá "A" 2 X Escolástica Rosa 0	(15-10 e 15-10)
Infantil masculino	Santista "A" 2 X Canadá "A" 0	(15-4 e 15-8)
Infantil masculino	Santista "B" 2 X Escolástica Rosa "A" 1	(16-18, 15-7 e 15-8)
Infantil masculino	Canadá 2 x Carmo 0	(15-4 e 13-3)
Principiante masculino	Marçal 2 X Carmo 0	(15-9 e 15-10)
Principiante masculino	Canadá "B" 2 X José Bonifácio "B"0	(15-1 e 15-9)
Principiante feminino	Canadá "B" 2 Marçal "B" 0	(15-4 e 15-7)
Infantil feminino	Canadá 2 X Marçal 0	(15-10 e 15-2)
Principiante masculino	Canadá "A" 2 X Escolástica Rosa 0	( 15-10 e 15-10)
Infantil masculino	Colégio Santista "A" 2 X Canadá "A" 0	(15-4 e 15-8)
Infantil masculino	Colégio Santista "B" 2 X Escolástica Rosa "A" 0	(16-10 e 15-7)
Principiante masculino	Escolástica Rosa 2 X Marçal 1	(15-10, 13-15 e 15-6)
Infantil masculino	Santista "B" 2 X Carmo "A" 0	(15-2 e 15-5)
Principiante masculino	Canadá "B" 2 X Escolástica Rosa "A" 1	(15-12, 14-16 e 15-13)
Principiante feminino	Canadá "B" 2 X Tarquínio Silva 0	(15-8 e 15-3)
Infantil masculino final	Colégio Santista "A" 2 X Colégio Santista "B" 1	(15-6, 10-15 e 15-11)
<b>Turma vencedora</b>		
Rubens Novais, Manoel <sup>a</sup> Ferreira, Carlos Leite, Luiz Mesquita, Roberto A. Capela, Roberto Maneto, Alfredo DellAringa e Roberto Chadad		

<b>Resultados</b>	<b>Voleibol</b>	
Infantil feminino	Canadá 2 x Escolástica Rosa 0	(15-6 e 15-8)
<b>Turma vencedora</b>		
Maria Cristina, Maria Aparecida Martins, Anamaria Teixeira, Cleide Fernandes, Silvia Guerchenson, Marta, Liana e Giselda Cruz.		
<b>Resultados</b>	<b>Voleibol</b>	
Principiante masculino	Canadá "B"2 x Canadá "A" 1	(15-1, 13-15 e 15-11)
<b>Turma vencedora</b>		
Ari Pena, Câmara, Valter Ribeiro, Eduardo P.Freschet, Valter M. Filho, Marcilio Ribeiro, José Freixo e Valdemar Vasconcelos		

<b>Resultados</b>	<b>Voleibol</b>	
Principiante feminino	Canadá "B" 2 x Educacional 0	(15-7 e 15-0)
<b>Turma vencedora</b>		
Nilza Gonçalves, Marilda Costa, Guacira Freire, Leni Real, Gloria Peralta Junior, Ieda Souto e Neide Dias Coelho.		

<b>Resultados</b>	<b>Bola ao Cesto</b>
Infantil masculino	Instituto Educacional 19 x Escolástica Rosa "B" 11 Escolástica Rosa "A" 10 x Marçal 6 Liceu São Paulo 12 x José Bonifácio 2
Principiante masculino	Tarquínio Silva "A" 24 x Marçal "B" 15 Marçal "A" 36 x Macuco 19 Escolástica Rosa "A" 42 x José Bonifácio "A" 8 Tarquínio Silva "B" 29 x José Bonifácio "B" 5
Principiante masculino	Escolástica Rosa "B" 20 x Liceu São Paulo 7 Liceu São Paulo "A" 35 x Colégio do Carmo "A" 13 Santista 24 x Canadá "B" 18
Infantil masculino	Santista 11 x Canadá "A" 9
Infantil masculino	Tarquínio "A" 14 x Canadá "B" 9
Principiante masculino	Escolástica Rosa "A" 22 x Tarquínio Silva "A" 20
Principiante masculino	Canadá "A" 32 x Marçal "A" 27
Infantil masculino	Ginásio São Paulo "B" 14 x Escolástica Rosa "A" 8
Infantil masculino	Colégio Santista 32 x Tarquínio Silva "B" 13 Ginásio do Macuco 8 x Tarquínio Silva "A" 13
Principiante masculino	Tarquínio Silva "B" 31 x Escolástica Rosa "B" 18
Principiante masculino	Escolástica Rosa "A" 17 x Colégio Santista 9 Canadá "A" 39 x Tarquínio Silva "B" 22
Infantil masculino	Ginásio São Paulo "B" 14 X Tarquínio Silva "A" 12
Principiante masculino	Escolástica Rosa "A" 40 X Canadá 36

**Campeões****Local:** Ginásio São Paulo e Escolástica Rosa

Infantil feminino	Canadá 16 x Tarquínio Silva 5	(15-7 e 15-0)
<b>Turma vencedora</b>		
Cleide, Nilva, Maria Aparecida, Marta, Inês, Marília, Vitória, Marilice e Telma		

Principiante feminino	José Bonifácio 12 x São Paulo 7 Escolástica Rosa 12 x Marçal 8 Canadá "A" 21 x Tarquínio Silva 7 Canadá "B" 16 x José Bonifácio 10 Escolástica Rosa 12 X Marçal 8	
<b>Turma vencedora</b>		
Benicia, Beatriz, Sidalia, Tercília, Neide e Hilda		

Final infantil feminino	Canadá 19 X Escolástica Rosa 3	
<b>Turma vencedora</b>		
Cleide, Maria Aparecida, Nilva, Inês, Marta, Marília, Marilice, Vitória e Selma.		

### Campeonato Colegial Feminino de Atletismo

**Data:** 29/08/1954

**Local:** Saldanha da Gama

Horário	Jogos-Categoria	Escolas
15h	Atletismo feminino Atletismo masculino 21 e 22/08/1954	Canadá, Escolástica Rosa, José Bonifácio, Marçal e Ginásio São Paulo

### Campeonato Colegial de Natação

**Data:** 27/08/1954

**Local:** Piscina do Internacional de Regatas

Horário	Jogos-Categoria	Vencedores
15h	Atletismo feminino Atletismo masculino 21 e 22/08/1954	1º Canadá 2º Santista

### Campeonato Colegial de Futebol

**Futebol**

**Local:** jogo realizado em Vila Belmiro

**Vencedor:** José Bonifácio

Organograma do Colégio Estadual e Escola Normal Canadá em 1954.

### COLÉGIO ESTADUAL “CANADÁ” - 1954

<b>ESCOLA PRIMÁRIA MODELO</b> <b>Total: 160 alunos</b>	
<b>GINÁSIO</b> <b>1º ciclo diurno</b> 1ª série: 150 alunos 2ª série: 145 alunos 3ª série: 148 alunos 4ª série: 120 alunos <b>TOTAL: 563 alunos</b>	<b>Curso noturno</b> Ginásial: 90 alunos 2º ciclo: 125 alunos <b>TOTAL: 215 alunos</b>
<b>2º ciclo diurno</b> 1º científico: 70 alunos 2º científico: 25 alunos 3º científico: 30 alunos 1º clássico: 30 alunos 2º clássico: 20 alunos 3º clássico: 15 alunos <b>TOTAL: 210 alunos</b>	<b>Escolar Normal</b> Pré: 66 alunos 1º Profissional: 40 alunos 2º Profissional: 12 alunos <b>TOTAL: 118 alunos</b>  <b>Total geral dos alunos 1266.</b>
<b>Corpo docente</b> 9 professores efetivos 16 interinos 1 comissionado 18 contratados <b>TOTAL: 44</b>	<b>Canadá</b> 1 diretor 2 vice-diretores 6 auxiliares de ensino sendo: 5 preparadores e 1 visitadora educacional  <b>Pessoal administrativo</b> 1 secretário 1 escriturário 1 bibliotecário 2 auxiliares de escritório 3 inspetores de alunos 1 porteiro 6 serventes

## Lista das campeãs da Travessia do canal à nado.

1937	Cristiane Von Wieser	C. R. Saldanha da Gama
1938	não houve disputa	
1939	Ivone D'Ascola	C. R. Saldanha da Gama
1940	Ivone D'Ascola	C. R. Saldanha da Gama
1941	Ilsa Cardim	C. R. Saldanha da Gama
1942	Ivone D'Ascola	C. R. Saldanha da Gama
1943	Ilza Barcelos	C. R. Saldanha da Gama
1944	Ilsa Cardim	C. R. Saldanha da Gama
1945	não houve disputa	
1946	Rosa Russo	C. R. Saldanha da Gama
1947	Maria Emilia Russo	C. R. Saldanha da Gama
1948	Marlene Couto Ziegert	C. R. Tumiarú
1949	Marlene Couto Ziegert	C. R. Tumiarú
1950	Daise Gomes de Sousa	C. R. Tumiarú
1951	Rosa Russo	C. R. Saldanha da Gama
1952	Marion Méier	C. R. Saldanha da Gama
1953	Marion Méier	C. R. Saldanha da Gama

Recordes do Atletismo Feminino/Jogos Colegiais (1951 –1953).

1a. série	50 m rasos	Diva R. Moreira	7,6/10	Escolástica Rosa	1953
2a. série	50 m rasos	Lauret Godoy		Canadá	1951
		Carmem Silvia		José Bonifácio	
		Terezinha Fialho		Educacional	
		Marilene G. Ferreira	7,7/10	Canadá	1953
3a. série	75 m rasos	Lauret Godoy	10,7	Canadá	1953
4a. série	75 m rasos	Esmeralda Trindade	10,9	Tarquínio Silva	1951
1a. série	reves. 4x50	Yukiko Kaeryama			
		Diva R. Moreira			
		Marlene Santos			
		Neusa Marujo	31''	Escolástica Rosa	1953
2a. série	reves. 4x50	Neide Vieira, Neide D. Coelho, Marilene G.Ferreira	30,3/10	Canadá	1953
3a. série	reves. 4x75	Lauret Godoy, Regina Massumoto, Maria Luisa Hernandez Tobar e Marta Puga	44''4/10	Canadá	1953
4a. série	4x75	Donaria Camargo, Maria Cecília Braga, Maria Helena Braga e Regina Célia Offa	45''2/10		1953

Salto em altura

1a. série	Carmem de Barros	1,20 m	Canadá	1951
2a. série	Marli de Oliveira	1,25 m	Canadá	1951
3a. série	Raquel Anselmo	1,30 m	Tarquínio Silva	1951
	Abigail Checherelo	1,35 m	Canadá	1953
	Raquel Anselmo	1,35 m	Tarquínio Silva	1953

Arremesso de peso (3 quilos)

Terezinha Lopes	8,82 m	José Bonifácio	1953
Marlene Mazzei	9,24 m	Canadá	1953

## **ANEXOS**

**ANEXO 1** – Designação de Oscar da Silva Musa como inspetor regional do Departamento de Educação Física, na Inspeção regional de Ribeirão Preto, 1939.



Secretaria dos Negócios da Educação e Saúde Pública

Departamento de Educação Física do Estado de S. Paulo

N.º .....

---

C O P I A :

PORTARIA Nº 237

Designo o sr. prof. OSCAR SILVA MUSA,

inspetor regional deste Departamento, para servir na Inspeção Regional de Educação Física de Ribeirão Preto, com sede naquela cidade, e compreendendo, entre outros, os municípios de: Bebedouro, Pitangueiras, Jaboticabal, Monte Alto, Guariba, Pirassununga, Palmeiras, Descalvado, Igarapava, Franca, Batatais, Casa Branca, S. José do Rio Pardo, Cajuru, São Simão, Cravinhos, Sertãozinho, Jardinópolis, Orlandia, São Joaquim, Ituverava, ficando com a atribuição de dirigir em toda a região os serviços de: Educação Física nos cursos primário, secundário e profissional, Parques Infantis e Colônia de Férias.

São Paulo, 12 de dezembro de 1939.

*Edm. Carvalho*

Edmundo Carvalho  
diretor geral

**ANEXO 2** – Atestado de tempo de serviço do prof. Oscar da Silva Musa no Ginásio do Estado em Ribeirão Preto, 1938.



# Diretoria do Ginásio do Estado

## Ribeirão Preto

N.º .....

Em 5 de Abril de 1938



A T E S T O a pedido verbal de pessoa interessada, que o Sr. OSCAR DA SILVA MUSA, professor substituto de Educação Física deste Ginásio, vem exercendo o seu cargo desde 1.º de Agosto de 1935, com bastante eficiência, concorrendo com suas aulas técnicas e teóricas, para o desenvolvimento físico dos alunos deste estabelecimento.

O esforço, a dedicação e os conhecimentos técnicos do referido professor, têm trazido os alunos sempre interessados pelas aulas que leciona a ponto de conseguir para este Ginásio, além de turmas bem preparadas na cultura física, como equipes esportivas valorosas.

Diretoria do Ginásio do Estado em Ribeirão Preto, aos 5 dias do mês de Abril de 1938.

O. DIRETOR,



*2 anos 7 m.*

## ANEXO 3 – Atualização de vencimentos do prof. Oscar da Silva Musa, 1951.

APOSTILA  
P. 22.604-51  
AM.

Nos termos do artigo 6º, da Lei nº 211, de 7-12-1948, fica assegurada ao funcionário de que trata este Certificado, sr. OSCAR DA SILVA MUSA, Técnico de Educação, lotado do Departamento de Educação Física, a diferença de vencimentos entre as classes "M" e "N", antigas, ou sejam Cr. \$500,00 (quinhentos cruzeiros) mensais.

SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO, São Paulo, em 11 de maio de 1951.

*Juvenal Lino de Mattos*  
JUVENAL LINO DE MATTOS

Publicada no "Diário Oficial", de 15 de Maio de 1951.

**S. E. S. P.  
D. PESSOAL  
REGISTRADO**  
*Lida Oscar Musa*  
16-5-951  
D-12.S.E em 11-5-1951  
*Lenny Piza Guimarães*  
LENY PIZA GUIMARÃES  
Escrit.  
*João Rossini Zumbano*  
João Rossini Zumbano

AVERBOU-SE  
Encaminhe-se Insti .....  
Escrit, 16/5 em 21 de Maio de 1951  
*Adelia Perrone*  
ADELIA PERRONE  
Encarregada de Serviço

**Extraiu-se o aumento de vencimentos  
INSTITUTO DE PREVIDÊNCIA DO ESTADO**

**OTAVO CARTÓRIO DE REGISTRO  
WILSON ALBUQUERQUE  
Rua XV de Novembro, 20  
Autentica a presente cópia fotostática, a fim de garantir a sua validade em todo o território do Estado, em conformidade com o original, nos termos do art. 1º da Lei nº 1.234, de 1950.**  
7 - FEV 1951  
*At. Wilson Albuquerque*

I.P.

#### ANEXO 4 – Galeria de Fotos.



Na década de 1940 as olimpíadas dos colégios religiosos, alunas dos colégios “São José” e “Stella Maris”.



Na década de 1940 as olimpíadas dos colégios religiosos, alunas dos colégios “São José” e “Stella Maris”.



Na década de 1940 as olimpíadas dos colégios religiosos, alunas dos colégios “São José” e “Stella Maris”



Na década de 1940 as olimpíadas dos colégios religiosos, alunas dos colégios “São José” e “Stella Maris”

**ANEXO 5 – Galeria de Fotos.**

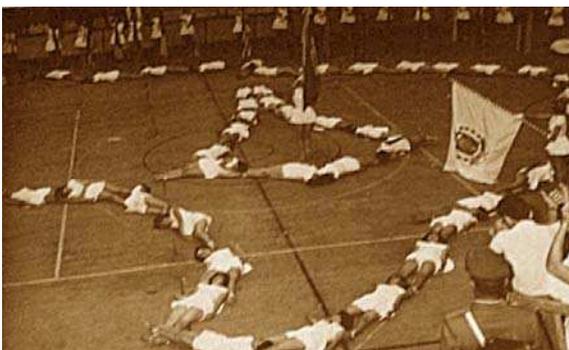
Demonstração de ginástica em 1952, no Internacional.



Demonstração de ginástica em 1952, no Internacional.

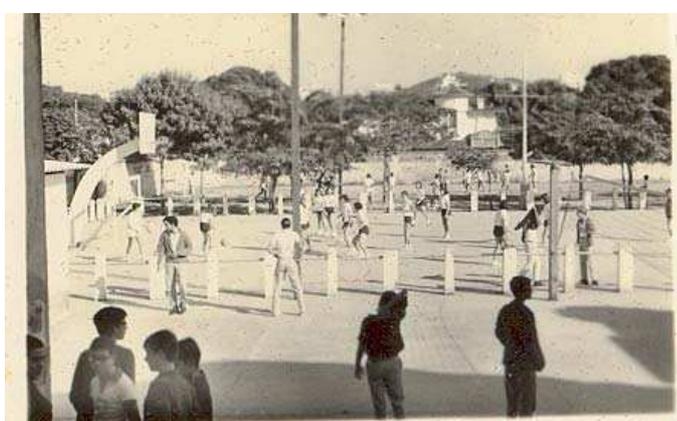


Equipe do Canadá campeã infantil de voleibol – 1952.

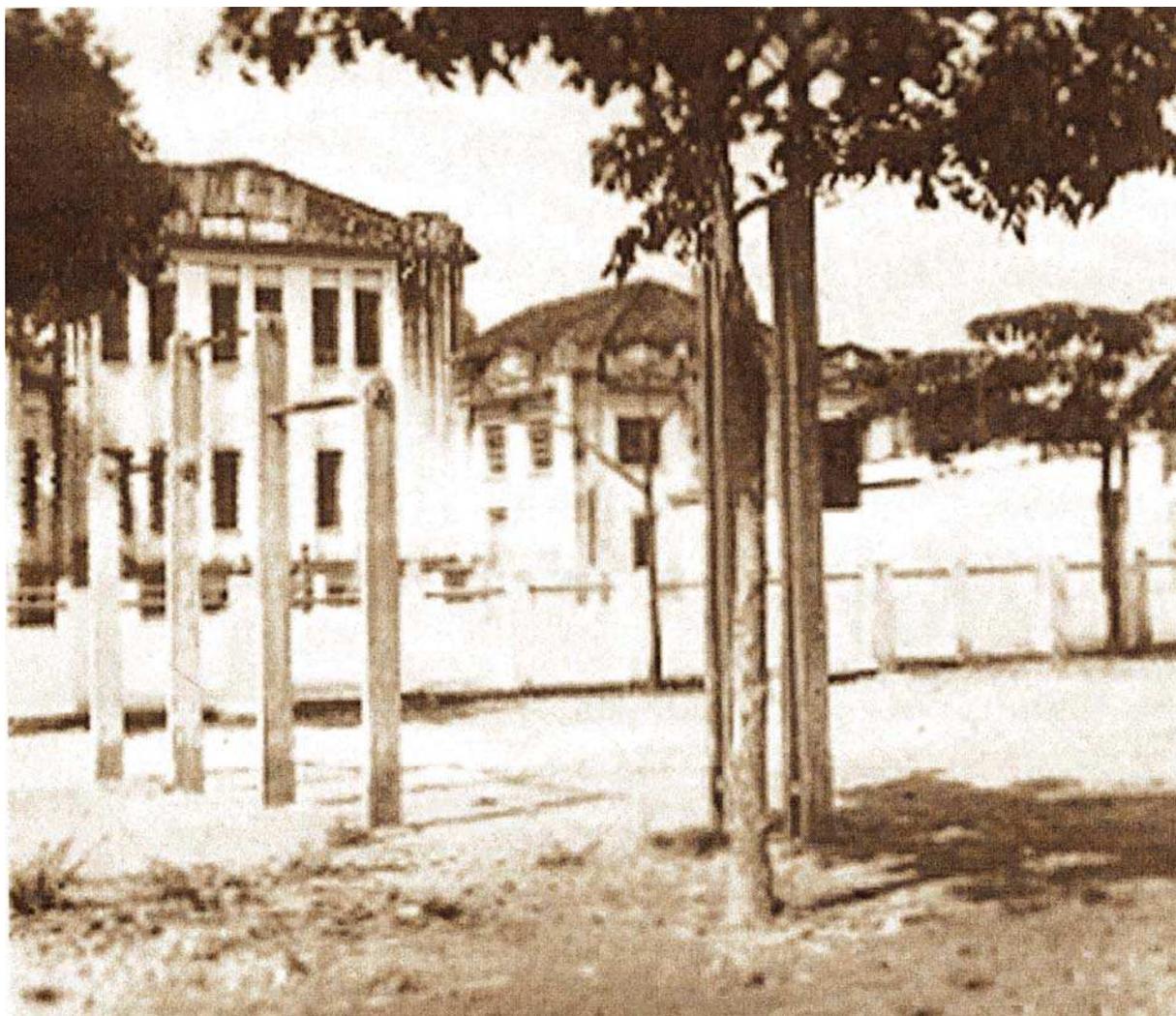


Demonstração de ginástica em 1952, no Internacional.

**ANEXO 6 – Galeria de Fotos**



**ANEXO 7** – Praça de Esportes do “Canadá” anterior ao ginásio coberto.



Fonte: Fundação Arquivo e Memória de Santos.